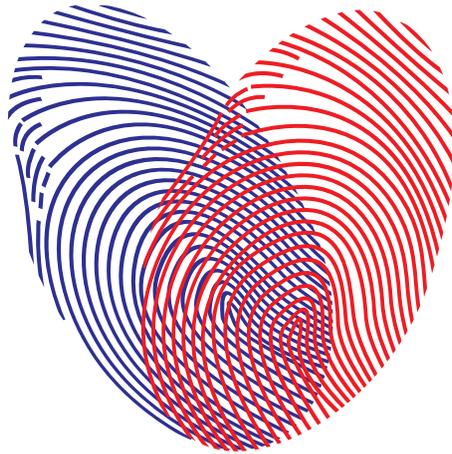


ANTHONY BEUX TESSARI
ORGANIZADOR

JUNTOS NA DIVERSIDADE

EXPERIÊNCIAS DE PRESERVAÇÃO DA
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL
NA SERRA GAÚCHA





JUNTOS NA DIVERSIDADE

EXPERIÊNCIAS DE PRESERVAÇÃO DA DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA E CULTURAL NA SERRA GAÚCHA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:

Odacir Deonísio Graciólli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:

Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:

Gelson Leonardo Rech

Coordenadora da Educs:

Simone Côrte Real Barbieri

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldo Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgaro (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)

ANTHONY BEUX TESSARI
organizador



JUNTOS NA DIVERSIDADE

EXPERIÊNCIAS DE PRESERVAÇÃO DA DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA E CULTURAL NA SERRA GAÚCHA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Projeto executado através do Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº 14.017/20.

© do organizador
1ª edição: 2021

Revisão: Izabete Libra Polidoro Lima
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

J95 Juntos na diversidade : experiências de preservação da diversidade linguística e cultural na Serra gaúcha / organização Anthony Beux Tessari. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2021.
164 p.; il.: 16 x 23cm.

Apresenta bibliografia.
ISBN 978-65-5807-081-8

1. Pluralismo cultural – Serra, Região (RS). 2. Cultura – Serra, Região (RS).
3. Linguagem e línguas – Variação – Serra, Região (RS). I. Tessari, Anthony Beux.

CDU 2.ed.: 316.72(816.5)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Pluralismo cultural – Serra, Região (RS)	316.72(816.5)
2. Cultura – Serra, Região (RS)	316.7(816.5)
3. Linguagem e línguas – Variação – Serra, Região (RS)	81'282(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197
Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



EDITORA AFILIADA



SUMÁRIO

Apresentação – O livro do projeto *Juntos na diversidade* / 7
Anthony Beux Tessari (IMHC-UCS)

SEÇÃO I DISCUTINDO HISTÓRIA E CONCEITOS / 20

1 História do Rio Grande do Sul e formação da diversidade cultural / 21
Ramon Victor Tisott (UCS)

2 Eu e o outro: identidade e diversidade / 29
Everaldo Cescon (UCS)

3 Educação e diversidade linguística e cultural / 35
Delcio Antônio Agliardi (UCS)

**4 Políticas públicas de preservação da diversidade linguística e cultural:
o caso do Rio Grande do Sul / 43**
João Wianey Tonus

5 Patrimônios comuns: a importância das diversidades / 53
Grasiela Tebaldi Toledo (Iphan-RS)

SEÇÃO II PRÁTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO E CULTURAL NA SERRA GAÚCHA / 59

6 *Talian non desmentegar* / 61
Fernando Roveda (Agência de Desenvolvimento do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Antônio Prado, RS)

7 *Talian no projeto Juntos na diversidade* / 69

Maria Inês Bernardi Chilanti (Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado, RS)

8 *Vivenciando uma Noite de filó* / 79

Maria Luiza Rech Ravanello

9 *Os filós da Família João XXIII* / 89

Maria Inês Bernardi Chilanti (Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII)

10 *Cultura e talento Di Lemos* / 97

Associação Caminhos de Faria Lemos

11 *Ricordarse* / 103

Rubia Corso Simioni (Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnaldo Ballvé)

12 *Alles Gut* / 113

Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul – Alles Gut

13 *Uma experiência gratificante: a música e a construção de cidadania* / 119

Rosa Veronese (Escola de Samba Acadêmicos Pérola Negra)

14 *Cantando in Talian* / 125

Grupo de Dança e Cantoria Voce dei Monti

15 *Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha* / 131

Gilberto L. Colombo (Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha)

16 *Oficinas de artesanato e de cultura indígena* / 139

Orilde Ribeiro (Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Nivo)

17 *Coral Pequenos Cantores, cantando nossas origens* / 145

Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pequenos Brilhantes

18 *A Braspol no projeto Juntos na diversidade* / 151

André Hamerski (BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil – Núcleo de Nova Prata, RS)



APRESENTAÇÃO

O livro do projeto *Juntos na diversidade*

Anthony Beux Tessari*

Este é um livro escrito por muitas mãos. Aqui são apresentados os resultados do envolvimento de professores, produtores culturais e entidades culturais e educacionais de municípios da Serra gaúcha, em prol da diversidade linguística e cultural, no âmbito do projeto *Juntos na diversidade*, executado pelo Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). O projeto *Juntos na diversidade* divide-se em dois momentos: o primeiro é o das três edições do projeto, que ocorreram entre 2016 e 2018, e o segundo é o do projeto executado em 2021, tendo este livro como seu principal objeto. Cada um destes momentos teve objetivos e motivações diferentes, explicados a seguir.

As três primeiras edições

Entre 2016 e 2018, o IMHC-UCS executou três edições do, então intitulado, *Projeto Juntos na diversidade: incentivo à preservação da diversidade linguística e cultural*, contando com o apoio, via termo de cooperação técnica, do governo do Estado do Rio Grande do Sul, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), e com patrocínio do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul). O projeto fora concebido no âmbito do *Comitê Estadual dos 140 Anos da Imigração para as Colônias*, sob a coordenação da Sedac, e se estendeu ao conjunto das línguas

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor na Área do Conhecimento de Humanidades e diretor do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS. Coordenador das três edições (2016 a 2018) do projeto *Juntos na diversidade* e da edição atual do projeto na UCS.

nativas e de imigração, em particular o *Talian*, o Alemão, o Polonês e o Kaingang. A UCS, por intermédio do IMHC, fez a gestão do projeto nessas três edições, inscrevendo-o no Programa de Patrocínios do Banrisul, e lançando anualmente um regulamento para a inscrição dos produtores culturais e das entidades interessadas, que tivessem sede e atuação nos municípios dos Coredes Serra, Hortênsias e Campos de Cima da Serra, e cujas finalidades fossem atividades culturais e educacionais. A adesão esperada era para a execução, pelos inscritos, de iniciativas como música, canto-coral, teatro, preservação da memória da comunidade, oficinas de línguas e produção de vídeo. O público-alvo que as ações inscritas deveriam alcançar era, principalmente, de crianças e adolescentes.

A primeira edição, em 2016, teve seu lançamento oficial durante a Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul, no *stand* do Banco Banrisul, e contou com a presença do reitor da UCS, Prof. Dr. Evaldo Antônio Kuiava, do então presidente do Banrisul, Luiz Gonzaga Veras Mota, do então governador do RS, José Ivo Sartori, além de outras autoridades estaduais e municipais.

Na primeira edição, o projeto recebeu 23 inscrições, vindas de produtores e de entidades dos Municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Bom Jesus, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Farroupilha, Flores da Cunha, Ipê, Nova Prata, Veranópolis e Vila Flores.

As ações realizadas pelos produtores e pelas entidades ocorreram durante o primeiro e segundo semestres do ano, e um evento cultural de encerramento, para reunir todos os participantes, foi planejado pelo IMHC-UCS. Em novembro, no UCS Teatro, o evento final da primeira edição do projeto reuniu grupos de todas as expressões culturais inscritas, ligadas às culturas do *Talian*, germânica, polonesa e kaingang. Foi um momento de expressiva fruição artística, de confraternização e de aprendizagem a respeito das diferenças e da diversidade cultural e linguística da região.



Público no encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, no UCS Teatro, em 2016
Foto: Aldo Toniazzo.

Na mesma ocasião, ao final das suas apresentações, os grupos receberam um certificado e um troféu como reconhecimento por sua participação e contribuição com o projeto. Além disso, como previsto no regulamento, cada grupo entregou, ao final do ano, um relatório das atividades desenvolvidas, para ser avaliado por equipe de profissionais ligados ao IMHC-UCS e à Sedac. A partir das avaliações e alcançando a nota mínima de 60 pontos, o produtor cultural ou a entidade inscrita estavam habilitados para receber uma verba de patrocínio em dinheiro, repassada pela UCS, e dividida a partir de quantia definida previamente no regulamento do projeto. Como esperado, percebeu-se que a verba auxiliou os grupos de diversas formas, especialmente para qualificarem suas estruturas de funcionamento, adquirindo, por exemplo, instrumentos musicais, uniformes e figurinos, ou para o custeio de deslocamentos para apresentações artísticas, fora de suas comunidades de origem. Outro exemplo interessante foi o da produção e impressão de um livro, escrito com a contribuição dos jovens participantes de um dos grupos.



O troféu entregue durante a primeira edição do projeto *Juntos na diversidade*, em 2016
Foto: Aldo Toniazzo.

Em 2017, o lançamento da segunda edição do projeto *Juntos na diversidade* ocorreu na Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Caxias do Sul, novamente com a presença do reitor da UCS e de autoridades representantes do Bannrisul e da Sedac. Na ocasião, houve uma palestra com a antropóloga Profa. Dra. Beatriz Rodrigues Kanaan, da UCS, que defendeu em sua fala a ideia de “diversidade na igualdade”.

Dentre as origens dos produtores e das entidades inscritas, a edição de 2017 registrou os Municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Farroupilha, Ipê, Nova Prata, Veranópolis e Vila Flores, totalizando 19 produtores ou entidades diferentes desses municípios. As práticas do ano anterior foram mantidas no regulamento, para oferecer a possibilidade de continuidade e de qualificação das ações dos grupos. Um novo evento cultural de encerramento foi planejado e realizado ao final desse ano, então no Auditório da CIC, em Caxias

do Sul. Nos meses seguintes ao evento, os grupos foram avaliados e receberam a verba de patrocínio correspondente ao ano de 2017.



Evento de encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, no auditório da CIC-Caxias do Sul, em 2017

Foto: Aldo Toniazzo.



Representantes dos grupos que se apresentaram no evento cultural de encerramento de 2017, com o troféu e certificado de participação

Foto: Aldo Toniazzo.

A terceira e última edição do projeto *Juntos na diversidade*, no formato até aqui relatado, ocorreu em 2018. O IMHC-UCS novamente foi o executor do projeto, com apoio da Sedac e o patrocínio do Banrisul. O evento de lançamento foi promovido na Casa das Etnias, em Caxias do Sul, com palestra da historiadora e arqueóloga Profa. Dra. Grasiela Tebaldi Toledo, da UCS, que trouxe em sua exposição reflexões sobre a importância das diversidades. Os grupos executaram suas ações, principalmente, no segundo semestre do ano. Devido a uma redução na verba de patrocínio do Banrisul para aquele ano, o evento cultural de encerramento não foi realizado, mas os grupos foram motivados a promover apresentações artísticas para o público, na sua comunidade. O resultado dessa proposta, adaptada para aquela realidade, também se mostrou frutífero, especialmente para fortalecer os

vínculos dos grupos com sua comunidade de origem e com o desafio a pensarem em apresentações artísticas para a atração de novos públicos.

Tendo em vista que os projetos são sempre feitos por pessoas, registra-se que o idealizador do projeto *Juntos na diversidade*, pela Sedac, em 2016, foi o então assessor da secretaria João Wianey Tonus. Na UCS, o contato inicial e a recepção ao projeto foram feitos pelo ex-reitor Prof. Isidoro Zorzi, então atuante na Assessoria de Desenvolvimento Regional (Adre) da UCS, e contou com o apoio da reitoria. Pela característica do projeto, com viés cultural e ligado ao campo do patrimônio cultural, o IMHC-UCS passou a planejar e a capitanear as ações do *Juntos na diversidade*, desde sua primeira edição, sob a coordenação do diretor do órgão Prof. Anthony Beux Tessari, e com o apoio da equipe composta pelos funcionários Aldo Toniazzo, Angela Boschetti Bertuol, Cristiane Sebem Damo, Daiana Cristani da Silva, Eduardo Morbini, Janaína Vedoin Lopes e Laura Ascari Perin.

Juntos na diversidade em 2021

Em 2021, por ocasião do lançamento do edital *Criação e formação – diversidade das culturas*, realizado pela Sedac, em parceria com a Fundação Marcopolo, com recursos oriundos da Lei n. 14.017/2020 (Lei Aldir Blanc), o projeto *Juntos na diversidade* foi repensado, para que fosse exequível no prazo estabelecido pelo edital (inicialmente, de três meses), e adaptado à realidade da pandemia. O edital foi um dos mais concorridos da história da área cultural do RS, o que evidenciou a quantidade de ações culturais desenvolvidas no estado e, também, a necessidade de acessar os recursos da Lei Aldir Blanc, surgida para auxiliar, emergencialmente, os profissionais da área da cultura, em meio à pandemia.

Para o edital, foi inscrito o projeto *Juntos na diversidade: experiências de preservação da diversidade linguística e cultural na Serra gaúcha*. Apesar de pequena, a mudança no título do projeto, em relação às edições anteriores, demonstra bem o novo objetivo pretendido: coletar e socializar o relato de experiências de preservação da diversidade de línguas e culturas, que caracterizam a região nordeste do RS, com foco no *Talian*, Alemão, Polonês e Kaingang. Principalmente, como um critério de seleção para o livro, pensou-se na recuperação das experiências dos grupos que participaram de forma contínua do projeto, entre 2016 e 2018. Nos contatos com os produtores e com as entidades, a aceitação em participar foi imediata, motivados, assim como a coordenação do projeto, em registrar em livro a expressiva construção cultural que todos colaboraram para acontecer.

As entidades que participaram como proponentes do projeto *Juntos na diversidade* nas três edições, e que foram convidadas para este livro, são: Agência de Desenvolvimento do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Antônio Prado, Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro (Antônio Prado), produtora cultural Maria Luiza Rech Ravanello (Antônio Prado), Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII (Antônio Prado), Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Angelo Chiamolera (Bento Gonçalves), Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnaldo Ballvê (Caxias do Sul), Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul – *Alles Gut*, Escola de Samba Acadêmicos Pérola Negra (Caxias do Sul), Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti* (Coronel Pilar), Instituto Cultural dos Pequenos Cantores – Canarinhos (Farroupilha), Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Nivo (Farroupilha), Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pequenos Brilhantes (Ipê), Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil (Braspol – Núcleos de Nova Prata e Veranópolis).

Esses produtores e as entidades têm dedicada a segunda seção deste livro, sendo precedidos por textos de pesquisadores acadêmicos que contribuem de forma interdisciplinar, para pensar a história, o conceito e as políticas de diversidade linguística e cultural. Assinam os textos da primeira seção os professores da UCS: Delcio Antônio Agliardi, Everaldo Cescon e Ramon Victor Tisott, a arqueóloga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-RS) Grasiela Tebaldi Toledo (que se envolveu nas três primeiras edições do projeto), e o ex-assessor da Sedac João Wianey Tonus.

Desde a primeira edição do projeto, uma mensagem da então diretora-geral da Unesco, Irina Georgieva Bokova, para o Dia Internacional da Língua Materna de 2012, serviu como um alerta e uma motivação para a execução do *Juntos na diversidade*. Segundo a diretora-geral do órgão internacional:

A diversidade linguística é o nosso patrimônio comum e ela é frágil. [...] A perda de idiomas empobrece a humanidade e representa um recuo na defesa dos direitos de todos de serem ouvidos, de aprender e de comunicar. Cada idioma transmite o patrimônio cultural de tal forma que nossa diversidade criativa aumenta. A diversidade cultural é tão importante quanto a diversidade biológica na natureza, e elas estão intimamente ligadas. Os idiomas de alguns povos indígenas representam conhecimento único sobre a biodiversidade

e a gestão dos ecossistemas. Este potencial linguístico é um trunfo para o desenvolvimento sustentável e deve ser compartilhado para o benefício de todos.

Com esse mesmo pensamento, e em nome dos autores, acredita-se que este livro propõe uma importante ação de registro, de reflexão, de discussão e de difusão de práticas de preservação do patrimônio linguístico-regional. Contra o empobrecimento que a perda das línguas representa, este trabalho pode servir para auxiliar na construção de uma sociedade mais rica, no sentido do convívio entre os sujeitos e de respeito às diferenças que formam a nossa diversidade cultural.



Evento cultural de encerramento da edição de 2016 do *Juntos na diversidade*, no UCS Teatro
Fotos: Aldo Toniazzo.



linguística da Ser

UNIVERSIDADE
UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

Ba



Evento cultural de encerramento da edição de 2016 do *Juntos na diversidade*, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo



Evento cultural de encerramento da edição de 2017 do *Juntos na diversidade*, na CIC-Caxias do Sul
Fotos: Aldo Toniazzo.

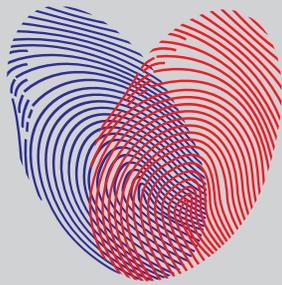


Apresentação de grupos participantes do *Juntos na diversidade*, em 2018
Fotos: Anthony Beux Tessari



Evento cultural de encerramento da edição de 2017 do Juntos na diversidade, na CIC-Caxias do Sul
Fotos: Aldo Toniazzo.





SEÇÃO I
DISCUTINDO HISTÓRIA
E CONCEITOS

1

História do Rio Grande do Sul e a formação da diversidade cultural

*Ramon Victor Tisott**

Ao examinarmos a sociedade sul-rio-grandense, constatamos que, assim como o Brasil em geral, ela é altamente diversificada. Em um mesmo espaço geográfico, convivem diferentes povos indígenas, descendentes de africanos, migrantes das mais diversas origens, descendentes de europeus e de asiáticos, trabalhadores informais, assalariados do comércio e dos serviços, operários da indústria, agricultores, trabalhadores da pecuária, industriais, fazendeiros, artistas, cientistas, desenvolvedores e programadores, pessoas com as mais diversas orientações sexuais e identidades de gênero, etc. Essa multiplicidade étnica e de grupos sociais marca o Rio Grande do Sul contemporâneo.

Mesmo tão evidente, a diversidade que nos caracteriza dificilmente é contemplada quando os gaúchos são representados. A dificuldade em conjugar a diversidade cultural e a identidade sul-rio-grandense nos remete a uma reflexão necessária. Digo “necessária”, pois a questão cultural está na ordem do dia e é intensamente debatida nessas poucas décadas de construção de um Brasil democrático. O tema da cultura, explicitamente ou não, se faz presente quando analisamos a participação popular nos destinos do País ou a exclusão de setores sociais nas definições de questões públicas. O mesmo se aplica ao Rio Grande do Sul. Na construção da cidadania no nosso estado, é importante que nos façamos algumas questões:

Afinal, quem são os sul-rio-grandenses? O que é ser gaúcho? Quem são os produtores validados da cultura gaúcha? Quem deve ter garantido seu direito social à cultura? Quem deve ser contemplado pelas políticas culturais?

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor na Área do Conhecimento de Humanidades da UCS. Responsável pela disciplina de História do Rio Grande do Sul, no curso de História, na UCS.

Ao estudarmos a história do Rio Grande do Sul, percebemos que houve um processo, por meio do qual manifestações culturais, inicialmente restritas a determinados grupos sociais, passaram a ser apropriadas por parte do restante da sociedade e transformadas em símbolos estaduais, assumindo assim um caráter de identidade sul-rio-grandense. Nesse processo de seleção das manifestações culturais “válidas”, muito foi excluído. O que deixamos para trás? Por quê?

Neste texto, pretendo apresentar algumas respostas a essas questões, principalmente a partir da análise da historiografia sul-rio-grandense. Selecionei algumas das obras que buscaram sintetizar a história do Rio Grande do Sul. Esses livros têm caráter generalista, dando conta de diferentes temáticas e períodos passados, de maneira resumida e voltados a um amplo público leitor. Como eles são uma fonte de informações acessível para interessados em história em geral, servem de suporte para a contextualização histórica de trabalhos acadêmicos de diferentes áreas e são consultados por jornalistas, além de serem usados por professores, no ensino da história do Rio Grande do Sul, na educação básica e superior. Por isso, acredito que sejam relevantes, no estudo da contribuição da historiografia para o destaque de determinadas expressões culturais e o apagamento de outras.

Aqui, vou apresentar uma análise inicial que fiz dessas obras, focalizando o conteúdo delas a respeito de povos não europeus que formaram o Rio Grande do Sul. Essa escolha foi feita em função do eurocentrismo que condiciona a visão de mundo dominante e costuma turvar nosso olhar.

Selecionei quatro desses livros, que são muito frequentes nos cursos universitários de História. Todos são livros “pequenos” em suas dimensões físicas e em geral têm cento e poucas páginas. O mais antigo, e talvez o de maior circulação, é de autoria da reconhecida Sandra Pesavento. Desde 1980, o pequeno livro de capa preta *História do Rio Grande do Sul* foi praticamente obrigatório aos estudantes de História e a quem desejasse conhecer o “processo histórico” do estado. Ele foi reeditado várias vezes ao longo de mais de duas décadas. Poucos anos depois, em 1986, outro clássico foi publicado, com o mesmo título, por Moacyr Flores. Este também foi amplamente lido nas universidades e fora delas. Já no início dos anos 2000, Fábio Kühn lançou *Breve história do Rio Grande do Sul* e, em 2018, Luciano Aronne de Abreu publicou a obra mais recente, intitulada *Rio Grande do Sul ontem e hoje: uma visão histórica*.

Para auxiliar na reflexão sobre diversidade cultural e identidade, busquei os escritos do antropólogo Ruben Oliven, que, no início dos anos 1990, publicou importantes análises sobre cultura, incluindo *A parte e o todo*, livro que o elevou ao rol dos principais intérpretes do Rio Grande do Sul. Nesta breve análise da historiografia selecionada, me detive na abordagem histórico-cultural do Rio Grande do Sul, em seus diferentes espaços e tempos, a partir dos grupos humanos dos indígenas e dos africanos e de seus descendentes. Dessa forma, pretendo destacar como a diversidade foi contemplada (ou não) e refletir sobre como essas abordagens incidem na identidade sul-rio-grandense.

Uma das perguntas que fiz aos livros foi: Como os autores começam a contar a história do Rio Grande do Sul? Quais são os primeiros povos e eventos históricos relevantes deste território?

Nem sempre os povos indígenas foram mencionados e, quando foram, percebemos que os representaram como coadjuvantes ou meros figurantes. Na obra mais remota, a autora inicia a narrativa com a “descoberta” do Rio Grande do Sul, no século XVI. Depois de mais de um século “carecendo de sentido” nas relações econômicas do contexto colonial, “os padres, para fugirem dos paulistas, penetraram em território rio-grandense, em 1626, estabelecendo reduções na chamada zona do ‘Tape’” (PESAVENTO, [1980] 1982, p. 8). O livro de Pesavento, então, praticamente não mencionou o passado indígena da população sul-rio-grandense. Eles estão presentes, mas como objeto da ação dos europeus no processo colonizatório, o que parece ser resultado das escolhas teórico-metodológicas da autora.

A partir do livro de Flores (1986), os indígenas são integrados à história do Rio Grande do Sul de diferentes formas. O historiador dedicou o primeiro capítulo, com apenas seis páginas, para tratar dos “habitantes primitivos”. O restante da obra é dividido cronologicamente entre os períodos colonial, monárquico e republicano. Sem entrar na necessária problematização do termo escolhido, para designar os povos originários do território historiado – não contando também várias outras palavras usadas tão ou mais problemáticas –, destaco aqui que o tipo de abordagem feita sobre os indígenas não se repetiu a nenhum dos outros povos que constituíram o Rio Grande do Sul. Flores (1986) descreveu os grupos indígenas *jê*, *pampeano* e *guarani* com um tom de estranhamento, generalizações e simplificações que a leitura na atualidade provoca certos incômodos e reflexões. Tratou de hábitos da intimidade e do que seriam as características dos povos, chegando a se referir a práticas de “limpeza

corporal” e afirmando até que a mulher, em determinado povo indígena, “até hoje é mais agressiva que o homem, chegando a bater no marido, que não reage” (FLORES, 1986, p. 7).

A escolha de Flores (1986) por fazer tal abordagem, certamente, foi condicionada pela produção acadêmica de então, pelos recursos disponíveis e pela mentalidade da época. Ao mesmo tempo em que compreendemos esse contexto, não deixa de ser reveladora a forma discriminatória como os indígenas foram tratados. Essa postura, longe de ter sido pontual e de ser superada, ainda parece ser um padrão, quando o tema é abordado sem uma busca mais atenta ao conhecimento sobre os ameríndios.

Uma década e meia, depois da publicação de Flores (1986), Kühn evitou tratar especificamente dos povos indígenas. No início do capítulo vestibular, “os primeiros habitantes: da conquista à mestiçagem”, o leitor foi alertado de que não seria abordada no livro a “etapa pré-histórica dessas populações nativas”, mas sua “história desde o contato com os colonizadores europeus, a partir do século XVI” (KÜHN, [2002] 2004, p. 9). Essa divisão entre o que o autor considera a “pré” história e a história propriamente dita já indica determinado ponto de vista, o qual relega o passado indígena anterior à invasão europeia a um status historiográfico excluído da narrativa da história do Rio Grande do Sul.

Em seguida, Kühn (2004) localizou geograficamente os guarani, os povos ligados ao tronco linguístico *jê* e os *pampeanos*, e expôs os principais eventos históricos da relação de conflitos, aproximações e alianças entre cada um deles e os europeus.

De maneira mais sucinta que Kühn (2004), Abreu (2018) tratou dos “primeiros habitantes” como um subcapítulo da parte inicial do seu livro, sobre a “ocupação e colonização” do Rio Grande do Sul. O livro mais recente é também o mais ousado nessa abordagem, mas, já no segundo parágrafo, trouxe informações no mínimo questionáveis sobre o povoamento dessa parte do Globo. Tratando sobre o território sul-riograndense, afirmou uma inusitada presença de *homo habilis* no continente americano, o que diverge do que os estudos paleoantropológicos apontam. Além disso, Abreu escreveu que “a ocupação da região [do Rio Grande do Sul?] pelos *homo sapiens* ocorreu há, aproximadamente, duzentos mil anos por grupos nômades de caçadores-coletores” (ABREU, 2018, p. 9), o que pode ser dito em relação à África, mas é muito diferente do que indicam as pesquisas arqueológicas sobre o continente americano e, especialmente, sobre a presença humana no território do Rio Grande do Sul.

Após essa problemática introdução, Abreu tratou dos três “grupos indígenas” organizando-os de forma parecida com os dois autores anteriores: “os Guaianás ou Jês, os Tupis-Guaranis e os Charruas ou Pampeanos” (p. 10). Embora tenha sido produzido mais de quinze anos depois do livro de Kühn (2004) – tempo em que foi muito ampliado o conhecimento a respeito dos povos originários do Rio Grande do Sul –, a síntese histórica de Abreu não representa um avanço significativo em relação ao que Kühn já havia escrito sobre o tema.

No caso dos indígenas, é importante o reconhecimento de sua presença ancestral na área onde, hoje, é o Rio Grande do Sul. Há 12 mil anos, os primeiros seres humanos chegaram via sudoeste, através do rio Uruguai. Eles rapidamente se dispersaram por quase todo o território, ocupando abrigos nas escarpas do Planalto, construindo sambaquis na faixa litorânea, elevando pequenos montes, os “cerritos”, nas margens das lagoas do sudeste, edificando as casas subterrâneas que caracterizam a ocupação das terras altas do nordeste e construindo grandes casas em aldeias, na Campanha missioneira, a oeste (COPE, 2013, p. 9).

A invasão europeia inaugurou um novo capítulo da história do Rio Grande do Sul, mas não pode apagar o vivido anterior nesse território. Tampouco a colonização pôs fim à história dos indígenas, marcada a partir de então pela resistência e pelos novos nomes que os povos receberam dos europeus (Guarani, Kaingang, Charrua e Minuano).

Outra questão relevante para observar a representação da diversidade cultural sul-rio-grandense, especialmente na historiografia analisada neste texto, é como os africanos e seus descendentes são mostrados nas obras. Esse tema está presente em todos os livros em tela, não havendo o apagamento, como ocorreu em relação aos indígenas. Porém, percebe-se que esses sujeitos históricos foram abordados de forma secundária e com sua agência menosprezada ou praticamente ocultada.

Na obra mais remota de Pesavento (1980) foi focalizada a escravidão, mas não os sujeitos escravizados. Seguindo o tom geral de sua obra, a escravidão foi abordada em sua dimensão estritamente econômica, e os “escravos” como objetos das relações de produção. Algo parecido foi feito no livro mais recente, de Abreu, mas no sentido político. O autor tratou da presença africana no capítulo sobre a crise monárquica, com a ascensão do abolicionismo associado ao republicanismo.

Flores (1986), mais descritivo, inseriu informações sobre o modo de vida e passagens sobre a política marcada pelo abolicionismo no final do século XIX. Porém, as pessoas escravizadas não apareceram na obra

como autoras das transformações históricas. A vida delas, mesmo no pós-abolição, foi descrita como se não tivessem um campo de possibilidades, mesmo que restritas em função das consequências da escravidão.

Uma abordagem mais humanizada dos africanos e descendentes foi realizada por Kühn (2004) que conferiu relevo à “sociedade escravista” e a temas relativos à resistência dos escravizados, como a existência de famílias escravas (mesmo em contexto de muita dificuldade), as alforrias conquistadas, as fugas e os quilombos.

Além de não atribuir centralidade à presença africana e não dar importância à ação das pessoas escravizadas, a historiografia analisada também oculta outras dimensões da participação dos negros na vida sul-rio-grandense, como seus protagonismos em diferentes âmbitos. A abordagem sobre os negros foi restrita ao trágico fenômeno da escravidão, sendo apagada da narrativa histórica a força das religiões afro-gaúchas, por exemplo. Mesmo no tema “escravidão”, o conhecido protagonismo negro na luta pela liberdade não aparece nessa historiografia generalista e abrangente, o que causa uma distorção da informação histórica que chega ao público leitor dessas obras.

Os livros aqui analisados foram importante fonte de conhecimento histórico sobre Rio Grande do Sul. Muito aprendemos com eles, mas hoje podemos perceber que contêm as limitações dos tempos e das condições em que foram produzidos.

Conforme fica evidente, essa multiplicidade étnica e de grupos sociais, que marca o nosso estado, não está presente na historiografia analisada. Esses textos, que chegam a um público amplo, trazem um Rio Grande do Sul branco e europeu, o que difere do que vemos nas ruas. A diversidade do presente dos gaúchos não é explicada pela história contada nesses livros. Isso nos coloca frente ao desafio de produzir narrativas históricas inclusivas e atualizadas, conectadas com o conhecimento arqueológico e antropológico, que contribuam para a ampliação da identidade gaúcha para além dos limites da tradição colonizada.

No mesmo sentido, os personagens não europeus, submetidos a um lugar de subalternidade simplista pela historiografia, precisam ser representados nas narrativas contemporâneas sobre o passado, com o respeito à sua condição de sujeitos históricos que construíram o Rio Grande do Sul. Neste texto, apresentei o caso dos indígenas e dos africanos

e descendentes, mas sabemos que essa exclusão historiográfica também foi promovida para outros grupos sociais. Cabe-nos, então, promover essa inclusão histórica, contribuindo para a construção de um Rio Grande do Sul democrático e com ampla cidadania.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luciano Aronne de. *Rio Grande do Sul ontem e hoje: uma visão histórica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

COPÉ, Sílvia Moehlecke. Apresentação. In: MUSEU da UFRGS. *12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul / catálogo da exposição organizado pelo Museu da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 9.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

GUTFREIND, Ieda. *Historiografia rio-grandense*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

OLIVEN, R. G. A antropologia e a diversidade cultural no Brasil. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves; ORO, Ari Pedro (org.). *Brasil e França: ensaios de antropologia*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 24-42.

OLIVEN, R. G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.



2

Eu e o outro: identidade e diversidade

*Everaldo Cescon**

Para analisarmos o conceito de identidade, precisamos conhecer o seu oposto, a diversidade, ou seja, para conhecer-me, preciso conhecer o outro. Não podemos, no entanto, confundir identidade com unicidade. Compreender a identidade significa procurar aqueles requisitos característicos de uma coisa ou de um indivíduo e inseri-los em um contexto de pertencimento. É a partir daqui que pretendemos explicar o que entendemos pelo termo diversidade.

Segundo Hobsbawn e Ranger (1997), em um esquema simplista, diferente é o indivíduo que não pertence ao grupo dos que se reconhecem em valores comuns, que instauraram um conjunto de tradições e comportamentos que se completam em um sentido de pertencimento. Quem não se encontra nesta descrição não tem uma identidade socialmente compartilhada (DAL LAGO, 2004).

A definição apresenta deficiências, pois nos leva a pensar que o mundo esteja constituído por grupos, cada um dos quais com regras autônomas assumidas para declarar a própria hegemonia. Em um mundo com fronteiras territoriais cada vez mais sutis, recorrer a uma identidade de grupo soa a algo anacrônico.

Se pensarmos no significado da identidade, então temos de nos deter nos seus aspectos formais, que nos são fornecidos pelos dicionários. Quase sempre a identidade é expressa segundo a tautologia “A é A”. De um ponto de vista lógico-formal, esta igualdade não acrescenta nenhum grau de verdade ao enunciado. É como descrever um conjunto vazio em que a afirmação de A coincide consigo mesma, do tipo “identificação é o

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Itália), com Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade de Lisboa (Portugal). Diretor da Área do Conhecimento de Humanidades da UCS. Professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia e no Programa de Pós-Graduação em História da UCS.

ato de identificar". Se houver uma utilidade na proposição de identidade, ela está no fato de identificar um terreno comum de discussão entre dois ou mais interlocutores, sem a possibilidade de cair em equívocos e mal-entendidos.

Por mais que as definições de identidade e diversidade possam parecer banais, elas apresentam problemáticas sobre as quais podemos refletir. Às vezes não prestamos atenção no uso dos termos diversidade e diferença que, na linguagem comum, se sobrepõem e se confundem. O *Dicionário de filosofia* de Abbagnano (2007), remontando ao ponto de vista de Aristóteles, estabelece que dois entes diferem em gênero, se não tiverem nada em comum e não se transformarem um no outro.

A diversidade é, entretanto, comparada à alteridade e à dessemelhança. O seu significado compreende uma determinação numérica, pois duas coisas são diferentes somente com base na sua distinção de número. Implica, portanto, um distanciamento do que é comum e se aplica a grupos sociais. A diversidade, em âmbito multicultural, é considerada a expressão da pluralidade de manifestações da sociedade. Isso nos faz compreender que a diferença é inerente à diversidade, isto é, que a diferença está na diversidade. Assim, o uso do termo diversidade nos parece mais apropriado, no âmbito do debate multicultural.

Também podemos confundir o conceito de identidade com o de igualdade. Por exemplo, quando nos referimos às mãos dizemos que a mão esquerda é igual à direita. Sabemos que ambas são constituídas por cinco dedos e têm características anatômico-funcionais *iguais*, mas não são propriamente *idênticas*. Uma não pode ser sobreposta à outra. Portanto, uma aparente igualdade de estrutura mostra uma não identidade.

A partir desta reflexão, podemos compreender que, embora a observação da realidade nos faça refletir sobre o conceito de identidade, se quisermos aprofundar o tema teremos de recorrer a uma análise conceitual. O problema foi tratado profundamente pelo pensamento filosófico.¹

Bauman (1999) afirma que, para discutir igualdade, devemos mergulhar no contexto multicultural, que se estrutura em três vértices essenciais: a) o Estado-Nação; b) o povo e a etnia e; c) a religião.

Procuremos conhecer melhor, mesmo que brevemente, cada um destes polos essenciais. Qual é o Estado ao qual nos referimos? Claramente o moderno e secular, o *Estado ocidental*. Bauman observa

¹ Parmênides, Platão, Leibniz, Hegel, Heidegger são apenas alguns nomes de filósofos que abordaram o tema.

que o Estado ocidental nasceu de dois filões culturais: do racionalismo e do romanticismo.

O racionalismo impôs práticas racionais determinadas pela urgência de consolidar o Estado e pela exigência de impor-se em escala mais ampla, portanto, mundial. Isso assumiu duas formas principais: a guerra pela hegemonia interna da Europa – pois não ampliava as fronteiras do continente, mas provocava somente uma desestruturação das hierarquias – e uma inversão das relações de poder internas ao continente. Outra estratégia empregada foi a colonização das terras de além-mar, que foi o primeiro passo para a criação de um mercado global.

A partir da segunda metade do século XIX, assistimos a um fenômeno de intensa inter-relação econômico-global, que assume o nome de globalização. Tal processo sofreu uma aceleração com a crise e o fim dos sistemas socialistas na Europa oriental e, principalmente, com a queda da União Soviética. Além disso, outro fator determinante foi a difusão de novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas também à economia.

Fala-se de desmaterialização. Fatores imateriais – informação e capacidades técnico-individuais – assumem nas dinâmicas humanas um papel preponderante em relação a fatores materiais, tais como territórios e matérias-primas que, no passado, eram considerados essenciais. Não por acaso, os Estados Unidos eliminaram as antigas modalidades destinadas à supremacia estatal supracitada – expansão territorial, em primeiro lugar –, com uma luta que apontava para a livre-concorrência no mercado internacional.

O contato entre os povos não é um mecanismo banal de interdependência econômica. Tal relação intensa e constante em escala mundial implica necessariamente a eliminação das barreiras nacionais e, portanto, antropológicas e culturais. Robertson (1992) defende que o fenômeno implica mudar a consciência de mundo e tende a olhar para a realidade mundial como para um organismo unitário, que deve acolher uma humanidade integrada. Isso significa que a globalização tende a eliminar a diversidade antropológica e cultural. A globalização favorece o encontro com o outro e encurta o espaço/tempo: o espaço, porque relativiza as fronteiras nacionais; o tempo, porque acelera os prazos graças às modernas telecomunicações. Tudo está na palma da mão.

Entretanto, o mundo globalizado é algo bem distinto do internacionalismo utópico, que vê no sonho marxista um dos seus mais célebres modelos. O internacionalismo de hoje é competitivo e tem, no

lucro e na competição, o seu centro ideológico. A heterogeneidade do cenário internacional, aliada a uma abordagem rígida e discriminatória, por sua vez ligada a uma mentalidade provinciana, produz conflitos humanitários. O aspecto é paradoxal, pois, segundo Geertz (1999), o cosmopolitismo e o provincialismo hodiernos estão em contraste, mas profundamente interconectados.

A comercialização de um produto é feita no mercado global, mas ao mesmo tempo afirma e exalta sua origem local controlada através da famosa Denominação de Origem Controlada (DOC). Isso demonstra que a globalização, como fenômeno essencial que envolve os Estados modernos, alimenta o particularismo cultural. É indubitável que as fronteiras estatais perderão progressivamente valor, tendendo a desaparecer no curso do processo de desterritorialização. Os fenômenos migratórios se intensificarão. Isso implica que o cidadão do mundo sinta, às vezes, um sentimento de desenraizamento, que se concretiza em formas criativas e saudosistas, como a tentativa de recuperar, através da arte, um patrimônio étnico-religioso ancestral. Por toda parte assistimos à recuperação e revalorização do que é ancestral.

No que se refere aos outros dois aspectos do triângulo cultural, devemos evidenciar seu caráter processual e mutável. As classificações culturais devem ser realizadas com a consciência de que etnia e religião são resultado de um processo histórico e não biológico e, por isso, mutáveis. Portanto, é necessário considerar a cultura na sua ambivalência: como algo afirmado historicamente e, portanto, sujeito à história.

O século XX foi a época da transformação de conceitos. A mentalidade do século XX modificou substancialmente o aspecto social e civil dos povos. Abriu-se ao multiculturalismo, à variedade interpessoal e social. Logo, o próprio conceito de identidade deve ser repensado e revisto. Deve ser reinterpretado em uma dimensão sempre aberta, na qual a própria identidade se constitui a partir do seu ser diferente. O eu e o nós se constitui a partir do tu e do vós. Contrariamente, a diferença se apresentava como o problema intercorrente entre sujeitos postos em relação com os próprios atributos de cultura, tradições e leis. A presença de culturas diferentes empenhava o homem em uma espécie de diálogo. Não pode resultar uma realidade estática, mas deve incluir a possibilidade de mudar. O fenômeno do multiculturalismo levanta novos problemas e busca novas soluções.

Em pouco tempo, afirmaram-se realidades impensadas. A globalização subordinou os governos nacionais e, no âmbito do indivíduo, a identidade se tornou um conceito dificilmente definível. Passou a ser descrita a partir

daquilo que não é. A identidade tem de ser construída a partir do conteúdo das tradições presentes em certo ambiente. Mas a ligação com o passado, em um mundo acelerado rumo à globalização, apresenta limites de memória histórica. O passado que deriva da tradição se mantém e alimenta com um aparato mítico-ritual que se torna sempre mais anacrônico. A recuperação de histórias, lendas, símbolos reforça a identidade, mas pode potencializar conflitos.

Para Bauman (1999), este aspecto tumultuoso da vida é a matriz de uma sensação de desorientação que se afirma com a necessidade de adquirir uma identidade pessoal específica. Os medos nos levam a procurar valores comuns como ato de defesa. A reação a estas dificuldades origina três linhas de comportamento.

A primeira consiste em ver o outro como fonte de perigo para a nossa democracia e para a nossa civilização. A segunda, em buscar formas de defesa pessoais que desloquem o horizonte das fronteiras de uma dimensão mais ampla a uma mais circunscrita, quase privada. A terceira é a renúncia à gestão política, para aceitar um aumento das despesas militares com objetivo defensivo, mediante imposição dos grandes conglomerados econômicos. E é justamente a necessidade de segurança que constitui a raiz da renúncia à privacidade, ao direito de expressão e à liberdade pessoal.

Em um panorama de insegurança, como é possível falar de identidade pessoal? Torna-se realmente difícil imaginar um conceito de identidade pessoal estável e bem-fundamentado. Tanto nos desdobramentos do pensamento filosófico quanto nas vicissitudes da vida cotidiana, verificamos que identidade e alteridade são realidades indissolúvelmente ligadas. Além disso, observamos que o período atual marginalizou o significado de identidade, esvaziou seu sentido, caracterizando-o quase como uma defesa de caracteres e características específicas. Talvez a alteridade e a diversidade consigam interpretar melhor a complexidade e o fascínio dos nossos tempos.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMANN, G. *The multicultural riddle: rethinking national, ethnic and religious identities*. New York; London: Routledge, 1999.

DAL LAGO, Alessandro. *Non-persone: l'esclusione dei migranti in una società globale*. Milano: Feltrinelli, 2004.

FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos: ética, estratégia, poder-saber. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Estratégia, Poder-Saber*. Trad. de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

GEERTZ, C. *Mundo global, mondi locali: cultura e política alla fine del ventesimo secolo*. Bologna: Mulino, 1999.

HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROBERTSON, R. *Globalization, social theory and global culture*. London: Sage, 1992.

3

Educação e diversidade linguística e cultural

*Delcio Antônio Agliardi**

Este ensaio me oferece uma singular oportunidade de revisitação dos meus percursos familiares e sociais. As minhas experiências e memórias da infância estão situadas em um tempo e espaço de vinculação afetiva com os meus *nonos*¹ paternos, Victorino Ângelo Agliardi e Marcelina Dallastra Agliardi. Vivíamos na roça² e a língua materna (português) e o dialeto (italiano) se misturavam na comunicação oral no cotidiano íntimo da família. As práticas de leitura oral e as primeiras leituras da palavra se deram no cotidiano não escolar, através do Calendário Antoniano³ e dos textos da catequese. Na escola primária, essa comunicação entrou em conflito imediato no processo de alfabetização. Talvez, esse drama educativo formal ainda ecoe na vida de tantas outras pessoas, nascidas em ambiente (lugar) similar ao que acabo de referir. Dizemos conflito porque os saberes da vida cotidiana entraram em contato com os saberes da escola, percebidos como antagônicos.

Por outro lado, o ingresso na escola possibilitou a ampliação das relações sociais e com o saber. Abrem-se muitas portas para a construção do conhecimento, para o domínio da língua materna, para as múltiplas relações, as quais se entrelaçam entre os saberes da vida e os saberes formais. Neste processo educativo, a fala, a língua e a linguagem possibilitam a busca do ser mais. E muitas outras reflexões são possíveis.

* Doutor em Letras pela UCS. Professor na Área do Conhecimento de Humanidades da UCS. Foi patrono da 35ª Feira do Livro de Caxias do Sul. É sócio da AGES – Associação Gaúcha de Escritores.

¹ O mesmo que avós.

² Um lugar não urbano e que é sinônimo de campo.

³ O Calendário Antoniano é um impresso da Associação Antoniana e surgiu em Veranópolis em 1928. Os sócios recebem um exemplar, mediante o pagamento de uma taxa anual.

Talvez, a mais emblemática de todas é aquela que permite compreender a história das formas de comunicação entre os diferentes povos e as culturas.

A linguagem, ou fala, é o que nos diferencia dos outros seres vivos. Ou seja, somente os humanos a usam para se comunicar, pois a linguagem é um sistema de comunicação tão sofisticado, que consegue expressar desde as necessidades básicas até conceitos e emoções mais complexas.

Nesse contexto, cada um de nós vai alargando as possibilidades comunicativas, a partir das diferentes inserções sociais e de pertencimento: no grupo de amigos, nas práticas cotidianas de esporte e lazer, no trabalho, na participação comunitária. Trata-se de um processo aberto e lento, relacional e afetivo, em que a linguagem ocupa posição determinante. Ou seja, a pronúncia do mundo que nos cerca é uma forma de leitura sem limite.

Nós sabemos que a leitura de mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2011). Para ler o mundo, usamos palavras, e ao lermos as palavras, refazemos as leituras do mundo. “Em cada palavra, a história das compreensões do passado e construção das compreensões do presente que se projetam como futuro. Na palavra, passado, presente e futuro se articulam” (GERALDI, 2015, p. 32). Se, nos primeiros anos escolares era “feio” e, portanto, ato carregado de preconceito, pronunciar palavras no dialeto (italiano), vejo na contemporaneidade uma necessidade de reelaboração dessa comunicação, ética e estética, para a preservação do passado e para a resignificação do presente e do futuro de tantas pessoas, bem como das novas gerações, que estarão desafiadas a apreciar as manifestações da arte em linguagem simbólica e concreta.

Nós precisamos da educação porque nascemos inacabados para a vida. E a educação escolar e não escolar nos faz ser o que somos no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Isto não significa que nascemos vazios, pertencemos a uma cultura, que determina os primeiros movimentos rumo ao ser mais, isto é, a busca do sujeito para a superação das condições históricas existentes ao nascer. As ideias de que há um processo educativo ao longo da vida e de que o cotidiano pede ritual comunicativo permitem refletir sobre como as condições históricas nos fazem ser o que somos (aquilo que aí está, o instituído) e de como superá-las (a pedagogia da mudança). Nesta conjuntura, a linguagem é o fio condutor das interações do homem com os outros homens e deles com o mundo.

Neste sentido, e se considerada a hipótese de que o *Talian* é uma forma linguística de comunicação da palavra, surgida em um processo de conquista de novas terras e de novas possibilidades de sobrevivência, a partir da vinda dos imigrantes italianos no século XIX (desde 1875) para o Sul do Brasil, estamos diante do fenômeno hibridismo linguístico. Marcos Bagno, importante pesquisador brasileiro na área da Sociolinguística, afirma no artigo “Norma linguística, hibridismo e tradução” (2012), que o conceito de norma linguística oscila entre a perspectiva do normal e a perspectiva do normativo. A primeira é de interesse da Sociolinguística e das práticas descritivas da língua; a segunda é o foco de atenção da gramática normativa e das práticas prescritivas. Para Bagno (2012), nas questões linguísticas, o conceito de norma dá margem a muita discussão teórica.

Assume-se, assim, uma análise da oposição entre normal e normativo, no discurso sobre a língua, tanto no campo da pesquisa científica na área das Ciências Humanas quanto na abordagem dos leigos. A palavra “norma” quase nunca aparece sozinha, ela vem seguida de algum qualificativo que tenta defini-la de modo específico. O termo “normativo” é dado no contexto da reflexão intencional, consciente e em conformidade a regras linguísticas (BAGNO, 2012).

O preconceito de que existe uma maneira certa de falar e de escrever, ainda vigente no cotidiano da educação escolar, tem relação com o conjunto de regras e preceitos da escrita como atividade linguística e gramatical, valorizada por um grupo seleto de pessoas. Contudo, vivemos em uma sociedade que se expressa de forma heterogênea e que não separa norma culta da popular, dando origem a normas híbridas, em que se confundem prescrições tradicionais e representações do normativo, por parte dos diferentes falantes. Isto é percebido na linguagem musical contemporânea, nos novos modos de comunicação digital-popular, na produção literária e nos variados modos de comunicação e na educação escolar, inclusive.

De acordo com Bagno (2012, p. 25), “a atividade linguística, sendo um comportamento social, está sujeita às mesmas dinâmicas que regulam e desregulam todas as demais práticas sociais. Por isso, ao longo do tempo, práticas sociais minoritárias ganharam aceitação nas esferas da sociedade [...]”. Essa visão colabora para pensarmos a diversidade linguística e cultural, presente nas práticas sociais de uma população, sobretudo na educação não escolar.

A tensão entre a norma culta e a popular se dá por conta do construto sociocultural, que se manifesta nas práticas das comunidades locais. Ou

seja, na “escola da vida”, circunscrita a um território particular, se aprende de um jeito e, na educação formal, um lugar “separado da vida”, de outro. Essa realidade foi, e ainda é, objeto de estudo da Sociologia da Educação. A cultura escolar encontra no currículo uma dimensão estruturante para os conteúdos a serem valorizados pela ótica do padrão, encolhendo os espaços para a emergência dos saberes feitos pela experiência (FREIRE, 2011). Sabe-se que a diversidade linguística e cultural nem sempre é considerada para a aquisição e o domínio da língua materna, nos processos educativo-formais.

As línguas vivas⁴ no Rio Grande do Sul, e suas influências na História da Educação, representam bens culturais imateriais de notável valor. Neste sentido, a relevância da diversidade linguística e cultural ganha visibilidade e um impulso de vigor para a sua valorização e preservação. Tudo isso não pode ficar alheio à educação escolar contemporânea, afinal, é parte de nossa história e identidade, além de um fenômeno que pode ser estudado e compreendido pelas atuais e futuras gerações de professores e estudantes. É neste contexto que a legislação da educação nacional busca valorizar as vocações locais, conforme dispõe a normativa para a parte diversificada do currículo escolar. Ou seja, na Educação Básica devem ser desenvolvidas as habilidades e as competências para a formação humana e profissional, sem desconsiderar a diversidade linguística e cultural de cada localidade.

De acordo com informações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016), encontram-se diferentes tipos de língua e contatos linguísticos no Rio Grande do Sul, em conformidade com as categorias de línguas previstas no “Inventário Nacional da Diversidade Linguística” (INDL): línguas indígenas; línguas afro-brasileiras; língua de sinais, oficialmente reconhecida em 2002; línguas de fronteira (hibridismo de português e espanhol, oportunhol); português rio-grandense; línguas de imigração: alemã (desde 1824), italiano (desde 1875), polonês (desde 1875), outras línguas de imigração (holandês, japonês, sueco, etc.) e a língua pomerana, caracterizada como língua materna de povos e comunidades tradicionais, além de ser língua de imigração.

É neste contexto que faz sentido estimular processos educativos, escolares e não escolares, que valorizem as variedades linguísticas, a

⁴ Presentes em programas de rádio e televisão, nos jornais e informativos, nos canais do *YouTube* e outros espaços das redes sociais, na convivência de grupos sociais, nas escolas, nas comunidades e no crescente interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento.

linguagem e língua materna. São temas que se tornam cada vez mais presentes para professores da educação básica e de outras instituições de educação não formal. Um professor comprometido com a vida de seus estudantes, em processo de mudança e construção do conhecimento, reconhece e valoriza a diversidade linguística e cultural. O uso do mesmo código linguístico, o Português, não impede que professores e estudantes reconheçam essas variações linguísticas e o legado cultural de uma comunidade, os quais se constituem na interação social, circunscrita em um espaço geográfico ou no processo de escolarização.

Portanto, o professor da Educação Básica tem condições de associar os códigos linguísticos que o estudante domina, pelo viés da comunicação oral, com os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Não é um processo de desvalorização dos tradicionais conteúdos escolares, mas de não os tomar como única referência para o ensino. Ou seja, é fundamental estudar a gramática da língua padrão, quanto as variações que fazem parte da identidade do estudante e que representa sua cultura.

O ato educativo, pautado na concepção sociointeracionista, é visto como um acontecimento que ocorre, a partir da interação social. Nesta visão, a cultura e o desenvolvimento histórico-social são fatores determinantes para a construção do pensamento. Daí a importância a ser dada, no momento presente, ao que é diferente, ao que é estranho, ao que circula nos meandros da diversidade cultural.

Busca-se, assim, pensar juntos num compromisso educativo com as atuais e futuras gerações: anunciar as tradições e as criações da arte, da política, da linguagem, enfim, do conhecimento historicamente elaborado, para que elas possam apreciar tudo aquilo que a humanidade generosamente lhes oferece. Neste sentido, a área do conhecimento de humanidades, que inclui a Língua Portuguesa, as línguas estrangeiras modernas e tantas outras formas de expressão cultural, tem uma responsabilidade e um compromisso singular: tornar a humanidade mais humana.

O professor Ordine (2016) nos lembra de que há muito por se fazer no universo das humanidades, e que somente o saber ainda pode desafiar as leis do mercado. Podemos compartilhar nossos conhecimentos com os outros sem nos empobrecer. Podemos ensinar a um estudante, jovem ou velho, a teoria de relatividade ou ler com ele uma página de Dante, enriquecendo tanto quem dá quanto quem recebe.

Com efeito, no mundo contemporâneo em que estamos imersos, o currículo escolar está voltado para habilidades e competências, geralmente valorizadas pela lógica da utilidade. Por vezes, os resultados

dessa lógica não favorecem os saberes humanísticos nem os científicos, além de fragmentar e tornar o conhecimento desinteressante para a vida. É neste contexto que há espaço para tomar consciência de que o ensino de conteúdos escolares, impostos e sem conexão com a experiência de vida concreta dos estudantes, produzirá ainda mais alienação.

A educação formal não pode esquecer a dimensão específica e normativa do código linguístico. Entretanto, haverá espaço para a diversidade linguística e cultural na escola, se o estudante em formação perceber que não há somente um caminho para a apropriação do conhecimento, além da ampliação cultural e linguística para a sua inserção na sociedade atual. Pressupõe conhecer que nenhuma expressão linguística ou língua nasce pronta. É fruto das lutas históricas do homem, dos seus deslocamentos em busca de novas terras e de novas culturas, das forças econômicas e produtivas de uma época, da tensão entre a individuação e a socialização. É a história da resistência como força unificadora de grupos sociais, em busca de sobrevivência e alívio para suas lutas.

Ao esperar que a educação se torne uma força mediadora da diversidade linguística e cultural, pressupõe-se a pluralidade de saberes, a convergência de que somos herdeiros de um lugar e de uma história nem sempre valorizados e preservados. Na educação, podemos ter uma significativa experiência de encontro com as gerações de ontem, de hoje e de amanhã.

Espero que este texto possa contribuir com o debate e o olhar sensível para questões imbricadas com educação e diversidade linguística e cultural. Um legado para ser valorizado neste momento da História, nos espaços físicos e virtuais em que os saberes e as informações estão mais acessíveis; um argumento para quem ensina no contexto de uma educação plural, democrática e inclusiva para todos.

Referências

BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. *Revista Traduzires*, v. 1, n. 1, p. 19-32. maio/2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/issue/view/1620>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *Guia de pesquisa e documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL): patrimônio cultural e diversidade linguística*. Brasília, 2016.

BRASIL. Iphan. *Inventário Nacional da Diversidade Linguística*. Brasília, 2016.

BRASIL. MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.

FREIRE, Paulo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos, SP: João & Pedro Editores, 2015.

ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil: um manifesto*. Trad. de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.



4

Políticas públicas de preservação da diversidade linguística e cultural: o caso do Rio Grande do Sul

*João Wianey Tonus**

A idealização do projeto *Juntos na diversidade*, objeto central deste livro, contemplado pelo Edital Marcopolo, realizado com recursos da Lei n. 14.017/2020 – Lei Aldir Blanc, nasceu no contexto das comemorações dos 140 anos da Imigração Italiana, Polonesa e Suíço-Valesana no Rio Grande do Sul, ocorridas em 2015. O então governo do RS, definiu, no Decreto n. 52.304, de 26 de março de 2015, apoio institucional às três etnias, e participação do estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac). Como servidor da Sedac à época, coube-me coordenar esses trabalhos. Estávamos na lida com esse assunto, quando surgiu um Edital de Marketing, do Banrisul, que se propunha a financiar projetos na área cultural. Imaginei que poderíamos participar com municípios da Serra gaúcha, envolvendo jovens das diferentes etnias. O primeiro contato foi com o Prof. Isidoro Zorzi, ex-reitor da UCS e que, à época, coordenava o Corede Serra e a Consulta Popular do Governo do Estado, na Região Funcional 3. Ele disse: “Sim, a UCS é parceira”. Logo depois, o assunto andou por meio do Instituto Memória Histórica e Cultural, com o Prof. Anthony Beux Tessari, que agora coordena a realização desta publicação.

Quando se fala em imigração no Rio Grande do Sul, logo vem à mente a imigração alemã e a imigração italiana, por serem as maiores em número de imigrantes. O mérito do decreto do governo estadual, acima citado, foi dar igual importância às duas imigrações minoritárias (a polonesa e a suíço-valesana), cujos primeiros imigrantes se estabeleceram na mesma colônia dos italianos, em 1875.

* Licenciado em Filosofia pela UCS. Especialista em Gestão de Políticas e Estratégias Culturais pela Faculdade dos Imigrantes (FAI). Fundador e ator no Grupo de Teatro *Miseri Coloni*, de Caxias do Sul. Foi secretário municipal da Cultura de Caxias do Sul, de 2012 a 2014.

Em função das posteriores divisões municipais, a italiana tem seu centro de comemoração em Nova Milano, em Farrroupilha; a polonesa na Linha Azevedo Castro, e a Suíço-Valesana em Santa Luiza, ambas no município de Carlos Barbosa, RS.

Esse decreto poderia ter sido um simples encaminhamento burocrático, ou ter buscado atender apenas à preocupação de ser “politicamente correto”, dando igual importância às três etnias. Mas ele produziu um efeito muito maior, porque aproximou um grupo de líderes de etnias diferentes, que perceberam a preocupação comum e as dificuldades de manter vivas suas histórias e suas identidades, em constante perigo por força do domínio das etnias mais fortes.

Esta preocupação surgiu só agora? Antes ninguém tinha se dado conta? Claro que a preocupação já existia. O que merece ser creditado a este embrião são alguns fatos novos que se concretizaram nos anos seguintes.

A criação do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística no RS

No âmbito da Sedac, em 2017, começou-se a articular a criação do Colegiado Setorial de Diversidade Linguística. A Lei n. 14.310, de 30 de setembro de 2013, que institui o Sistema Estadual de Cultura do Estado do RS, prevê essa possibilidade, segundo a necessidade e as demandas. A demanda estava se articulando, a partir do grupo de trabalho das comemorações acima referidas, e se ampliando com novos contatos com outras etnias e outros militantes da salvaguarda das línguas. Conforme relatório do primeiro mandato na coordenação do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística no RS, até então

contava-se com 11 colegiados, divididos por área, por isso, “setoriais”: Teatro, Dança, Circo, Culturas Populares, Patrimônio e Memória, Museus, Música, Artes Visuais, Audiovisual, Artesanato, além de Livro, Leitura e Literatura. Pela natureza da “Língua” como meio de interação, no qual a cultura se faz, o novo Colegiado compartilha ações e anseios – interfaces e intersecções! – com todos os demais Colegiados e está representado em todo o território do Rio Grande do Sul, especialmente conhecido por sua diversidade de línguas e situações linguísticas, que vão desde a fronteira até áreas de imigração histórica, quilombolas e áreas de proteção indígena. Sua criação, portanto, representa um marco e

um diferencial, haja vista que é o primeiro Colegiado Setorial de Diversidade Linguística, nesses moldes, no país.¹

No conjunto dos seus 30 membros (titulares e suplentes), a composição do Colegiado refletiu o total das línguas faladas no Rio Grande do Sul, portanto a diversidade linguística enquanto habilidade plurilíngue e patrimônio cultural-imaterial.

Lei do Procultura – alteração de 17 de fevereiro de 2020

Em agosto de 2019, foi realizada reunião do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística com o Departamento de Fomento da Sedac, tendo como ponto de pauta apresentar a proposta de mudança da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, elaborada pelo Colegiado.

Foi assim que a Lei n. 13.490, de 21 de julho de 2010 (atualizada até a Lei n. 15.449, de 17 de fevereiro de 2020) introduziu o item IV no art. 4º: “serão apreciados, com fundamento nesta Lei, os projetos culturais relacionados com: IV – patrimônio imaterial: salvaguarda do patrimônio cultural imaterial inventariado ou registrado na forma da lei” (redação dada pela Lei n. 15.449/20).

Essa é uma conquista fundamental. Abre novas perspectivas para o patrimônio imaterial, para os registros dos saberes e fazeres e para a diversidade linguística. Considere-se, principalmente, que a mesma Lei n. 15.449/20 estabeleceu que o Patrimônio Imaterial tenha o mesmo tratamento que já estava em prática para o Patrimônio Material, qual seja, o de atribuir um percentual menor no custo do patrocinador, ao apoiar projetos da Lei de Incentivo à Cultura (LIC). Por essa fórmula, a partir dessa alteração da Lei, o custo ao patrocinador ficou em 5% sobre o valor do patrocínio, para projetos do Patrimônio Material e Imaterial, enquanto que, para todos os outros segmentos, ficou estabelecido um custo de 10%.

Movimento via Poder Legislativo estadual

Para ampliar o debate e buscar visibilidade, o Colegiado Setorial da Diversidade Linguística articulou a realização de uma Audiência Pública na Assembleia Legislativa do RS, para apresentar e discutir a proposta elaborada, com o título “Inclusão da Disciplina ‘Línguas e Culturas Locais’ no Currículo Escolar”, dentro da reforma de ensino em processo. Essa

¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/documento-sobre-a-diversidade-linguistica>. Acesso em: 2 abr. 2021.

audiência foi realizada em 27 de agosto de 2019, com convite feito pelos deputados Elton Weber e Carlos Búrigo. Houve ampla participação de diferentes comunidades de línguas, comunidades que lotaram o Plenarinho da Assembleia Legislativa do Estado do RS, acentuando a relevância da diversidade linguística para a cultura e a educação no Rio Grande do Sul. Como resultado, firmou-se o compromisso e a convicção de levar adiante a proposta, mobilizando as diversas instâncias envolvidas. Ficou também claro para os deputados participantes e, em especial, para a Comissão de Educação e Cultura, a necessidade de ser discutida e elaborada uma legislação estadual sobre o tema Diversidade Linguística.

Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas, da Fundação Marcopolo

Como consequência da nova legislação surgida, a partir da criação do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística, em especial da Lei n. 13.490, de 21 de julho de 2010 (atualizada até a Lei n. 15.449, de 17 de fevereiro de 2020), pela primeira vez aparece num edital a opção de inscrever projetos de Diversidade Linguística, como um segmento cultural “independente”. Antes, os projetos com este tema se inscreviam no segmento “Cultura Popular” ou, simplesmente, como Teatro, Literatura, Audiovisual, etc., sem destaque à sua essência cultural ligada a alguma língua, ou a uma etnia.

No edital, a distribuição da verba para projetos de pessoas jurídicas, foi feita proporcional à população de cada um dos 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes). As inscrições foram então feitas por Corede, definido a partir da cidade-sede do proponente.

Para os projetos inscritos como Pessoa Jurídica, o Edital no item 3.1.4 diz: “Caso o Corede não tenha projetos suficientes para o preenchimento das vagas, ou o saldo final do Corede não consiga pagar o último projeto selecionado, o valor do saldo será destinado à divisão Segmentos, item 3.3”. Transcreve-se, abaixo, o item 3.3 do referido edital:

3.3 – DIVISÃO SEGMENTOS

3.3.1 Destinada a projetos de proponentes Pessoa Jurídica com valores de R\$30.000,00 (trinta mil reais) ou R\$50.000,00 (cinquenta mil reais), classificados com nota igual ou acima de 60 pontos, independentemente do COREDE do proponente.

3.3.2 Distribuição do saldo excedente proveniente da DIVISÃO COREDE e DIVISÃO PESSOA FÍSICA, acrescidos de 10% do valor total

do edital, será destinado para os projetos de segmentos culturais que receberam a menor quantidade de projetos contemplados.

É surpreendente o edital ter previsto um aproveitamento de verbas sobradas nos Coredes e tê-las destinado aos segmentos culturais menos contemplados.

Resultados do edital: um espelho da difícil situação da diversidade linguística no RS

Ao saírem os resultados, a primeira nota triste foi que, em 17 Coredes, não houve nenhum projeto inscrito no segmento “Diversidade Linguística”.

A segunda nota triste: entre os segmentos menos contemplados com projetos, a Diversidade Linguística apareceu em primeiro lugar. Depois aparecem os segmentos “Circo” e “Museu”.

Os resultados também comprovaram o previsível: somando-se os projetos de pessoas físicas e pessoas jurídicas, se inscreveram 6.127 projetos, mas apenas 90, ou seja, só 1,47% deles foram inscritos no segmento Diversidade Linguística.

Resultados Pessoa Jurídica

Em “pessoa jurídica” se inscreveram 2.945 projetos, sendo 55 em Diversidade Linguística. Apenas um teve nota para se classificar dentro do seu Corede (*Nhemombaraeté Rekó Rã’i* – Livro da Arte Visionária Mbya, de Kátia Janaína Zanini, de Porto Alegre, com nota 92,5), e 12 ficaram na suplência.

Por força do item 3.3 do edital (vide acima), todos os 12 projetos suplentes foram contemplados naquilo que se poderia chamar de “reescapagem”. Inclusive o projeto, objeto deste livro, *Juntos na diversidade*.

A temática desses 13 projetos contemplados é: indígena (um projeto, acima nominado), afro (dois projetos), libras (dois projetos), *Talian* (três projetos), e abrangendo diversas línguas ou etnias (cinco projetos).

Resultado Pessoa Física

Na classificação “pessoa física” se inscreveram 3.183 projetos, sendo 35 em Diversidade Linguística. Citamos os três contemplados: “Dicionário Quilombola da Campanha”, de Mariglei Dias de Lima, de Rosário do Sul, com nota 97,5; “*Talian* e culinária podem andar de mãos dadas”, de Maria

Inês Bernardi Chilanti, de Antônio Prado, com nota 95,5; “Calendário Português/Yorubá 2022”, de Gercy Ribeiro de Mattos, de Porto Alegre, com nota 92,5, na cota autodeclarado negro”.

A lista de suplentes em “pessoa física” (nota 6 ou acima), é de 2.059 projetos. Dentre eles, estão 23 do segmento Diversidade Linguística.

Políticas para salvaguarda das línguas no RS

O “espelho” acima é o resultado e a comprovação de que, efetivamente, inexistente uma política pública para salvaguarda das línguas no RS, como de resto no Brasil. Isso tanto nas esferas governamentais como nas esferas acadêmicas.

Comentando o Prefácio escrito por Moysés Vellinho para o livro *Os pesos e as medidas*, de Italo Balen, o Prof. José Clemente Pozenato, em recente artigo com o título “Um inventário do *Talian*”², escreveu: “Observe-se sua ironia a respeito das leis que preservam as araucárias e, de outro lado, não cuidam da preservação de um patrimônio cultural, como as línguas. Isso escrito pouco antes de seu falecimento, ocorrido em 1980”.

O Brasil tem uma boa e necessária política para a preservação da biodiversidade da natureza vegetal e animal. E existe uma visibilidade muito grande para ela, fator fundamental para a formação de uma consciência e uma postura coletiva.

A preservação da Diversidade Linguística precisa alcançar a mesma dimensão. Do contrário, a tendência de morte das línguas, que é a realidade de hoje, vai se concretizar.

Pano de fundo – a política nacional sobre as línguas

Criação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística

Em palestra on-line, em 18 de julho de 2020, Marcus Vinícius Carvalho Garcia, técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), citou quatro tópicos como pressupostos da criação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística:

- Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (Barcelona, 1996);
- Pedido de Registro do *Talian* como Patrimônio Cultural Brasileiro, de 2002/2003;

² Disponível em: https://www.silvanatoazza.com.br/opiniao/detalhe/um-inventario-do-talian?_fbclid=IwAR0i1TmKvRhJWa_cz36u428UTkfb_ktU1jvySZTJn5loU7uAyw8JeiEdljk. Acesso em: 2 abr. 2021.

- Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística – 2006 a 2010;
- Decreto n. 7.387/2010, que cria o Inventário Nacional da Diversidade Linguística.

Ele destacou que o pedido de registro do *Talian* como Patrimônio Cultural Brasileiro, entre 2002 e 2003, foi o despertar para se pensar o assunto Diversidade Linguística no Brasil. Mérito dos “sataroni” da *Léngua Talian*, que foram insistentemente a Brasília para “provocar” sobre o assunto: estes “alicerces” são os gaúchos Paulo Massolini, Honório Tonial, Rovilio Costa, Darcy Loss Luzzatto, dentre outros. Como “prêmio”, o *Talian* foi a primeira língua de imigração a ser inventariada, tendo recebido o Certificado de Língua Cultural Brasileira, em 10 de novembro de 2014.

O Inventário Nacional da Diversidade Linguística³ tem por finalidade: “valorizar e promover a diversidade linguística no Brasil, através do apoio a iniciativas de documentação, reconhecimento, pesquisa e produção sobre as línguas, buscando especialmente inserir as comunidades de falantes como protagonistas nesses processos”.

Cooficialização de línguas

O Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol) é uma instituição sem fins lucrativos, de caráter cultural e educacional, fundada em 1999, com sede em Florianópolis, SC, que representa os interesses da sociedade civil. É dela a elaboração do quadro abaixo, que faz um histórico da cooficialização das Línguas no Brasil, que também é uma política pública, praticada via Legislativos Municipais. Observa-se que o RS está na melhor posição, por força das línguas de imigração, com destaque para o *Talian*.

³ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Processo de cooficialização

Línguas Indígenas	
Tukano	São Gabriel da Cachoeira/AM (novembro 2002)
Neengatu	São Gabriel da Cachoeira/AM (novembro 2002)
Baniwa	São Gabriel da Cachoeira/AM (novembro 2002)
Guarani	Tacuru/MS (maio de 2010)
Akwẽ Xerente	Tocantina/TO (2012)
Macuxi	Bonfim/RR (2014) Cantá/RR (2014)
Wapichana	Bonfim/RR (2014) Cantá/RR (2014)
Ticuna	Santo Antônio do Içá/AM (2020) Projeto Lei aprovado - aguardando o executivo
Ingaricó	Uiramutã /RR
Saterê Mauê	Mauês/Amazonas
Mebêngôkre (Kayapó)	São Félix do Xingu/Pará
Total: 11 línguas	
Total: 9 Municípios	

Línguas Alóctones (processos de imigração)		
Pomerano	S. M. de Jetibá/ES (julho 2009), Pancas (julho 2009) Domingos Martins/ES (outubro 2011) Laranja da Terra/ES (Junho 2008) Vila Pavão/ES (novembro 2009) Itarana/ES	Canguçu/RS (junho 2010) São Lourenço do Sul/RS Pomerode/SC (maio 2017) Espigão do Oeste/ Rondônia (em tramitação) 10 municípios
Talian	Serafina Corrêa/RS (novembro 2009) Flores da Cunha/RS (abril 2015) Bento Gonçalves/RS (junho 2016) Parai/RS (2016) Nova Roma do Sul/RS (outubro 2015) Fagundes Varela/RS (junho 2016) Caxias do Sul/RS (outubro 2017)	Ivorá/RS (23 março 2018_ Antônio Prado/RS Camargo/RS Nova Pádua/RS Guabiju/RS Nova Erechim/SC (agosto 2015) Ipumirim/SC (2020) 14 municípios
Hunsrückisch hunsriqueano	Antônio Carlos/SC (setembro 2010) Santa Maria do Herval/RS (dezembro 2010)	Ipumirim/SC (2020) 3 municípios
Plattdüütsch	Westfália/RS (Lei 1302, 16/03/2016)	1 município
Alemão	Pomerode/SC (setembro 2010)	1 município
Dialeto Trentino	Rodeio/SC (2020)	1 município
Total 6 línguas		Total: 29 Municípios

Rosângela Morello (IPOL) – 17 línguas em 38 Municípios (atualizado em 15/02/2021)

Processo de colonização/dominação

O processo de colonização (historicamente praticado no mundo e conhecido de todos) consiste, por um lado, em se apropriar dos bens materiais e, por outro lado, de exterminar com os bens imateriais de identidade dos dominados, dentre eles, principalmente, a língua. No Brasil o tratamento dado às línguas foi exemplar, dentro dessa cartilha, primeiro com os índios e escravos, depois com os imigrantes. Atualmente, num

mundo globalizado, a colonização/dominação ocorre com muita força, através do domínio das “línguas comerciais”, no Brasil, o inglês.

Não é objeto, aqui, tratar da questão nacional. Mas é preciso lembrar. O RS poderá até tentar, mas não conseguirá implementar mudanças de forma isolada nessa questão da Diversidade Linguística, sem uma efetiva política nacional.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo. *Relatório do primeiro mandado*. Coordenação do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/documento-sobre-a-diversidade-linguistica/>. Acesso em: 2 abr. 2021.

EDITAL Criação e Formação Diversidade das Culturas. Disponível em: <https://www.fundacaomarcopolo.com.br/projeto-escolas/noticias/edital-criacao-e-formacao-diversidade-das-culturas>. Acesso em: 2 abr. 2021.

TOAZZA, Silvana *Um Inventário do Talian*: Disponível em: https://www.silvanatoazza.com.br/opiniao/detalhe/um-inventario-do-talian?fbclid=IwAR0i1TmKvRhJWa_cz36u428UTkfb_ktU1jvySZTJn5loU7uAyw8JeiEdljk. Acesso em: 2 abr. 2021.



5

Patrimônios comuns: a importância das diversidades

*Grasiela Tebaldi Toledo**

A proposta deste texto¹ é impulsionar a reflexão sobre a noção de patrimônios comuns e a importância das diversidades. Esses dois conceitos afloraram a partir do projeto *Juntos na diversidade*, que demonstrou de forma plural, encantadora e simples, como a vida das pessoas e suas memórias e ações, no presente, permitem a construção, na prática, do que conceitualmente é chamado de patrimônio.

A memória é seletiva e induzida, visto que sua primeira característica aponta para a incapacidade humana para a lembrança total, e a segunda refere-se ao estabelecimento de lugares de memória ou “o passado social formalizado e instituído”. Trazer à tona elementos do passado faz com que a memória seja força viva no presente, tornando-se construtora e negociadora de identidades. “É a memória que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo de acontecimentos” (MENESES, 1984, p. 34).

Todos os projetos que participaram do *Juntos na diversidade* trabalharam com a noção de patrimônio e memória, de forma bem-ampliada e não restrita à ideia de patrimônio como algo distante, alheio, velho ou somente dos personagens e fatos considerados importantes da história. Ao contrário, os projetos valorizam os grupos locais, as experiências do cotidiano, as pessoas que não estão nos registros oficiais, as pequenas comunidades, ou o que academicamente nomeamos de memórias exiladas, justamente por não estarem nas chamadas memórias oficiais.

* Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Arqueóloga no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-RS).

¹ O texto é uma adaptação da palestra proferida em 2018, na cerimônia de abertura do projeto *Juntos na diversidade*.

Porém, tirando essas palavras, que podem ser só floreios do mundo acadêmico, e dito de forma direta e sem rodeios, é a valorização das memórias que têm significado para um grupo específico, é não deixar morrer hábitos, crenças, costumes e línguas que fazem parte da história das comunidades locais.

Assim, a ideia de patrimônios comuns vem, justamente, para colocar no mesmo patamar as histórias de todos os grupos, sejam eles dominantes, minorias, sub-representados na História ou supervalorizados tradicionalmente. Equilibrar isso no campo patrimonial é fundamental para que ninguém ou nenhum grupo seja preterido, mas, sim, estejam juntos na diversidade.

O patrimônio é uma construção e um artefato político relacionado com os processos de construção das identidades que mobilizam diversas forças e conflitos de interesses. Esses conflitos podem ser tanto acadêmicos, entre profissionais, como com a sociedade, que agrega diferentes grupos e coletivos. A noção mais tradicional de patrimônio está vinculada às identidades nacionais e nega ou alija-se desses debates controversos para preservá-lo e mostrá-lo como prova de orgulho nacional (LONDOÑO, 2014).

Assim, o escopo do projeto *Juntos na diversidade*, visa justamente romper com a lógica nacionalista, colonialista e mercantilizada do patrimônio. O conceito de patrimônios comuns pode refletir esse desejo, justamente por não valorizar apenas o patrimônio atrelado a uma identidade nacional unívoca e homogeneizante, mas compor cenários plurais, antirracistas, descolonizados e cada vez mais engajados com a construção de uma sociedade democrática, onde o falar, qualquer língua, seja motivo de encontro e comunicação e não de afastamento e ruídos.

Um dos significados da palavra comum é simples, trivial, singelo, que poderia dar uma impressão de inferioridade, porém, a ideia é justamente mostrar que o simples e o singelo também são patrimônios, que nossas ações cotidianas, que o jeito de falar, que o jeito de dançar e cantar são tão importantes como patrimônios monumentais e oficiais, como histórias e ações conhecidas mundialmente. Assim, também fica clara a noção de que patrimônios comuns são muito mais flexíveis do que os patrimônios oficiais, que estão registrados, pois mantêm a dinâmica e a vida das práticas culturais.

Assim, todas as ações empreendidas no âmbito do projeto *Juntos na diversidade* são patrimônios e também são comuns, pensando em outro significado dessa palavra: que se refere ao que é coletivo, compartilhado,

grupais, que une os diferentes. Assim, uma língua é comum a um grupo e, ao mesmo tempo, é estranha para outro. Porém, quando estão compartilhando um mesmo território ou uma mesma região, a convivência permite ou deveria permitir o respeito e a valorização do diferente, da diversidade. Assim, uma grande contribuição do *Juntos na diversidade* é valorizar patrimônios comuns e envolver as diversidades.

Outra reflexão que pode ser feita sobre o conceito de patrimônios comuns é que precisamos romper com a noção de uma identidade única e homogênea que foi forjada, a partir da valorização de uma ideia tradicional de patrimônio, que só valoriza um grupo, uma história, uma versão dos acontecimentos. Valorizar, estudar, preservar patrimônios comuns é construir identidades plurais, heterogêneas, diversas e que contemplem a diversidade dos povos.

Assim, a importância das diversidades – grafado no plural propositalmente –, demonstra que, por mais que o *Juntos na diversidade* tenha o enfoque no patrimônio e na diversidade linguística, a execução dos projetos mostrou uma diversidade muito maior, potencializando diversidades.

Os projetos mostraram mais que apenas diversidade linguística; mostraram diversidade cultural, diversidade artística e estética, diversidade de formas de apresentação e envolvimento da comunidade, diversidade etária, diversidade histórica, entre tantas outras. Quando se trabalha no campo da diversidade, as oportunidades de ação e reflexão são sempre ampliadas e cada vez mais vemos a importância de não valorizar apenas uma história única mas entender outras linguagens, outros pontos de vista, outras formas de ser, fazer e bem viver.

Os projetos envolveram-se com música, dança, teatro, leitura e escrita, tradução, jogos, brincadeiras, rezas, contações de história, piadas, causos, curta-metragens, corais, utilização de instrumentos musicais, construção de cenários, programas de rádio, entre outras formas de preservação do patrimônio, extremamente flexíveis e que podem contribuir sobremaneira para repensar, inclusive, políticas públicas no campo de patrimônio cultural, que, muitas vezes, acaba engessando essas manifestações tão espontâneas, dinâmicas e vivas das culturas e tradições dos povos.

Nesse sentido, Criado-Boado e Barreiro (2013) afirmam que temos a obrigação de buscar fórmulas multivocais e participativas de uso e gestão do patrimônio, compatíveis com a proteção e promoção desses bens, de forma cada vez mais dinâmica e flexível.

O campo patrimonial tem suscitado debates muito relevantes de forma multidisciplinar, agregando discussões sobre preservação, legislação, gestão, memória, esquecimento, identidade, socialização, regimes de historicidade, tempo, espaço, entre outros aspectos fundamentais para a compreensão ampla do patrimônio (GUILLAUME, 2003; HARTOG, 2006; CRIADO-BOADO; BARREIRO, 2013; SANT'ANNA, 2015; KONSA, 2017). Todavia, esses debates conceituais são demasiadamente vastos e adentram muitas áreas do conhecimento.

“O patrimônio se impôs como a categoria dominante, englobante, senão devorante, em todo caso, evidente, da vida cultural e das políticas públicas” (HARTOG, 2006, p. 265), equilibrando-se, ou não, entre a atribuição de valor pela comunidade e pelos órgãos oficiais, que leva à decisão de preservar e que sempre seleciona e/ou privilegia certos aspectos em detrimento de outros (CASTRIOTA, 2009).

Dessa forma, o *Juntos na diversidade* demonstrou formas alternativas de preservação que podem e devem impulsionar novas práticas e, inclusive, novas propostas de políticas públicas e legislações patrimoniais.

A utilização de uma língua nativa (do tronco linguístico *jê*, expresso atualmente entre os kaingang) ou dos grupos migrantes (italianos, poloneses, alemães, afro-brasileiros) como principal instrumento para promover as inúmeras atividades do projeto *Juntos na diversidade*, mostra o quanto a língua é uma ferramenta e um patrimônio inestimável dos povos, sendo fundamentais ações para sua preservação.

Preservação aqui entendida como ações de manutenção, divulgação, educação e comunicação, não apenas para manter a língua intocada, como algo que deve ser colocado numa redoma de vidro e protegida, mas ser falada, utilizada, compartilhada, tornada comum! O Brasil tem, segundo o censo 2010 do IBGE, aproximadamente 200 línguas que são faladas atualmente. O *Juntos na diversidade* consegue agrupar algumas delas que são as mais utilizadas na região da Serra gaúcha. Quiçá em futuras edições do projeto ou na ampliação de sua cobertura territorial, possamos ter outras línguas, e envolver a língua de sinais e assim ampliar as diversidades.

Voltando a abordar as diversidades, uma das diversidades visíveis, nos projetos, é a idade dos participantes. O projeto originalmente previa como público-alvo crianças e jovens, justamente para transmitir a língua para as novas gerações e para que aumente o número de falantes e não se torne uma língua em extinção. Porém, para efetivar isso, ou para poder transmitir esses ensinamentos, a participação de adultos e idosos se fez

muito perceptível nas ações, enriquecendo muito as experiências, sejam elas as com cunho educativo, nos ambientes escolares formais, bem como em ações culturais em associações, ou outros grupos que promoveram atividades.

Assim, outra contribuição do *Juntos na diversidade*, bem como das reflexões patrimoniais é perceber que as gerações estão em contato, seja para provocar mudanças por meio do embate de ideias, de valores, de visões de mundo, bem como para eleger o que desejam que seja uma permanência, transformada, muitas vezes, em herança. As transformações históricas não se dão em uma arena pacífica nem natural; todos, jovens ou idosos, exercem uma importante ação nesse campo, ensejando algumas mudanças e preservando algumas tradições. Nesse sentido, a diversidade etária, também é um fator primordial para as ações de preservação linguística e cultural.

A ideia de patrimônios comuns e a importância das diversidades, no plural, podem ser um norte ou inspiração para que os grupos continuem com seus excelentes trabalhos e motivem outras ações nesse campo.

Alguns grupos do projeto, com maior trajetória, já apresentavam elementos artísticos e estéticos mais refinados, porém isso nunca foi o principal critério de análise, sendo que o comum, o grupal, o coletivo, o envolvimento e a participação da comunidade, de jovens e crianças, aprendendo com os mais velhos e usando a língua é o grande fator de destaque, pois contribuirão para o respeito às diferenças e preservação dos vários patrimônios culturais.

Se, atualmente, estamos vivendo um período doloroso e crítico, que nossas memórias, nossos grupos, nossa língua, nossos patrimônios sejam nossas âncoras e formas de resistir e construir um futuro comum e diverso.

Referências

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume, 2009.

CRIADO-BOADO, Felipe; BARREIRO, David. El patrimonio era otra cosa. *Estudios Atacameños – Arqueología y Antropología Surandinas*, San Pedro de Atacama, Chile, n. 45, p. 5-18, 2013.

GUILLAUME, Marc. *A política do patrimônio*. Trad. de Joana Caspurro. Porto: Campo das Letras, 2003.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.

KONSA, Kurmo. Time and space of heritage preservation: conservation theoretical perspective. *Baltic Journal of Art History*, Tartu, v. 13, p. 193-215, 2017.

LONDOÑO, Wilhelm. Más Allá del patrimonio. In: RIVOLTA, María Clara et al. (ed.). *Multivocalidad y activaciones patrimoniales en arqueología: perspectivas desde Sudamérica*. Buenos Aires, 2014. p. 155-167.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 20, 1984.

SANT'ANNA, Márcia. Preservação como prática: sujeitos, objetos, concepções e instrumentos. In: RESENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro; Brasília: Iphan, 2015. (Termo-chave Preservação).



SEÇÃO II
PRÁTICAS DE PRESERVAÇÃO
DO PATRIMÔNIO
LINGUÍSTICO E CULTURAL
NA SERRA GAÚCHA



Talian non desmentegar

Fernando Roveda

Agência de Desenvolvimento do Patrimônio Cultural e Natural
do Município de Antônio Prado, RS

O projeto *Talian non desmentegar* foi idealizado pelo coordenador do projeto *Memória de Antônio Prado*, Fernando Roveda, e inscrito por meio da *Agência de Desenvolvimento do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Antônio Prado (Adesp)*, tendo como objetivo promover a participação de crianças e jovens na fala do *Talian* em programas de rádio.

De acordo com o coordenador, a ideia foi promover um encontro de gerações, para que a língua *Talian* fosse incentivada no âmbito familiar e passada, seja pela fala, seja pela música, ou pela troca de informações, aspectos da identidade linguística da língua-mãe dos descendentes de imigrantes italianos: o *Talian* – para não esquecer.

Para o desenvolvimento do programa *Talian non desmentegar* contamos com a parceria da Rádio Solaris de Antônio Prado AM 1.110 e FM 97.3, do Projeto Memória e do Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado, cujas apresentações foram realizadas no programa *La Montanara*, aos sábados pela manhã.

Os programas de rádio iniciaram em 30 de julho de 2016 com a formatação da primeira edição, seguindo nos anos de 2017 e 2018. Cada programa tinha duração de 30 minutos e foram veiculados aos sábados pela manhã, no espaço do programa *La Montanara*, a partir das 9 horas. *La Montanara* é um programa de rádio falado na língua *Talian*, há mais de 29 anos no ar na Rádio Solaris de Antônio Prado (RS), na época apresentado pelos senhores Virgínio José Bortolotto (Nilo) e Adelar Caríssimi (em memória).

A apresentação dos programas de rádio *Talian non desmentegar* esteve a cargo de jovens, convidados pelo coordenador Fernando Roveda (22) – Capela Nossa Senhora da Saúde e por Gustavo Martello (22) – Capela São Valentin-Santana, contando com a participação especial, em

dois programas, das professoras: Elisangela Zulian, Maria Inês Bernardi Chilanti e Maria Luiza Rech Ravanello. No total, foram 15 programas de rádio, com a participação direta de 109 pessoas, em sua maioria crianças e jovens, com idades entre 7 e 40 anos,¹ abrangendo os Municípios de Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Ipê.

A língua *Talian* foi utilizada como meio de comunicação entre os participantes, visto que o objetivo do programa foi promover a fala (falar *Talian* entre os jovens e convidados), mesmo que os participantes não dominassem completamente essa fala, podendo alternar entre o *Talian* e o Português. O programa *Talian non desmentegar* procurou colocar em evidência as crianças e os jovens, e promover entre eles e os ouvintes da rádio a fala do *Talian*.

O programa inaugural foi ao ar em 30 de julho de 2016, cujo propósito foi informar aos ouvintes sobre o projeto *Talian non desmentegar*, as possíveis datas, nas quais seriam veiculados os programas de rádio e os objetivos de promover a fala da língua *Talian* entre crianças e jovens, na família e na comunidade. No programa introdutório aproveitamos para fazer um retrospecto histórico sobre a origem da língua *Talian*, convidando os ouvintes a fazerem uma reflexão sobre as possibilidades de preservar essa língua na região nordeste do Rio Grande do Sul, território ocupado pelos imigrantes italianos e seus descendentes, no qual nasceu a língua *Talian*. Nesse programa apresentamos os depoimentos gravados de Darci Loss Luzzatto (editor do dicionário da língua *Talian* – em memória), Alcione J. Maschio (pesquisadora do inventário do *Talian* pela Universidade de Caxias do Sul-RS), Daniela Perco (diretora do *Museo Etnografico della Provincia di Belluno* e pesquisadora da cultura de imigração no Rio Grande do Sul), Sergio Bonato (Presidente do *Istituto de Cultura Cimbra di Roana-Vicenza, Italia*), Gianfranco Cavallin (pesquisador e editor do *Dizionario della Lingua Veneta, Padova-Italia*), Fabio Bertoncello (Presidente da Associação *L'Alboro de la Lengoa Veneta, Vicenza-Italia*), cujos argumentos promovem uma reflexão sobre a preservação da língua *Talian*, no âmbito familiar e da comunidade.

¹ Incluem-se, nessa faixa etária, os alunos da Apae de Antônio Prado, RS.



Programa inaugural *Talian non desmentegar*, veiculado em 30 jul. 2016, com a apresentação de Kellen Barison e participação de Lúcio Gabriel Sotoriva Roveda (7), e do coordenador do programa Fernando Roveda. Rádio Solaris de Antônio Prado-RS.

Após o programa introdutório, os demais programas do programa *Talian non desmentegar* foram apresentados por Kellen Barison e Gustavo Martello, destacando temas como: poesias, rezas, canções do folclore *Talian*, histórias e mentiras, jogos antigos, histórias de como aprenderam a língua *Talian*, com os quais os participantes interagiram com os apresentadores e ouvintes do programa, na rádio Solaris de Antônio Prado.

Nesse sentido, destacamos alguns programas realizados de 2016 a 2018, do programa *Talian non desmentegar*.



Programa *Talian non desmentegar* em 3 set. 2016. A partir da esquerda: apresentadora Kellen Barison, Gustavo Martello, Andrei Carra Martello, Leonardo Gambin, Eduardo Chiarello Fantin e Jordana Gambin. De pé: Fernando Roveda e Prof. José Panisson. Estúdio da Rádio Solaris de Antônio Prado-RS.

No dia 30 de setembro de 2017, o projeto contou com a participação de cinco crianças de 8 a 10 anos, da Escola João XXIII: Marcos Palinski Baldin (9), Carlos Zulian Neto (10), Amanda Rizzardi Michelotto (8), Eloisa Palinski Dalla Costa (8), e Lúcio Gabriel Sotoriva Roveda (8); com a coordenação da Profa. Maria Inês Bernardi Chilanti, cantaram partes de dez músicas em *Talian: Mèrica, Mèrica, Filò, Il mazolin de fiori, La bela polenta, Vèchio trivelin, Bona salute e pansa piena, Quatro passi, Me compare Giacometo, Ricordarsi dei nostri bisnoni e Moretina bela ciao*.

A apresentação das crianças cantando músicas do folclore *talian* repercutiu nos ouvintes do programa, que perguntavam ao coordenador do projeto, Fernando Roveda, quando teriam mais apresentações das crianças na rádio. O depoimento de Delvina Tochetto Aver (65), ouvinte do programa *Talian non desmentegar*, relatou sua experiência quando ouviu as crianças cantarem na língua *Talian*. Abaixo transcrevo parte do depoimento de Delvina falado na língua *Talian*, cuja transcrição não seguiu nenhuma gramática de escritores do *Talian*, mas como dizia Darci Loss Luzzatto: “*Il Talian si scrive come si parla e si parla come si scrive*” (o *Talian* se escreve como se fala e se fala como se escreve), considerando, nessa transcrição, a influência da Língua Portuguesa presente no *Talian*.

– Me ga piazesto proprio, stato la meio alegria del di intiero, sentire luri cantar. Bisogana che se ricordemo dei nostri bisnoni, dei nostri noni, che continuemo cantar e parlar con i netini; mi parlo com mio netinho. Parlemo in *Talian* perche gavemo de ricordar sempre dei nostri bisnoni, che grazie a luri noi semo qua! Mi piazeste parlar in *Talian*... Mi parlo con luri (neto), mi ghe digo ti scruco, el me dize nona ti struco! Lè el mio netinho con tre ani. Mi son drio criarlo. Mi go cria tre neti e go parla *Talian* con tuti i tre... Non perder la alegria di parlar in *Talian*!

(Tradução) – Gostei muito mesmo, foi a melhor alegria que aconteceu no dia inteiro ouvir as crianças cantarem. É preciso recordar de nossos bisnonos, dos nossos nonos, para continuar a cantar e falar com nossos netos; eu falo com meu netinho. Falamos em *Talian*, porque temos que recordar sempre dos nossos bisnonos, que graças a eles nós estamos aqui. Eu gosto de falar em *Talian*. Eu falo com meu neto luri, eu digo te dou um abraço apertado, ele me diz, *nona* te dou um abraço apertado. É o meu netinho com três anos. Eu estou criando ele. Eu criei três netos e falei *Talian* com todos eles. Não devemos perder a alegria de falar em *Talian*!



Apresentação das crianças da Escola João XXIII: A partir da esquerda: Amanda Rizzardi Michelotto (8), Lúcio Gabriel Sotoriva Roveda (8), Eloisa Palinski Dalla Costa (8), Marcos Palinski Baldin (9) e Carlos Zulian Neto (10). Dia 30 set. 2017, estúdio da Rádio Solaris de Antônio Prado-RS.

Na terceira edição do programa *Talian non desmentegar* (2018), destacamos a participação das jovens: Mariana Anziliero Forini (12), Laisa Bortolotto Saugo (14), Nadila Macagnan Donazzolo (13), Taise Castagna (13) e do jovem Alan Geremia Anziliero (11), com a participação especial, na apresentação do programa, da Profa. Elisangela Zulian, em substituição a Kellen Barison.



A partir da esquerda: Mariana Anziliero Forini, Elisangela Zulian, Laisa Bortolotto Saugo, Nadila Macagnan Donazzolo, Taise Castagna, Alan Geremia Anziliero e Fernando Roveda. Estúdio da Rádio Solaris de Antônio Prado-RS, 6 out. 2018.

Seguindo com o programa *Talian non desmentegar*, na terceira edição do projeto *Juntos na diversidade*, contamos com a participação dos alunos da Apae de Antônio Prado, que fizeram uma apresentação especial para o programa de rádio, com a coordenação de professores da escola.

A apresentação foi na sede da Apae de Antônio Prado, onde participaram 27 alunos dirigidos pelas professoras: Flávia Viapiana e Francieli Mondadori, juntamente com a diretora e demais professores.

Em meio a um cenário típico da cultura taliana, organizado pelas professoras da escola e com a ajuda da comunidade de Antônio Prado, os alunos cantaram e representaram as músicas do folclore *talian*: *Mèrica Mèrica*, *Il mazzolin de fiori*, *Moretina bela ciao*, *Vèchio trivelin* e *La bela polenta*.

Segundo a diretora da Apae, Luiza Denalle – para o grupo que gosta de cantar o *Talian* é uma alegria enorme poder participar desse projeto, pois foi a primeira vez que fizemos uma proposta de cantar músicas em *Talian* para os nossos alunos... Embora nem todos sejam descendentes de italianos, eles se esforçam muito para aprender essa cultura... então, nós agradecemos essa oportunidade, juntamente com os professores que trabalharam com os alunos.



Escola de Educação Especial Santa Rita de Cássia – Apae de Antônio Prado. Alunos da Apae participando da terceira edição do projeto *Juntos na diversidade* – *Talian non desmentegar*, 10 out. 2018.

Foto: Anthony Beux Tessari.

Os propósitos do programa *Talian non desmentegar*, o de incentivar a fala do *Talian* por meio de programas de rádio, envolvendo crianças e jovens da comunidade de Antônio Prado e de municípios vizinhos, teve resultados surpreendentes ao longo das três edições do projeto *Juntos na diversidade*, como foi registrado na apresentação dos alunos da Apae de Antônio Prado, bem como com os mais de cem participantes do programa. Em conversa informal nos bastidores do estúdio da rádio com os participantes do projeto, a maioria declarava que sentia orgulho de falar e entender a língua *Talian* e de estar participando de um programa de rádio; professores e pessoas da comunidade destacaram a importância de incentivar as crianças a falarem a língua *Talian*.

Para finalizar, deixamos registrada uma homenagem a Virginio José Bortolotto e Adelar Caríssimi (em memória), que mantiveram viva a cultura da língua *Talian*, por meio da apresentação do programa *La Montanara*, no ar há mais de 29 anos.



A partir da esquerda: apresentadores do programa *La Montanara*: Adelar Caríssimi (em memória) e Virginio José Bortolotto. Projeto *Juntos na diversidade – Talian non desmentegar*, 17 nov. 2018.



7

Talian no projeto Juntos na diversidade

Maria Inês Bernardi Chilanti

Associação de Preservação do *Talian*
Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado, RS

Projeto Recreação infantil através dos tempos

A Associação de Preservação do *Talian* (*Associação de Preservação del Talian*), de Antônio Prado, foi fundada em 23 de fevereiro de 2015. É composta por professores, funcionários públicos e privados, aposentados, jovens, agricultores e simpatizantes do “*parlar Talian*”. Conta com Raquel Ângela Carissimi Araldi como presidente, e tem por objetivo e finalidade a preservação da cultura do *Talian*. Para isso, são desenvolvidas ações com o envolvimento da comunidade, tais como: encontros para ler e falar a língua *Talian*, dar suporte a grupos de teatro, traduções, evidenciar histórias e trajetórias de famílias de imigrantes.

O *Talian* é uma língua falada apenas no Brasil, por descendentes de italianos. Estima-se que cerca de um milhão de pessoas falem a língua atualmente, e é resultado de dialetos trazidos pelos imigrantes italianos.

Levando-se em consideração que, em 2014, o *Talian* foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Nacional Imaterial e como Referência Cultural Brasileira, além de ser incluído no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, a Associação empenha-se em salvaguardá-la como língua viva, pois constitui um legítimo patrimônio da comunidade de descendentes italianos, residentes no Município de Antônio Prado, na região da Serra gaúcha e no RS, sem esquecer a contribuição de outras etnias.

No ano de 2016, a Associação participou do projeto *Juntos na diversidade*, com o intuito de resgatar, difundir e fortalecer a língua *Talian*, oportunizando ampliar o universo cultural das crianças e dos adolescentes da comunidade escolar de Antônio Prado, RS.

Foram realizadas atividades culturais, recreativas e sociais, envolvendo a comunidade pradense, tanto da zona rural como da urbana, descendentes ou não de italianos, inclusive pessoas com necessidades especiais. As atividades foram desenvolvidas com as escolas do município.

Cada participante pôde contribuir com as memórias da família, enaltecendo suas origens e as influências na sociedade, visando à contribuição da preservação e do resgate da história dos imigrantes italianos, no Município de Antônio Prado, RS.

O projeto envolveu toda a comunidade escolar, dentro da faixa etária da Educação Infantil ao 5º ano, e os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Antônio Prado. A pesquisa foi lançada com o tema: *Recreação infantil através dos tempos*.

Num primeiro momento, foi feito contato com a direção das escolas, explicado as intenções e os motivos da pesquisa, e como proceder com a entrevista. Com a ajuda das escolas, as pesquisas, na forma de questionários, foram distribuídas aos alunos. As crianças, de posse do material, levaram para casa e entrevistaram os familiares mais idosos e ouviram deles histórias sobre brinquedos, brincadeiras, rodas cantadas, versos e músicas vividas na sua infância.

A cada dia, relatos dos alunos emocionavam a todos, reportando os professores à infância: os olhos brilhavam recitando ou narrando as informações obtidas. Com o retorno dos dados, foi feita a tabulação; além dos itens da pesquisa, a idade, descendência e origem dos entrevistados. Foram levadas em conta todas as informações coletadas nas pesquisas, prestigiando as contribuições étnicas da comunidade escolar. Enfim, uma riqueza de dados.

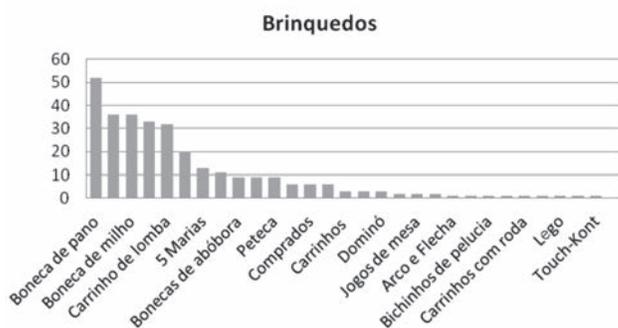


Gráfico elaborado com base na pesquisa relacionada aos brinquedos utilizados na infância

Fonte: Elaboração da autora.

Com os dados mais citados da pesquisa, sem perder o foco, providências foram tomadas para a confecção de: carrinhos de lomba, de madeira e pernas de pau. Uma turma de cada escola confeccionou petecas, cinco-marias, bolas de pano, carrinhos com latinhas de sardinha e bonecas de pano. Dos resultados da pesquisa, relacionados à literatura, foram confeccionados cartazes com a letra das rodas cantadas, músicas, brincadeiras e dos versos.



Oficina na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida
Foto: Raquel Carissimi.

O material serviu para desenvolver as 25 oficinas previstas no projeto, e os alunos participantes puderam aprender a evolução, principalmente, das brincadeiras, dos brinquedos e das rodas-cantadas, e praticar os resultados da pesquisa. Os alunos reuniram-se por turma, em cada escola, com explicações e material concreto, resultado da pesquisa e confecção. Em seguida, podiam manusear e praticar; carrinho de lomba e pernas de pau foram as brincadeiras que mais despertaram interesse. O lúdico aflorava e, com isso, as vivências coletadas expressavam-se nas brincadeiras.



Oficina prática na Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII e na Escola Santa Rita de Cássia
Fotos: Raquel Carissimi.

O envolvimento na execução do projeto foi de aproximadamente duas mil e quinhentas pessoas. O produto final, com certeza, foi um resgate, uma prática, um maior conhecimento, a valorização e aceitação da cultura local, respeitando a influência das várias etnias da clientela escolar.

A Associação tem consciência da importância da língua viva para a preservação da cultura e, por esse motivo, planeja suas atividades, tendo como tema principal a língua, não esquecendo a contribuição de outras etnias, e que, por este motivo, deve ser preservada nesta geração e nas gerações futuras.

Os eventos e atividades propostas foram narrados na língua *Talian*, com sua devida tradução para o Português, para que o público os pudesse vivenciar, nos momentos apresentados. Todas as ações foram registradas e servirão como documentação e registro importante da ação. A comunidade

escolar sensibilizou-se com as contribuições dos imigrantes italianos, alemães, africanos (entre os quais, os senegaleses), haitianos, entre outros, que compõem a população pradense.

A Associação cumpriu seu propósito, envolvendo o público, estimulando a participação e a valorização da origem de cada um. Garantiu-se a democratização do acesso às atividades, aos produtos e bens culturais resultantes do projeto.

Os resultados foram expostos em momentos de atividades comemorativas de cada escola, que contribuiu com a execução do projeto.



Exposição de brinquedos na escola João XXIII

Foto: Maria Inês Bernardi Chilanti.

Sem o *Talian*, as conquistas e vitórias ocorridas no Sul do País seriam mais difíceis e, porque não dizer, incansáveis. O *Talian* é, por isso, um idioma que merece o respeito de todos. Protegê-lo significa proteger seus descendentes e a cultura dos mesmos.

Projeto O Talian está sendo lembrado

Sou professora há mais de quarenta e cinco anos. Lecionei em escolas do interior e na cidade. Hoje, trabalho com alunos da Educação

Infantil ao 5º ano, com atividades da língua *Talian* e Italiano, na escola João XXIII. Também ministrei estas atividades, por mais de cinco anos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida. Tenho cursos de gramática da Língua Italiana e do *Talian*. Faço parte do Colegiado da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul. Sou presidente do Conselho Municipal de Política Cultural do Município de Antônio Prado, RS e coordeno um grupo de adultos com aulas de *Talian*; também sou vice-presidente da Associação de Conservação do *Talian* e do Círculo Vicentino de Antônio Prado, RS.

Desenvolvemos, em 2017, o projeto: *Talian: socorro, não me deixe morrer*, com o apoio da Profa. Maria Luiza Rech Ravello. Em 2018, o projeto foi intitulado *Talian: oba! estou sendo lembrado!* Os projetos ocorreram por meio do Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado.

Os projetos visaram os seguintes propósitos: o resgate, a valorização, a prática, o incentivo e a preservação da língua *Talian*, para fazer com que os envolvidos valorizassem a cultura italiana e a oralidade do *Talian* e sensibilizassem os profissionais da educação, as comunidades escolares, através do curso da gramática (ênfase básico), leitura, pronúncia, tradução e significados do *Talian*, em atividades durante o curso e extraclasse. Valemo-nos de modalidades literárias do *Talian*, garantindo maior vitalidade à língua e aos elementos inerentes a ela, uma vez que quase não há mais falantes fluentes dessa língua.

O *Talian*, língua da imigração, foi utilizado na elaboração das apostilas para o curso. As apostilas foram elaboradas após pesquisas e estudos, com base nas publicações de Rovílio Costa, Honório Tonial, Darcy Luzzatto, Giorgia Miazzo e Jaciano Eccher. A apostila da coletânea das músicas em *Talian* e CD resultaram de uma ampla pesquisa com alunos e familiares, principalmente da escola João XXIII, materiais usados nos cursos com os professores voluntários das escolas municipais, estaduais e da Apae. A contrapartida dos participantes do curso foi a de passar para os alunos atividades como músicas, textos, brincadeiras, e ensaiar com os mesmos para as apresentações nas Feiras do Livro dos anos em que os projetos foram executados, bem como nas festas comemorativas nas escolas e no 2º e 3º Filó da escola João XXIII.

Acreditamos que os projetos fortaleceram o resgate, a aprendizagem, o entendimento e a familiarização com o *Talian*. Os encontros, que perfizeram 25 horas/aula de curso, em cada ano, contaram com ações direcionadas às Instituições escolares, e os resultados serão alcançados ao longo do tempo. Além da base da gramática do *Talian*, foram desenvolvidas

atividades com modalidades literárias (músicas, cantos, provérbios, ditos populares, expressões culturais, poesias, danças, canções de ninar e orações). Nestes projetos, envolveram-se professores municipais, alunos das redes públicas de educação, principalmente da Educação Infantil ao 5º ano, familiares, direções, setor da Cultura e Secretaria da Educação, Cultura e Esportes de Antônio Prado, perfazendo uma média de três mil pessoas envolvidas. Todas as ações estão devidamente registradas em foto e vídeo, e fazem parte da documentação do projeto.

A relação custo/benefício dos projetos, assim como a natureza dos produtos que foram produzidos, não é tangível. Algumas ações até podem ser mensuradas, em termos de participação de público, como, por exemplo, a realização das aulas do curso de *Talian*, gerando benefícios para os alunos. Cada professor pode ter multiplicado o conhecimento adquirido para até mais de cinquenta crianças e jovens. O difícil, entretanto, será mensurar os aspectos gerados pelo projeto, que irá perdurar ao longo do tempo, como a valorização da cultura, a transmissão da língua *Talian* e dos costumes nas gerações futuras. São valores associados à preservação cultural e salvaguarda de um patrimônio imaterial, que não detém valor financeiro determinado.

Os estudos da literatura *Talian*, como conhecimento básico do idioma, despertaram nos professores e alunos muito interesse. Facilitou um contato maior com músicas, poesias, danças, provérbios, ditos populares, receitas, canções de ninar e orações, o que favoreceu a interligação e complementação mútua entre os estudos de língua, literatura e tradução. Os estudos visaram fornecer ao professor uma visão de conjunto da produção literária em *Talian*, em sua sequência histórica e por meio de uma estreita integração de história, língua, cultura e produção artístico-literária.

Temos consciência da importância da língua viva para a preservação da cultura deste município e, por este motivo, planejamos atividades tendo como tema principal a oralidade, a leitura e a escrita da língua *Talian*.

Destacamos que, um projeto cultural como esse, ao contar com a parceria de toda a comunidade escolar, serve para promover uma imagem positiva de nossas instituições escolares no Município de Antônio Prado, RS. Os familiares dos alunos: pais, tios e avós, participaram e colaboraram com a aprendizagem e memorização de músicas, cantos, danças e teatros.

Os projetos atingiram seus objetivos. Acredita-se que melhores resultados serão alcançados ao longo do tempo. Uma parcela dos alunos da escola João XXIII, dos 3º e 4º anos participaram das gravações do curta-

metragem *Sempre é tempo de filó*, do Instituto Marlin Azul e Petrobras, do Programa Revelando os Brasis, com músicas e falas em *Talian*.

Atividades desta natureza são extremamente importantes, tendo em vista que várias línguas morrem quase que diariamente. O diferencial acontece, se preservados, cultuados e propagados os costumes e as realizações de nossos ancestrais. O ensino da língua vem ao encontro com esta necessidade e preocupação de valorizar nossa cultura.

Faz-se justiça destacar, igualmente, que, se o imigrante participou ativamente da vida brasileira, provocando transformações substanciais na economia e na modernização da agricultura, do comércio e da indústria, o *Talian* foi o instrumento principal que utilizaram para ajudar a modernizar o País. Tal como os imigrantes italianos, o idioma falado pelos mesmos também contribuiu para o crescimento e enriquecimento do Brasil. Sem o *Talian*, as conquistas e vitórias ocorridas no Sul do País seriam mais difíceis. Foi o *Talian* que permitiu que esta região brasileira, dentre outros aspectos, se comunicasse harmonicamente. Esse belo patrimônio precisa e deve ser resgatado. Não podemos deixá-lo morrer. É a manifestação mais brasileira da colonização italiana no Brasil e, por este motivo, deve ser trabalhado, para que esta geração o pratique e o preserve para as gerações futuras. Este projeto foi apenas uma “sementinha”.



Primeiro curso de *Talian* para professores de Antônio Prado, em 2017
Foto: Maria Inês Bernardi Chilanti.



Primeiro curso de *Talian* para professores de Antônio Prado, em 2017

Foto: Maria Inês Bernardi Chilanti.



Professoras envolvidas no segundo curso de *Talian* e no terceiro *Filó da Família João XXIII*, em 2018

Foto: Acervo da escola João XXIII.



Apresentação, na Feira do Livro, de alunos das professoras que frequentaram o curso de *Talian*, em 2018

Foto: Acervo da escola João XXIII.

8

Vivenciando uma *Noite de filó*

Maria Luiza Rech Ravanello

Neste texto, conto um pouco sobre minha trajetória na área cultural, para explicar meu envolvimento com o projeto executado, no âmbito do *Juntos na diversidade*, da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (Sedac).

Na atividade de danças, iniciei em 1988, na Escola Estadual de 1º Grau Narciso Verza, na Linha 21 de Abril. Na época, eu era a diretora da escola, e formei um grupo de danças gaúchas, que participou de dois rodeios no C.T.G. Cancela do Imigrante, em Antônio Prado, de acampamentos na Semana Farroupilha, em Antônio Prado e em Caxias do Sul, e das Mateadas em Antônio Prado. Em 1990, formei o grupo *Piccolli italiani*, também na Escola Narciso Verza.

Em 1999, já aposentada, iniciei na Escola Irmão Irineu um grupo de danças italianas, chamado *Belli balli*, formado por alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Este grupo durou oito anos. Formei outro grupo com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, o *Arcoballeno I*. Este durou três anos. Também no ano de 1999, organizei o grupo *Ballo dei monti I*, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental das Escolas Irmão Irineu, Ulisses Cabral e Cenec, em Antônio Prado, RS.

Mais adiante, em 2013, reativei o grupo *Arcoballeno II*, contando com a participação de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, o qual ainda está em atividade, e reativei também o *Ballo dei monti II*, com jovens da cidade. Este grupo participou do projeto *Juntos na diversidade*, da UCS e Sedac. Do mesmo projeto participou o grupo da Terceira Idade, formado entre 2015 e 2016.

Realizei um encontro dos ex-integrantes dos “meus” grupos de danças no salão da comunidade do Bairro Nossa Senhora de Aparecida, em Antônio Prado. Na oportunidade, foram feitas apresentações com os grupos *Ballo dei monti*, *Arcoballeno* e o *Grupo da Terceira Idade* e, após, um almoço de confraternização.



Grupo de Danças da Terceira Idade, em 2016
Fonte: *Dupla Notícia*.



Grupo de danças Arcoballeno, em 2016
Fonte: *Dupla Notícia*.



Grupo de danças *Ballo dei monti*, em 2016
Fonte: Dupla Notícia.

No campo do teatro, em 2006 foi formado o grupo *I descendentii dei migranti italiani*, que participou do evento *Raízes*, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura de Antônio Prado, com a peça *Le Camare*, em *Talian*. Atualmente, este grupo continua, com outra peça intitulada *La note del filó*. Com esta peça teatral participamos do projeto *Juntos na diversidade*, na edição de 2018.

Com o grupo de teatro, em 2018, foi apresentada a peça teatral *La note del filó*, na Feira do Livro na Praça Garibaldi de Antônio Prado, para aproximadamente quatrocentas pessoas.

Em 2018, foi realizado um *filó* em uma casa antiga na Linha 30, interior de Antônio Prado. No início do evento, ocorreu uma caminhada no escuro, com lampiões e, durante todo *filó*, era falado o *Talian*, e a casa iluminada apenas com a claridade de lampiões. O espaço da residência onde ocorreu o *filó* era pequeno, mesmo assim reunimos mais de cem pessoas.



Filó na Linha 30, em Antônio Prado, 2018
Fotos: Anthony Beux Tessari.



Filó na Linha 30, em Antônio Prado, 2018
Fotos: Anthony Beux Tessari.



Filó na Linha 30, em Antônio Prado, 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.





Filó na Linha 30, em Antônio Prado, 2018
Fotos: Anthony Beux Tessari.

As ações foram desenvolvidas dentro de seus segmentos: as danças e o teatro em apresentações em eventos, como Feira do Livro e Fenamassa de Antônio Prado. O filó teve continuidade na Capela Salete, no porão da família Saugo. Ao todo, foram realizados três filós, com grande sucesso e aceitação do público. Atualmente, estamos utilizando uma casa na Capela Santa Libera, e aguardando a pandemia passar para retomar os filós como anteriormente.

A participação da comunidade foi ótima nos filós realizados para o público, na localidade da Linha Salete, interior de Antônio Prado. Como o espaço era maior, mais pessoas tiveram acesso ao filó, resultando em um público, por noite, em torno de cento e trinta pessoas adultas e 15 crianças.

A participação dos grupos de dança e de teatro, no projeto *Juntos na diversidade*, foi um incentivo importante e uma grande valorização a todos ao que trabalham em prol do registro e da preservação da cultura dos imigrantes italianos.

Na dança, os participantes aprendem a riqueza que cada região transmite nos passos, na coreografia, pois cada região tem seu estilo e sua maneira de mostrar o cotidiano e seus costumes.

O grupo de teatro teve, como principal objetivo, manter viva a língua *Talian*. Nos filós também era incentivada a preservação do *Talian*, dos costumes em comidas e diversões, inspirando-se em como aconteciam antigamente nas comunidades rurais.

Tudo isso é cultura, uma tradição que não pode morrer.



Os filós da Família João XXIII

Maria Inês Bernardi Chilanti

Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII

Ao longo dos períodos letivos, a Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII, de Antônio Prado, fomenta o trabalho com projetos de cunho educativo, cultural, ambiental e social, buscando sempre o envolvimento e o desenvolvimento integral dos alunos, sempre com a colaboração do Círculo de Pais e Mestres.

Desde 2010, são desenvolvidas, semanalmente, aulas de Língua Italiana e do *Talian*, para as turmas de alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, ministradas pela Profa. Maria Inês Bernardi Chilanti. As aulas desenvolvem as habilidades de leitura, escrita e comunicação, e suscitam o conhecimento da cultura italiana, contemplando atividades de produção escrita, oral e artística, através de dramatizações, músicas e danças, bem como de pesquisas, contação de histórias; vivência de jogos e brincadeiras. Os alunos, por sua vez, destacam-se pela participação e pelo envolvimento, empenho e entusiasmo, na realização das atividades propostas.

No ano de 2016, a escola participou do projeto *Juntos na diversidade*, com a ação *Legado Talian: alegria de lembrar*. Foram estudadas obras do acervo na língua *Talian*, tais como: músicas, danças, provérbios, orações, ditos populares, poesias e textos. O projeto teve como objetivo resgatar, preservar, valorizar e divulgar a cultura popular do *Talian* com os alunos da Educação Infantil aos 5^{os} anos, do Ensino Fundamental, familiares e com a comunidade escolar.

Dentre estudos, pesquisas, trabalhos, atividades e ações desenvolvidas pela comunidade escolar, realizou-se, no dia 29 de outubro de 2016, o 1º *filó da família João XXIII*, exposição dos trabalhos realizados no projeto, incluindo vestimentas, fotografias antigas, religiosidade, instrumentos de trabalho, músicas, jogos de carta e tabuleiro e artesanato. Houve, ainda, apresentação de danças típicas, de dramatizações, de músicas, e recitação

de orações em *Talian*. O evento foi um verdadeiro resgate da cultura dos imigrantes italianos, com suas vestimentas, orações e maneira de viver.

Grande parte dos alunos dessa escola é proveniente da zona rural, e descendente de imigrantes italianos. O amor e o apreço pelas obras estudadas – legado dos antepassados da maioria dos alunos – irradiaram a língua e a cultura *Talian* da escola para casa, e de casa para a comunidade.



1º filó realizado na escola João XXIII, em 2016
Fotos: Maria Inês Bernardi Chilanti.

Tendo em vista o notável trabalho desenvolvido e os resultados obtidos no ano anterior, em 2017 deu-se a continuidade com o projeto, então intitulado *Talian: herança, história e cultura*, envolvendo o mesmo público da ação anterior.

Ao beneficiar 230 alunos, o projeto foi planejado pela Profa. Maria Inês Bernardi Chilanti, e coordenado pelo Prof. Edson Luiz Carra, coordenador pedagógico da escola. Contou com o apoio dos demais professores da escola, que auxiliaram e deram continuidade às atividades propostas pela professora de Língua Italiana e do *Talian*. Por conseguinte, as famílias se envolveram na realização de tarefas e pesquisas e prestigiaram, concomitantemente, os resultados.

As atividades do projeto foram planejadas e executadas com uma abordagem integradora, colaborativa e interdisciplinar, buscando, a partir das ações, conscientizar o público-alvo sobre a importância de manter viva a cultura do *Talian*, ampliando o universo cultural e oportunizando a contextualização das valiosas contribuições dos imigrantes italianos, na construção da nossa sociedade.

A fim de que os objetivos fossem satisfatoriamente alcançados, as práticas pedagógicas foram elaboradas e exploradas, respeitando as faixas etárias e os níveis de ensino dos alunos, sem esquecer as adaptações e especificidades dos casos que merecem atenção especial. Para a efetivação dessas práticas, utilizaram-se diversos recursos didático-pedagógicos, tais como: textos literários, jogos, computadores, projetor multimídia, aparelhos de som, televisor, materiais de leitura e de escrita diversos.

Permeadas de ludicidade e encantamento, assim como de estímulos audiovisuais, vocais e corporais, as intervenções docentes protagonizaram a construção dos conhecimentos relativos à história, à língua e à cultura do *Talian*, respeitando a pluralidade cultural e prezando pela formação cidadã. Ademais, as propostas educativas fomentaram a interação e a integração dos alunos com a comunidade escolar em geral, nutrindo a autoestima, o trabalho em equipe e o convívio social saudável, consideradas e apreciadas as diferenças.

Por fim, a culminância do projeto resultou na realização do 2º *filó da família João XXIII*, em que o *Talian*, manifestação brasileira da colonização italiana no Brasil, foi evidenciado, através de apresentações artístico-culturais (dramatizações, músicas e danças), exposição de trabalhos e confraternização, reunindo alunos, familiares, professores, funcionários e a comunidade. Nesse grande encontro, estiveram presentes manifestações, costumes antigos e atuais, honrando as diversidades culturais.



2º filó realizado na escola João XXIII, em 2017
Fotos: Maria Inês Bernardi Chilanti.

Tendo em vista os ótimos resultados novamente alcançados, em 2018 prosseguiu-se com a proposta do projeto *Talian: herança, história e cultura*. Assim como nos anos anteriores, a ação foi desenvolvida pela Profa. Maria Inês Bernardi Chilanti, docente de Língua Italiana, e coordenado pelo Prof. Edson Luiz Carra, coordenador pedagógico da escola, bem com a participação de outros professores da instituição, e abraçando um público expressivo: todos os alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental e seus familiares.

Tal como nos projetos anteriores, o *Talian* foi trabalhado e explorado de forma lúdica, através de estímulos audiovisuais, vocais e corporais. Diversos recursos didático-pedagógicos foram utilizados com expressões literárias, e que não foram trabalhadas nos anos anteriores. As propostas educativas fomentaram a pesquisa, a interação e a integração dos alunos com a comunidade escolar em geral, nutrindo a autoestima, o trabalho em equipe e o convívio social saudável, consideradas e apreciadas as diferenças culturais da comunidade escolar.

Na culminância do projeto, foi realizado o *3º filó da família João XXIII*, em que a manifestação do *Talian*, novamente, foi evidenciado, através de apresentações artístico-culturais, exposição de trabalhos, confraternização, com a participação e o envolvimento de alunos, familiares, professores, funcionários e da comunidade.

Em todos os projetos desenvolvidos, a ajuda dos pais e de familiares dos alunos foi muito significativa. Envolveram-se devido à necessidade de ajudar seus filhos a compreenderem e memorizarem músicas, orações, ditos populares, provérbios, poesias, e na ajuda com fluência na leitura de textos em *Talian*.

O município de Antônio Prado possui um rico patrimônio material e imaterial, que traduz sua importante história, iniciada com a chegada dos imigrantes italianos. Por isso, compreendemos que o conhecimento, reconhecimento, entendimento, a preservação e valorização dessa riqueza é de suma importância para a comunidade, podendo refletir-se no desenvolvimento cultural, econômico e social, garantindo melhor qualidade de vida.

Com o advento da televisão e das novas tecnologias, o encontro de amigos e familiares foi ficando cada vez menos frequente. Mas, não podemos esquecer que a comunidade pradense é herdeira de uma rica cultura de encontros, os *filós*, que tem origem no trabalho artesanal de fiação que as mulheres faziam nos encontros, ainda na Itália, nas noites longas de inverno, momentos em que repartiam a comida, o calor e economizavam energia, pois até a lenha precisava ser poupada. Essa manifestação consistia em um encontro de amigos, vizinhos e familiares, na casa de alguma família, maneira encontrada pelos imigrantes italianos para, juntos, passarem horas alegres e descontraídas, após exaustivas jornadas de trabalho.

Os produtos finais desses projetos puderam ser mostrados na programação das Feiras do Livro, no município e nos encerramentos anuais do projeto *Juntos na diversidade*, promovido pela UCS, com apoio

do governo do Rio Grande do Sul e patrocínio do Banrisul. Com certeza foram prática, maior conhecimento, valorização e aceitação da cultura, associada, em particular, no nosso caso, ao *Talian*, mas também a outras manifestações culturais que formam a nossa diversidade cultural.



Apresentação no evento cultural de encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2017
Foto: Aldo Toniazzo.



3º filó realizado na escola João XXIII, em 2018
Foto: Maria Inês Bernardi Chilanti.



3º filó realizado na escola João XXIII, em 2018
Foto: Maria Inês Bernardi Chilanti.



Cultura e talento *Di Lemos*

Associação Caminhos de Faria Lemos

O Grupo de Flautas da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Angelo Chiamolera, do Distrito de Faria Lemos, em Bento Gonçalves, RS, foi fundado em junho de 2008, numa parceria com a Associação Caminhos de Faria Lemos. Tem por regente o maestro e professor Geraldo Farina.

A aprendizagem da Educação Musical, como outra qualquer área do saber, acontece na nossa sociedade, principalmente, através da escola. Existem diversas formas de trabalhar a música nas nossas escolas. Uma das mais eficazes é a transmissão da música de forma lúdica e coletiva. A Educação Musical, enquanto elemento curricular, integrado ao Currículo, pretende proporcionar uma educação em que o aluno, como constituinte da nossa sociedade, tenha o acesso à música enquanto arte, linguagem e conhecimento. Sendo a música uma arte e um patrimônio cultural da humanidade, a todo o ser humano, independentemente da sua condição social, nacionalidade ou etnia, deve ser-lhe concedido o direito e os recursos a esse saber.

Foi com este objetivo que foi criado o Grupo de Flauta Doce de Faria Lemos: musicalizar crianças e pré-adolescentes, de preferência do 2º ao 5º ano, do Ensino Fundamental, através de um processo gradual de sensibilização, teoria, ritmo e solfejo com duas horas semanais, em período extraclasse.

Constata-se uma carência enorme de musicalização nas escolas públicas em geral. Em uma época em que é incentivado o uso do computador para atividades pedagógicas, precisamos reforçar o desenvolvimento de atividades artísticas em geral, para que a criança tenha uma formação humanística e desenvolva a criatividade, o sentimento de grupo, a solidariedade e a sensibilidade.

A musicalização das crianças do 1º ao 5º ano, do Ensino Fundamental é possível através de projetos especiais, tratando de forma leve e divertida

os fundamentos da música e a introdução à técnica musical e à leitura de partitura, tendo por intuito possibilitar, antes de tudo, prazer, descobertas e vivências no campo da música e da arte, bem como ampliar o mundo expressivo/cognitivo do aluno. O projeto pretende estimular a valorização do gosto pelo saber e fazer musical, utilizando a prática de conjunto, para introduzir o aluno passo a passo e de maneira lúdica no universo desta linguagem e despertá-lo para o aprendizado de um, ou mais, instrumento musical.

Tendo em conta as múltiplas possibilidades que o trabalho em grupo proporciona, inclusive nas relações interpessoais e da percepção e sensibilidade, o projeto necessita de atenção especial, no âmbito da escola.

Musicólogos e especialistas da área são unânimes em afirmar que ouvir, cantar e executar músicas dos diversos gêneros, especialmente as mais elaboradas, estimula o cérebro.

Nesse Grupo de Flauta Doce, os alunos, sujeitos da própria aprendizagem, são estimulados a desenvolver o senso de grupo; são estimulados a descobrir e apreciar o talento musical; a manter conduta de cooperação e solidariedade nos ensaios e nas apresentações e, melhor ainda, ganham autoestima e desinibição.

O grupo não tinha a pretensão de formar artistas, mas oferecer aos alunos uma linguagem artística capaz de desenvolver a música, a sensibilidade e a atenção, e também formar um grupo que representasse o estabelecimento escolar em vários eventos.

Os professores de cada turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental desenvolveram, de acordo com a faixa etária, desde o aprendizado informal de nomes de objetos e/ou ações, aprendizado e cantoria de músicas folclóricas italianas como *Mèrica*, *Mèrica*, *Il mazzolin de fiori* e *La bella polenta*. As músicas foram traduzidas e trabalhadas individualmente. Depois foram encenadas e cantadas em sessão cívica na escola.

Foi proposto para os alunos, com o auxílio dos familiares, que escrevessem um texto que retratasse algum aspecto local e que pudesse ser encenado. Um dos escolhidos foi *E de domenega de matina*, inicialmente e, depois, readaptado como *Demo al filó*. O primeiro foi apresentado na escola, e o segundo, apresentado no *VII Filó Talian de Faria Lemos*, que foi promovido pelo grupo folclórico *Trevisani del mondo de Faria Lemos*, coordenado pelas professoras: Janete Petrolí Buffon e Nádia Cristina Pissaia Lovato. Participaram da atividade 50 pessoas, dentre elas: alunos, pais, jovens e adultos.

Também foi desenvolvida a atividade *Cultura e talentos Di Lemos*, coordenada pela Profa. Nádia Cristina Pissaia Lovato, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Angelo Chiamolera. Participaram do grupo 27 alunos.

O teatro *Demo al filó* fez as seguintes apresentações: apresentação artística na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Faria Lemos, em que o público agraciado foi o dos participantes do *VII Filó Talian*, que reuniu 200 pessoas; exposições e oficinas realizadas no Salão da Comunidade de Faria Lemos; apresentação na festa dos 75 anos da escola, com público de ex-alunos, professores, ex-professores, ex-diretores e comunidade em geral, reunindo 600 pessoas.

O evento *Filó Talian* de Faria Lemos possui grande referência na comunidade bento-gonçalvese e da região, atraindo mais de duzentas pessoas para as apresentações, e acima de quinhentas pessoas para o jantar típico-italiano, proporcionado logo após as apresentações.

A escola interage também com as atividades que são desenvolvidas na *Sagra Trevisana di Faria Lemos*, pesquisando com os familiares os saberes e fazeres, sobretudo, com ênfase aos brinquedos e às brincadeiras que são demonstradas no dia do evento, o que também gera muita visibilidade e curiosidade nos turistas e visitantes.

A atividade *Cultura e talentos Di Lemos* fez as seguintes apresentações no ano de 2018: 1) apresentação Artística realizada na abertura da Semana Farroupilha, em 1º de setembro, no palco defronte à Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, reunindo em torno de cem pessoas; 2) apresentação artística realizada no Dia da Criança, em 10 de outubro, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Angelo Chiamolera, reunindo em torno de setenta crianças e professores; 3) apresentação artística realizada durante a 33ª Feira do Livro de Bento Gonçalves, no dia 17 de outubro, no palco da feira, na Praça Via Del Vino em Bento Gonçalves, com público estimado de duzentas pessoas; 4) apresentação artística realizada durante o *Educarte*, em 5 de novembro, na sede da Fundação Casa das Artes de Bento Gonçalves, com público aproximado de duzentas pessoas.



Apresentação no Dia da Criança de 2017.
Fonte: Associação Caminhos de Faria Lemos



Apresentação durante a 33ª Feira do Livro de Bento Gonçalves, RS
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação durante a 33ª Feira do Livro de Bento Gonçalves, RS
Foto: Anthony Beux Tessari.

As áreas da Educação e do Turismo foram as mais fomentadas, dada a oportunidade que o projeto *Juntos na diversidade* nos proporcionou. A comunidade se envolveu durante a participação das apresentações e também incentivava a manutenção da Oficina de Flauta Doce na Escola.

O preconceito no uso do dialeto *Talian*, felizmente, durante o projeto, foi substituído pelo orgulho em saber falar outra língua, uma vez que, por longo período, as pessoas, cujas familiares falavam o *Talian*, sentiam vergonha de manifestá-lo.





Ricordarse

Rubia Corso Simioni

Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnaldo Ballvê

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnaldo Ballvê completou 95 anos em 2020. Na época em que foi construída, era um pequeno estabelecimento de madeira, próxima à Igreja Santa Luzia, onde atualmente se localiza o Bairro Santa Lúcia, em Caxias do Sul, o que nos remete ao costume dos imigrantes e de seus descendentes de valorizar a religiosidade e o conhecimento. Era muito comum a igreja e a escola estarem próximas.

A comunidade escolar sentiu-se honrada e muito grata em fazer parte do projeto *Juntos na diversidade*, durante os três anos de vigência, entre 2016 e 2018. Além do aprendizado que foi oportunizado para os alunos do “Arnaldinho”, como é carinhosamente chamada a escola, um amplo conhecimento sobre a cultura das etnias, presentes em Caxias do Sul, foi possibilitado. Também, o conhecimento de conceitos básicos ligados ao patrimônio, e o inestimável valor das histórias familiares e individuais que refletem, no nosso presente, a importância de valorizar o passado. Esses diversos patrimônios culturais, materiais ou imateriais ajudam a construir, com os estudantes, o sentimento de pertencimento e a valorização da identidade cultural. É ter orgulho de pertencer à sua etnia, ao bairro, à escola, cidade e ao país.

Foram diversas as atividades realizadas pela escola, no âmbito do projeto *Juntos na diversidade*. Em 2016, a coordenadora da escola Cláudia Detânico Calloni auxiliou na organização e produção de uma peça teatral intitulada *Na fameia de imigranti* (Uma família de imigrantes), que foi escrita e encenada, em conjunto, por 15 alunos de três turmas do 7º ano e gravada na recém-restaurada e orgulhosamente transformada em patrimônio histórico do município, a Igreja Santa Luzia, no Bairro Santa Lúcia, em Caxias do Sul. Mas essa foi apenas uma das atividades. Por trás dela houve muito planejamento, ensaios, produção de figurino pelas mães e professoras, pesquisas, estudos, gráficos, quadros explicativos, produção

textual nas três turmas de 7º ano. No total, foram 88 alunos envolvidos com os estudos sobre etnia, patrimônio, imigração, colonização, arqueologia, árvore genealógica dos ancestrais e todos os demais conceitos que cercam essas áreas do conhecimento. Durante os três anos, nos quais a escola participou do projeto, esporadicamente aconteciam visitas da “Zia Regina” nas turmas, sendo a personagem de uma tia, legítima descendente de italianos, que ganhou vida através da caracterização e do *Talian*, com histórias recheadas de costumes, falas e tradições dos descendentes de imigrantes.



Demonstração dos trabalhos dos alunos
Foto: Rubia Corso Simioni.

Os alunos se sentiram privilegiados em participar. Um dos motivos: naquele ano, somente os alunos que participavam das atividades relacionadas ao projeto *Juntos na diversidade* podiam sair da sala de aula para passeios e eventos: tiveram a oportunidade de ouvir uma palestra na Igreja Santa Luzia, antes da restauração, ministrada pelo Pe. Renato Arioti, com direito à música ao vivo, diretamente da sanfona, tocada pelo próprio padre, e fizeram mais duas visitas a locais históricos da nossa cidade, com direito a palestras e explicações sobre os locais, como no Moinho Germani e na Casa de Pedra, em Caxias do Sul, RS.



Palestra com o Pe. Renato Arioti
Foto: Rubia Corso Simioni.

Em 2017, no segundo ano de participação no projeto, além do reconhecimento e apoio da direção da escola, tivemos ajuda da Profa. Greyce Dal Picol, que ministrou uma palestra sobre as origens do *Talian*, e da Profa. Renata Meneghel, que realizou com os alunos histórias em quadrinhos relacionadas aos costumes e à cultura dos imigrantes. Foi nessa ocasião, quando participamos, que as turmas que no ano anterior frequentavam o 7º ano “exigiram” ser incluídas no projeto, pois, no ano anterior, as turmas de 8º ano haviam participado. Naquela ocasião, realizamos oficinas denominadas: *Tuti isieme – El fregolà e el filó*. Em todas as oficinas o procedimento foi o mesmo: primeiramente, todos os participantes foram reunidos em uma sala da escola, onde receberam uma explicação sobre a origem do projeto, motivações, importância, patrocinadores e um texto explicando como era o *filó* e sua relação com o *fregolà*, e a receita, que estava escrita em *Talian* e em Português. Depois, os alunos eram conduzidos até a cozinha do ginásio, onde observavam na prática como fazer o *fregolà*. Enquanto assava no forno, voltavam para a sala de aula, para uma palestra com a Profa. Greyce Dal Picol, que explicava detalhadamente como surgiu e o que é o *Talian*. Os alunos realizavam uma atividade de quebra-cabeça com imagens e palavras em *Talian* e, finalmente, degustavam o *fregolà*. Foram realizadas oito oficinas, com a participação de 10 a 15 alunos cada, além das atividades em sala de aula relacionadas com a etnia, o patrimônio, a imigração e colonização. As oficinas de *fregolà* tornaram-se famosas na comunidade escolar, pois

os alunos participantes se encarregaram de fazer a receita em casa e compartilhar com a família.

Certamente, a participação mais diversificada e marcante para toda a comunidade escolar foi na edição de 2018 do projeto *Juntos na diversidade*. Os estudos sobre as etnias e a imigração iniciaram bem cedo naquele ano letivo. Aconteceram diversos trabalhos, atividades, apresentações. Todos os alunos dos 8^{os} anos, um total de 83 alunos, realizaram atividades que certamente ficaram marcadas, impressas no coração e na mente da maioria. As três turmas dos 8^{os} anos realizaram várias atividades, nas disciplinas de História, Geografia, Arte e Língua Portuguesa sobre o romance *A Cocanha*, de autoria do escritor caxiense José Clemente Pozenato. Primeiramente, todos os alunos fizeram a leitura do livro em casa e, durante as aulas, tiveram aulas de história sobre a imigração, assistiram a vídeos e discutiram em grupos, várias passagens relacionadas à disciplina de História, com a Profa. Rúbia Corso Simioni. Dessa forma, foram oportunizadas reflexões sobre as origens da formação da cidade e a importância de cada um lembrar e conhecer sua história, contribuindo, assim, para a formação da identidade. Os alunos também fizeram entrevistas em casa, levantando dados sobre a origem étnica dos seus antepassados até os bisavós, e organizaram as informações em infográficos. Produziram textos contando suas histórias familiares, organizaram roteiros para apresentações de teatros nas aulas de Língua Portuguesa, com a Profa. Fabiana Perotoni, e fizeram ilustrações sobre as passagens do livro nas aulas de Arte, com a Profa. Marta Conti. No dia 31 de outubro de 2018, nossa escola participou da 19^a Mostra de Teatro Estudantil na Casa da Cultura, apresentando, em três atos: “A Cocanha: Itália X América”, “A Cocanha: a viagem”, “A Cocanha: depoimento dos personagens”. A peça foi escrita e encenada por 16 alunos do 8^o ano, e baseou-se no livro de José Clemente Pozenato. Foi assistida por cerca de 30 colegas do 8^o ano da escola, 20 alunos da Escola Cristóvão de Mendoza e cerca de 10 pessoas da comunidade, bem como de pais dos alunos. Inclusive, o autor do livro esteve presente, e autografou exemplares para alguns alunos, que lembraram de levar o seu na ocasião.



Apresentação de peça teatral na Casa da Cultura de Caxias do Sul, em 2018
Fotos: Anthony Beux Tessari.

Levando em consideração que foi a primeira vez que os alunos encenaram uma peça teatral, sem tempo para muitos ensaios, a avaliação é que se saíram muito bem, e foram parabenizados pelo autor da obra.

No dia 10 de novembro de 2018, aconteceu na escola uma Mostra Cultural alusiva aos seguintes países: Japão, África do Sul, Rússia, Arábia Saudita, China, Itália, Colômbia, Estados Unidos, França, Afeganistão, Irã, Israel. Cada turma do turno da manhã da escola apresentou vários aspectos sobre o país sob sua responsabilidade, transformando a sua sala em um espaço temático do país selecionado. Os assuntos abordados foram: dados geográficos, problemáticas sociais, gastronomia e alimentação, cultura e literatura, turismo e artes visuais. Os alunos do 8º ano, turma C, encarregados de apresentar a Itália, realizaram vários estudos sobre os seguintes temas: *gastronomia* – as alunas responsáveis pelo tema vieram caracterizadas, distribuíram receitas e compartilharam alimentos com os visitantes (salame, *fregolà*, *gròstoli*, *pizza*, chá de melissa e sálvia) e também distribuíram mudas de diversos tipos de chás medicinais e de ervas perfumadas, explicando suas propriedades e usos; problemáticas sociais – fez um estudo sobre a corrupção na sociedade brasileira e italiana, apresentando dados e gráficos; turismo e artes visuais – os alunos fizeram um estudo sobre a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri e apresentaram uma música; *cultura e literatura* – foram representados ditados populares escritos em *Talian*, traduzidos para o Português e com explicação do significado. Naquele mesmo ano, em setembro, os alunos dos três 8ºs anos realizaram uma visita de estudos ao Museu Municipal, o que foi tema de vários trabalhos escolares.



Apresentação de peça teatral na Casa da Cultura de Caxias do Sul, em 2018
Fotos: Anthony Beux Tessari.





Mostra Cultural na Escola Arnaldo Ballvê, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.

Apesar de o projeto *Juntos na diversidade* ter encerrado seus trabalhos no ano de 2018, a escola continuou, durante o ano seguinte, envolvida com atividades relacionadas às origens étnicas dos alunos e de suas famílias, e uma das atividades mais significativas para os alunos foi a pesquisa de sua história familiar, percebendo-se como sujeito histórico, de um passado rico e muitas vezes desconhecido. Foram vários os relatos de surpresa, vindos dos estudantes, quando descobriram de onde e como seus antepassados vinham, as dificuldades, a fome, as doenças, e como eles sofreram para criar seus pais e avós. Os alunos foram orientados pela Profa. Fabiana Perotoni, e todos escreveram suas histórias familiares, que foram reunidas e traduzidas para o dialeto *Talian* com a participação da Profa. Rubia Corso Simioni. O material da pesquisa foi organizado em um livro, intitulado *Ricordarse: história e costumes das famílias do Bairro Santa Lúcia*. Os custos de impressão do livro foram bancados com a verba que a escola recebeu no ano anterior, do projeto *Juntos na diversidade*.

Em dezembro de 2018, na ocasião da formatura dos nonos 9^{os} anos, onde estavam presentes cerca de trezentas pessoas, houve a apresentação do DVD do teatro *Una fameia de migranti*, e os alunos que estavam se formando eram os mesmos que, dois anos antes, haviam participado do teatro e da gravação do DVD, na Igreja Santa Luzia. Foi um momento muito emocionante para os alunos e pais.

Todas essas atividades foram muito significativas. Cada uma delas, de alguma forma, contribuiu para tornar mais gratificante o caminho do

autoconhecimento, de formação da cidadania e a noção de pertencimento e identidade cultural. Foram trabalhos de muitas mãos, histórias e doação de tempo e paciência. Certamente, muitas dessas realizações não teriam acontecido sem o incentivo do projeto *Juntos na diversidade*. O apoio, as discussões, as sugestões e a ajuda recebidas foram imprescindíveis para o aprendizado e o sucesso alcançado! Nossos alunos se transformaram em autores de peças teatrais, atores, escritores... Enfim, em protagonistas da sua própria história, e isto é inestimável.



Alles Gut

Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul – Alles Gut

A Associação Cultural Germânica

A Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul, conhecida também com o nome fantasia de *ALLES GUT* (expressão alemã que significa *tudo bem*), foi fundada em 2006, por um grupo de pessoas descendentes de alemães, residentes no Município de Caxias do Sul, que sentiam a necessidade de preservar e resgatar as tradições e os costumes dos antepassados. Isso porque, estima-se que 10% dos moradores de Caxias do Sul são descendentes de alemães. Grande parte dos descendentes reside nos Bairros Panazzolo, Cristo Redentor, São Leopoldo, Planalto e arredores.

A ideia surgiu após o ano de 2004, em que foi realizada uma festa na cidade, regada a comidas e bebidas típicas, jogos, danças e animação de tradicional bandinha. Eram comemorados, na ocasião, os 180 anos do início da imigração alemã no Brasil, que ocorreu em 24 de julho de 1824, com a chegada da primeira leva de famílias alemãs na cidade de São Leopoldo-RS.

A respectiva festa teve tamanho êxito que sua repetição ocorreu no ano seguinte, em 2005, no Centro de Cultura Henrique Ordovás Filho, em Caxias do Sul, com a participação de autoridades e novamente diversas atrações culturais e gastronômicas.

A partir de 2006, com a fundação da Associação Cultural Germânica, passou-se a realizar, anualmente, o tradicional jantar-baile de *Kerb*, que representa a festa mais importante das comunidades alemãs, e que igualmente é o maior evento anual realizado pela Associação.

O jantar-baile de *Kerb*, da Associação, sempre inicia com missa ecumênica e, em seguida, jantar típico, acompanhado de atrações culturais e muita animação.

Normalmente, a data escolhida para a realização do evento corresponde à inauguração da igreja da comunidade, ou dia do santo

padroeiro nas comunidades católicas. A Associação Germânica de Caxias do Sul adotou, desde o início, o mês de julho para realização do evento, em alusão à data comemorativa da imigração alemã no Brasil. Convém destacar que, na cidade de Caxias do Sul, foi conquistada pela Associação a data de 25 de julho como o dia da etnia alemã no calendário oficial do município, por meio de lei municipal.

Logo após a fundação da Associação, foi dado início a um grupo adulto de danças típicas, formado, inicialmente, por quatro casais, que foi aumentando ao longo do tempo, com a participação de mais casais e pessoas que se agregaram ao grupo. O grupo de danças, com seus trajes típicos, passou a ser, de certa maneira, o “carro-chefe” da Associação, uma vez que passou a ser a atividade mais realizada.

Com o passar do tempo, de forma tímida, formaram-se, ainda, os grupos de categoria infantil e juvenil. A Associação possui professora de danças típicas alemãs, com formação em escola apropriada, em curso ministrado por professores vindos da Alemanha, para poder manter o grupo de danças ativo.

Desde então, o grupo de danças passou a fazer suas apresentações em diversos eventos culturais, como festas de comunidades, bailes, casamentos, entre outros, como encontro de grupos de danças alemãs, em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Assim, a Associação Cultural Germânica, através de seu grupo de danças, leva o nome de Caxias do Sul, em seus encontros de grupos intermunicipais, causando até certa surpresa nos demais grupos participantes, que costumam dizer que não imaginavam que, na cidade de Caxias do Sul, há a presença de grupo de danças alemãs.

Ao longo do tempo, a Associação Cultural Germânica tem procurado resgatar a cultura de seus antepassados, nas diversas formas, como o canto, tendo formado um coral, recuperando canções antigas, folclóricas e religiosas na língua alemã. Ainda, incentiva o ensino da Língua Alemã, inclusive, já tendo realizado curso próprio de idioma.

A Associação tem também promovido, ao longo de sua existência, diversos eventos, como jantares, cafés coloniais, entre outros, com o objetivo de compartilhar a gastronomia e os costumes de seus antepassados.

Por fim, a Associação se mantém constante na busca de novos integrantes – independentemente da etnia –, para promover as tradições alemãs herdadas como cultura.

Projeto Juntos na diversidade

A Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul, para poder mostrar seus trabalhos, tem participado de projetos culturais. Assim, chegou ao conhecimento da Associação o projeto *Juntos na diversidade*, da UCS, e, rapidamente, nos organizamos para participar.

De acordo com os requisitos e objetivos do projeto, e em consenso com os integrantes do grupo, optou-se em criar, inicialmente, no ano de 2016, uma peça de teatro toda em dialeto alemão Hunsrück, língua materna trazida pelos antepassados.

Os integrantes do grupo prontamente construíram o cenário, exclusivamente para o evento, e providenciaram os figurinos, além de todos os detalhes necessários.

A peça teatral foi intitulada *Glück, die deutsch Gemeinschaft* (A felicidade nas comunidades alemãs). Além de recuperar curiosidades e costumes dos falantes da Língua Alemã, conseguiu integrar crianças, que se superaram ao cantar uma antiga canção alemã, deixada pelos antepassados.

A história, contada na peça teatral, se passava em uma vila povoada por alemães, que se preparavam para realizar o *Kerb*, sua maior festa. Porém, alguns acontecimentos impediam os planos de alguns moradores, principalmente da família Kunzler, que teve seu filho chamado para servir o Exército, ficou doente e precisou do auxílio de toda vizinhança para contornar a situação, envolvido com situações engraçadas e inusitadas, divertindo o público que prestigiava a exibição.

Além de enfatizar a Língua Alemã, com a peça de teatro, no ano seguinte, em 2017, a Associação promoveu uma mostra de danças intitulada *Alles Gut Tanzshow*, na data de 24 de outubro daquele ano. A mostra foi organizada pela professora do grupo de danças, Janaína Kolling. As diversas categorias do grupo apresentaram suas danças típicas que, além de animar e agradar o público presente, ainda interagiram com os dançarinos, construindo um clima de descontração e divertimento.

O sucesso do *Tanzshow* foi tanto, que a edição se repetiu no ano de 2018, com a mesma alegria e interação dos integrantes do grupo com o público, como na edição passada.

Observa-se que, por três anos consecutivos, a Associação promoveu, no âmbito do projeto *Juntos na diversidade*, eventos que resgataram a língua materna de seus antepassados, tal como era falada pelos imigrantes e as danças típicas, bem como os costumes, a cultura de imigração alemã, para que não sejam esquecidos.

Por fim, a Associação Germânica de Caxias do Sul avalia como altamente produtiva a participação no projeto *Juntos na diversidade*, uma vez que, além de haver maior oportunidade de expor seus trabalhos, pôde trazer crianças para seu meio, o que certamente despertou interesse desse público em aprender a Língua Alemã, para poder participar da peça teatral. O mesmo ocorreu no grupo de danças, que tem despertado interesse a mais pessoas em se integrarem ao grupo.

Oportunamente, registramos nosso agradecimento ao projeto *Juntos na diversidade* em auxiliar a Associação Germânica com seu intuito principal, e aguarda-se ansiosamente à continuidade deste importante projeto.



Cena da peça teatral *Glück, die deutsch Gemeinschaft*
Fonte: Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul.



Crianças na peça de teatro
Fonte: Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul.



Apresentação da Associação Cultural Germânica de Caxias do Sul, no evento de encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2016, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação do grupo de danças no evento cultural de lançamento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2018
Foto: Aldo Toniazzo.



Alles Gut Tanz Show, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Alles Gut Tanz Show, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.

Uma experiência gratificante: a música e a construção de cidadania

Rosa Veronese

Escola de Samba Acadêmicos Pérola Negra

O início

O projeto *Juntos na diversidade* foi concebido pela Secretaria Estadual da Cultura do RS (Sedac), e foi gerido pela UCS, com patrocínio do Banco Banrisul. Com este projeto, revisitamos o passado e preservamos a nossa história e muitas das manifestações linguísticas da região, como uma forma de manter nossa identidade e nosso patrimônio comum. Segundo a Unesco, os idiomas dizem quem nós somos, e a perda da diversidade linguística empobrece a humanidade.

Com um convite de João Tonus, representante da Sedac, num sábado frio e nublado, mas pleno de calor dado o entusiasmo de levar adiante um projeto de preservação das nossas origens e nossos valores linguísticos, na cultura da Serra gaúcha, e com particular atenção ao *Talian*, aceitei o convite, e assim foi acontecendo o contato com os trabalhadores da música e do canto.

Era maio de 2016, um período em que todos já possuíam seus planejamentos institucionais, quando aceitei o desafio imediato de organizar um coral infantil para cantar nossos dialetos, ainda que sem saber bem como isso poderia ser viabilizado.

Quem apoiou a proposta

Após contatar diferentes escolas, e ouvindo muitos não, foi confirmada uma escola que aceitou a proposta: a Escola de Samba Acadêmicos Pérola Negra, uma instituição fundada no dia 14 de fevereiro de 2007. Esta escola vem trabalhando com jovens na formação de percussionistas para tocar samba, com foco no carnaval de Caxias do Sul.

Os fundadores da escola foram o casal Salésio Evangelista Macedo e Joana dos Santos Macedo. Estes sempre foram os maiores apoiadores para a realização do passo a passo do projeto, semanalmente, trazendo vida e alegria para todos os participantes.



Apresentação realizada na Escola Municipal Francisco de Assis, em abril de 2017
Foto: Moraes Produções.

A Escola de Samba Acadêmicos Pérola Negra fica situada no Bairro Mariani, na cidade de Caxias do Sul. Os encontros da Comunidade e do Coral Infantil Pérola Negra aconteciam no pavilhão construído pela comunidade. Todos os participantes colaboraram nesta obra. O pavilhão é a sede da Escola, e local para todos os ensaios e encontros para reuniões e confraternizações, onde todos os membros são negros.

Atualmente, o pavilhão é chamado de *Quadra do Samba*. Ali, também se encontram todos os que gostam de samba, para calorosas confraternizações e momentos para desfrutar da música instrumental de raiz, que valoriza nossos compositores clássicos e populares, como valor e resgate de nossa cultura.

Nos últimos anos, o carnaval perdeu espaço e valor diante das prioridades dos novos gestores públicos nacionais e municipais. Porém, a presença das crianças repaginou o cotidiano da Escola de Samba. A primeira apresentação do Coral Infantil foi com 22 participantes, cantando em *Talian*, em Polonês, e canções da cultura afro.

Algumas apresentações marcaram positivamente o grupo, como o encontro de coros sacros da comunidade Cristo Redentor, em Caxias do Sul.



Apresentação realizada na comunidade Cristo Redentor em Caxias do Sul, no Natal de 2018

Foto: Moraes Produções.

Novas formas de levar o trabalho dos participantes para a comunidade surgiram em diferentes grupos de Caxias do Sul, e a Escola Pérola Negra também foi repensando novos espaços, levando o gênero do samba com o Clube do Samba, tocando e cantando o chamado “samba de raiz”.

O coro infantil também apresentou uma nova alternativa de resgatar nossos valores culturais através do canto. O grupo foi crescendo em participantes, afinação e qualidade das apresentações realizadas em diferentes momentos na vida da comunidade caxiense.

Quem acompanhou e avaliou

A participação da UCS foi importante no processo de organização dos grupos, de estruturação e de avaliação dos resultados anuais. Anualmente, eram realizados encontros com todos os grupos, e feitas apresentações dos trabalhos, compartilhados com todos. Ao final, os grupos também recebiam uma nota, atingida a partir da avaliação de profissionais da UCS e da Sedac.

O primeiro projeto, de 2016, recebeu nota de 77 pontos. O segundo projeto, em 2017, a nota foi de 92 pontos. No terceiro ano, em 2018, a nova foi de 100 pontos. Percebeu-se, claramente, com muita alegria, o crescimento e a qualidade do grupo.

Dedicamos muitos momentos para repaginar a Escola, incluindo o canto e aula de flauta com crianças de 6 a 13 anos de idade. Eram crianças do Bairro Mariani e do Bairro Reolon, da cidade de Caxias do Sul.

O início do trabalho foi com duas crianças: um menino e uma menina. Aos poucos, outras crianças foram chegando, até recebermos 23 participantes, que foram se integrando ao projeto de cantar canções das línguas *Talian*, Alemã, Cabocla, Kaingang e polonesa.

Foi estabelecido como objetivo geral cantar, tocar flauta, ler pequenas partituras, conviver com respeito, respeitar o pavilhão, os trabalhadores, como o Sr. Salésio e sua esposa Joana, como casal-presidente da Escola, e que sempre apoiaram o Coral Infantil e as outras atividades da Escola.

Todos os sábados, das 14h às 16h, o grupo realizava uma agenda específica com temas como: postura de palco, vocalise, leitura de notas musicais, e exercitavam um instrumento musical, como a flauta doce soprano.

Objetivos do grupo

Dentre as atividades e objetivos estão: trabalhar a percussão, afinação da voz, os valores de convivência e conhecimento de outras línguas e idiomas, como o caboclo moçambicano, *Talian*, Polonês, e a teoria musical. Alguns dos participantes aprenderam a tocar flauta doce.

Foram trajetórias muito gratificantes, que trouxeram como resultado mudanças de hábitos, a ampliação do olhar sobre a arte, a música e o canto. Este trabalho foi apresentado em diferentes espaços e eventos da comunidade caxiense e em escolas da cidade.

Fica a certeza: a música nos transforma como pessoas e transforma a sociedade!



Apresentação na Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, na Semana da Justiça Restaurativa, em novembro de 2019

Foto: Moraes Produções.

Agradecimentos

Ficam aqui meus sentimentos de gratidão a todos os que apoiaram a viabilização deste projeto, particularmente: ao Sr. Salésio e à Sra. Joana, o amigo Peco, o coordenador do Clube do Samba, Wagner, o Batata (baterista da escola de samba), os pais das crianças, os diretores das escolas municipais Paulo Freire e Francisco de Assis, onde foi apresentado o grupo em diversos momentos com os professores, e aos envolvidos João Tonus, da Sedac e o coordenador do projeto na UCS, Anthony Beux Tessari. Lembro aqui, também, com muita gratidão, os representantes do Barrisul, pelo patrocínio ao projeto *Juntos na diversidade*.



Apresentação no Lar da Velhice, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação na comunidade Cristo Redentor em Caxias do Sul, no Natal de 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação no encerramento do projeto *Juntos na diversidade* em 2016, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo.

Cantando in Talian

Grupo de Dança e Cantoria Voce dei Monti

O Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti*, de Coronel Pilar, foi criado em 2001. O objetivo do Grupo é cultivar as tradições dos antepassados, por meio de canções dos imigrantes italianos.

Os membros do grupo perceberam que a prática de cantar em *Talian* estava sendo abandonada aos poucos. Alguns cantores, que têm idades entre 70 e 80 anos, lembram que era comum ouvir pessoas cantando nas festas de família, nas festas comunitárias, nos bares e no trabalho na roça. Atualmente, sabe-se que é muito raro ouvir alguém cantando nesses locais.

Partindo deste princípio, foi formado o grupo, com o objetivo de realizar um encontro semanal para ensaiar as canções de imigração italiana. O grupo foi aprimorando sua performance e passou a participar de encontros de coros e encontros de cantorias italianas, realizados em várias localidades da Serra gaúcha e do Vale do Taquari.

A participação nos encontros de coros e cantorias favoreceu o intercâmbio com outros grupos, o conhecimento de novas canções em *Talian* e a realização de um encontro anual de coros e cantorias, na sede do Município de Coronel Pilar, chegando à sua XVIII edição em 2019. Não foi possível realizar outras edições devido à pandemia Covid-19, que assolou o mundo, a partir de 2020.

O Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti* passou a dedicar-se, também, a outras práticas culturais, tais como: Missa Crioula Gaúcha, Terno de Reis, animação litúrgica de missas da comunidade e *filós*. O Grupo gravou um CD com canções italianas que foi muito divulgado, especialmente, na Rádio Garibaldi 1410 AM.

Sentindo a necessidade de praticar canções dos imigrantes italianos com jovens, em 2002 foi criado o Coro Infantojuvenil de Coronel Pilar, formado por crianças e adolescentes. Este coro dedicou-se a interpretar músicas de repertório variado, mas tendo sempre presente canções italianas.

O Coro Infantojuvenil de Coronel Pilar também participou de muitos encontros de coros e passou a organizar três eventos anuais: o encontro de coros infantojuvenis em Coronel Pilar, chegando à XIV edição no ano de 2019; o Dia Mundial do Rock, realizado no mês de julho, em Coronel Pilar e o Encontro de coros em Areias Brancas – Arroio do Sal, RS.

O Coro Infantojuvenil de Coronel Pilar realizou participação especial na gravação de CDs do Pe. Osmar Coppi.

Nos anos de 2016, 2017 e 2018, o Grupo de Cantoria *Voce dei Monti* e o Coro Infantojuvenil de Coronel Pilar participaram do projeto *Juntos na diversidade*, da UCS. A participação no projeto foi idealizada pelo Prof. Marcos Antonio Pilatti, licenciado em Música pela UCS.

No ano de 2016, o Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti* promoveu o XV Encontro de coros e cantorias italianas em Coronel Pilar, com a participação de vários coros e grupos, com público estimado de 500 pessoas, sendo que a maioria das canções apresentada era dos imigrantes italianos. O encontro foi realizado no dia 26 de novembro de 2016.

No dia 19 de novembro de 2016, o Coro Infantojuvenil promoveu o X Encontro de coros infantojuvenis em Coronel Pilar, com a participação de vários outros, com um público estimado de 300 crianças e adolescentes. Para este encontro foi solicitado que cada coro apresentasse uma canção que contemplasse a diversidade linguística no Rio Grande do Sul, ou seja, canções em Língua Italiana, Alemã, Polonesa, Kaingang e Afro-Brasileira.

No ano de 2016, O Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti* e o Coro Infantojuvenil de Coronel Pilar realizaram apresentações artísticas nas seguintes localidades do Rio Grande do Sul: Coqueiro Baixo, Roca Sales (comunidades de Campinhos, Arroio Augusta Baixa e Alta), Lajeado, Caxias do Sul (na cidade e nas comunidades: Terceira Léguas, Ana Rech e São João Bosco), Nova Roma do Sul, Nova Bréscia, XX Semana Italiana no Seminário Apostólico em Farroupilha, Garibaldi, Vale dos Vinhedos – Bento Gonçalves, Nova Araçá, Campestre da Serra, Santa Tereza, Putinga, Bento Gonçalves, Vespasiano Corrêa, Carlos Barbosa (cidade e comunidade Cinco da Boa Vista).

Outras atividades realizadas em 2016 foram: gravação do CD do Pe. Osmar Coppi, no dia 4 de julho de 2016; missa crioula gaúcha; realização da Serenata de Natal pelas ruas da sede do Município de Coronel Pilar; festa de quinze anos do Coro Infantojuvenil; e ensaio de canções dos imigrantes italianos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves e Escola Estadual de Ensino Médio São Lourenço, de Coronel Pilar, RS.

No ano de 2017, foram promovidos os seguintes eventos: I Dia Mundial do Rock e Dia do Amigo em Coronel Pilar; XVI Encontro de coros e cantorias italianas em Coronel Pilar; XI Encontro de Coros Infantojuvenis em Coronel Pilar; e I Encontro de coros em Areias Brancas-Arroio do Sal, RS.

No ano de 2017, foram realizadas apresentações artísticas nas seguintes localidades do Rio Grande do Sul: Coqueiro Baixo, Roca Sales (cidade e comunidade de Campinhos e Arroio Augusta Baixa e Alta), Lajeado, Caxias do Sul (cidade e comunidade de Ana Rech), Nova Roma do Sul, Monte Belo do Sul, Muçum, Farroupilha, Garibaldi, Nova Bassano, Cotiporã, Vila Flores, Santa Tereza, Putinga e Bento Gonçalves (comunidade de Faria Lemos).

No dia 1º de setembro de 2017, foi realizada a “Noite Italiana” em Coronel Pilar, com Missa em Língua Italiana e palestra com os italianos Giorgia Miazzo e Gianluca Parise. Giorgia Miazzo divulgou seu trabalho nos livros: *Cantando in Talian*, Gramática em *Talian* e Descobrimo a América. Gianluca falou sobre a arquitetura italiana, especialmente sobre a construção de Veneza.

Nos meses de agosto, setembro e outubro de 2017, foram realizadas aulas de canções italianas, nas escolas do Município de Coronel Pilar, RS.

No mês de outubro, o Coro Infantojuvenil apresentou o teatro musical *Os Saltimbancos*, com apresentações nas escolas do Município de Imigrante, em Coronel Pilar e em Arroio do Sal.

No ano de 2018, foram promovidos os seguintes eventos: XVII Encontro de coros e cantorias italianas em Coronel Pilar, realizado no dia 17 de novembro; o XII Encontro de coros infantojuvenis em Coronel Pilar, realizado no dia 24 de novembro de 2018; o 2º Dia Mundial do Rock e Dia do Amigo em Coronel Pilar, realizado no dia 20 de julho; o II Encontro de Coros em Areias Brancas, realizado no dia 15 de dezembro de 2018; e o XVI Recital de Música e Dança em Coronel Pilar, com a apresentação especial do teatro *Mitincanto*, pelo Grupo de Teatro *Miseri Coloni*, de Caxias do Sul.

No ano de 2018, além de algumas comunidades mencionadas acima, foram realizadas apresentações nas comunidades de: Vista Alegre do Prata, Farroupilha (Santuário de Caravaggio), Caxias do Sul (Colégio São João Batista e Comunidade Nossa Senhora de Guadalupe), Carlos Barbosa (Coblens), Anta Gorda, Ipê, Bento Gonçalves (Tuiuty), Carlos Barbosa (Festival da Primavera), Nova Petrópolis, Garibaldi (Marcorama) e Antônio Prado.

A participação da comunidade foi sempre significativa. É importante frisar que as pessoas mais idosas se emocionam ao ouvir as canções italianas, pois trazem lembranças afetivas de seus pais e avós. Com relação à participação de crianças e adolescentes, também foi considerável. Nas escolas, foi possível atingir a todos os alunos e, no coro, conseguimos reunir até 35 crianças e adolescentes nas apresentações locais.

O projeto *Juntos na diversidade* deixou legados importantes. Primeiramente, a realização de encontros de coros que fazem as canções circularem pelas comunidades da região. Outro legado importante é o conhecimento de outras línguas. Embora a comunidade de Coronel Pilar seja predominantemente formada por descendentes italianos, foi possível ensaiar canções na Língua Alemã e Afro-Brasileira, especialmente pelo coro infantojuvenil. No futuro, é possível ampliar o repertório de canções em outras línguas.



Apresentação no evento cultural de encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2016, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação no Encontro de Cantorias Italianas, na Comunidade Nossa Senhora de Guadalupe, em Caxias do Sul, 2017

Foto: Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti*



Apresentação no IV *Cantare in Monte Belo* e abertura do 9º Polentaço em Monte Belo do Sul, em 2017

Foto: Grupo de Dança e Cantoria *Voce dei Monti*.



Apresentação no Festival de Coros de Coronel Pilar, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação no Festival de Coros de Coronel Pilar, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.

Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha

Gilberto L. Colombo

Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha

O Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha iniciou suas atividades em 7 de junho de 2008, sendo formado, principalmente, por crianças e jovens de escolas públicas de Farroupilha. O responsável pela iniciativa, Prof. Celso Antônio Oliveira Fortes, foi apoiado por um grupo de pais e responsáveis, que se identificaram com o propósito e, juntos, se inspiraram para construir e desenvolver o canto-coral para crianças e adolescentes.

A partir daquele momento, iniciou-se o trabalho para a formação e estruturação jurídica do grupo. Em 28 de agosto de 2009, foi possível ver o resultado destas ações, com a criação do Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha (ICPECAF), formado e constituído por familiares, responsáveis e amigos dos coristas. O Instituto tem a finalidade de desenvolver, através da música, um trabalho social e cultural, objetivando manter meninos e meninas no canto-coral, e apoiar e destinar recursos financeiros para a promoção de projetos e cursos de instrumentação, formação de corais, bandas e orquestras musicais.

Em março de 2020, o projeto do grupo, como tantos outros, foi paralisado em função da pandemia do Covid-19. Estava assim constituído: 25 integrantes em formação, com idades de 9 a 17 anos; a regência a cargo do Prof. Celso Fortes; a orientação técnica para o canto e a preparação vocal eram desenvolvidos pela Profa. Débora Marcon; a expressão corporal e a coreografia eram trabalhadas pela Profa. Giane Teixeira. Em sua rotina de trabalho, o Grupo conta com ensaios regulares semanais, técnica e preparação vocal desenvolvida às segundas-feiras, e canto-coral, expressão corporal e coreografia às quintas-feiras.

Para a manutenção de suas atividades, o Coro conta com o apoio e a colaboração da Prefeitura Municipal de Farroupilha, RS, da Escola

Estadual de Ensino Fundamental Carlos Fetter, do Clube do Comércio, e outras entidades do Município de Farroupilha, RS.

O trabalho desenvolvido, ao longo desse período, propiciou ao Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha estar presente nas principais atividades cívico-culturais do município e da região. Dentro deste contexto, destacamos: Show de Encerramento do Encontro de Tradições Italianas (Entrai), em 18 de agosto de 2013; Grande Concerto de Natal em Caravaggio, um encontro com mais de 400 vozes, em 15 de dezembro de 2013 e o VII Festival da Capo Coral de Erechim, em 3 de agosto de 2019, com 12 coros participando de dois dias de apresentações e interações.

O Coro Infantojuvenil participou ainda de diversas apresentações como: Maratonas Culturais de Farroupilha, Apresentação em Galópolis, Feiras do Livro, Festivais de Coros e Concertos de Natal, em diversas cidades da região nordeste do RS, Semana Italiana do Seminário Apostólico Nossa Senhora do Caravaggio, Fenakiwi, Projeto Vívere e Noite Branca de Farroupilha, além do projeto *Juntos na diversidade*, da UCS.

Em relação ao projeto *Juntos na diversidade*, tomamos conhecimento, através do Sr. João Wianey Tonus, que nos encorajou e motivou a fazermos a inscrição.

O Coro participou do projeto *Juntos na diversidade* em 2016, 2017 e 2018, com a atividade *Ricordare le canzoni italiane*, visando, através das letras de músicas na Língua *Talian* e do seu canto, compreender os sentimentos e a cultura dos imigrantes italianos. Este projeto foi desenvolvido através da atuação e colaboração da Profa. Débora Marcon, de técnica e preparação vocal, das Professoras Giane Teixeira e Giulia Macalossi, de expressão corporal e coreografia, do Prof. Celso Fortes, regente e orientador de canto-coral, e da Profa. Rosmari Rigatti, com ensino de Italiano. A organização ficou a cargo da Diretoria do Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha.

Participaram do projeto todos os coristas do Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha, nos anos de sua execução. Em 2016, foram 43 jovens e, em 2017 e 2018, participaram 41 jovens, todos com idades entre 7 e 17 anos, contando ainda com o apoio de seis pessoas da Diretoria Executiva e seis pessoas do Conselho Fiscal do Instituto.

As atividades do projeto foram realizadas nos dias regulares do ensaio, incorporadas às aulas normais, que eram disponibilizadas aos coristas. Visando complementar as atividades, buscamos propiciar ao Coral a participação em eventos que promovessem a cultura da imigração italiana, com enfoque principal em resgatar a cultura italiana no município e na

região, tais como o Entrai e a Semana Italiana do Seminário Apostólico Nossa Senhora do Caravaggio. Para o projeto, realizamos uma série de atividades, como: pesquisa de músicas do folclore italiano, observando a linguagem *Talian*; escolha das músicas para o canto-coral com linguagem adequada à faixa etária do grupo; trabalho do conhecimento da Língua *Talian*, com auxílio de orientador, para a pronúncia correta das palavras das músicas escolhidas e sua tradução para melhor interpretação do canto; ensaios regulares de técnica vocal, canto e expressão corporal para melhor interpretação e reprodução do repertório musical selecionado; inclusão das canções folclóricas italianas no repertório do Coro, para apresentações em datas e locais que possibilitaram a divulgação da cultura italiana em nosso município e na região.

Atividades do projeto desenvolvidas em 2016:

O quê?	Data	Em que lugar?	Para que público?	N. de pessoas presentes
* Aulas de técnica e preparação vocal	De abril a dezembro - segundas-feiras	DM Escola de Música Farroupilha – RS	Prof.ª Débora Marcon, coristas e acompanhantes	26
* Aulas de canto-coral, expressão corporal e coreografia	De março a dezembro - quintas-feiras	E.E.E.F. Carlos Fetter Farroupilha – RS	Diretoria e associados do Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha, regente Celso Fortes, coreógrafa Giane Teixeira e coristas	45
Encontros para ensaio e preparação de apresentações	Abril a junho - sábados seis encontros	E.E.E.F. Carlos Fetter Farroupilha – RS	Diretoria e associados do Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha, regente Celso Fortes, coreógrafa Giane Teixeira, maestro Vanderlei Fontanella da Banda Municipal Cinquentenário de Farroupilha, tenor Dirceu Pastori e coristas	76
Entrai – Encontro das tradições italianas	22/5/2016	Nova Milano Farroupilha – RS	Público do Entrai	500
XX Semana da Cultura Italiana – Seminário Nossa Senhora de Caravaggio	14/6/2016	Farroupilha – RS	Entidades públicas e comunidade	100
VI Festival de Coros em Canto de Farroupilha	29/10/2016	Clube do Comércio Farroupilha – RS	Coros de Farroupilha, Barão, Flores da Cunha, Bento Gonçalves e comunidade farroupilhense	400
Festival de Coros	18/11/2016	Tupandi – RS	Coros convidados, personalidades locais e pessoas da comunidade	300 Estimado
Encerramento do Projeto <i>Juntos na Diversidade</i> .	19/11/2016	Caxias do Sul – RS	Grupos participantes do projeto e público convidado	300 Estimado
Palestra de Motivação Língua Italiana e Talian Pe. Osmar Coppi		E.E.E.F. Carlos Fetter	Pe. Osmar, coristas e responsáveis pelo projeto	39

*Nestes itens e durante o período indicado, foi trabalhado o projeto *Juntos na diversidade*, bem como outros projetos de interesse do Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha.

Atividades do Projeto desenvolvidas em 2017:

O quê?	Data	Em que lugar?	Para que público?	N. de pessoas presentes
* Aulas de técnica e preparação vocal	De junho a dezembro - segundas-feiras	DM Escola de Música Farroupilha – RS	Prof.ª Débora Marcon, coristas e acompanhantes	26
* Aulas de canto coral, expressão corporal e coreografia	De junho a dezembro - quintas-feiras	E.E.E.F. Carlos Fetter Farroupilha – RS	Diretoria e associados do Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha, regente Celso Fortes, coreógrafa Giane Teixeira e coristas	45
XXI Semana da Cultura Italiana	21/6/2017	Seminário Nossa Senhora de Caravaggio, Farroupilha – RS	Autoridades públicas, da organização do evento, artistas participantes e público participante	300
Lançamento do projeto <i>Juntos na diversidade</i> 2017	12/7/2017	CIC – Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul – RS	Autoridades do estado, da UCS e do Banrisul. Representantes dos participantes do projeto e coristas	80
FENAKIWI 2017	06/8/2017	Parque Cinquentenário, Farroupilha – RS	Autoridades públicas e público participante da festa	450
VII Festival de Coros em Canto	28/10/2017	Clube do Comércio Farroupilha – RS	Coros de Farroupilha, Coronel Pilar, Bento Gonçalves, Flores da Cunha e público presente	400
Festival de Coros	17/11/2017	Tupandi – RS	Pessoas da comunidade e visitantes de outros municípios	300
XI Encontro de Coros Infantojuvenis de Coronel Pilar	25/11/2017	Igreja Matriz São Lourenço Coronel Pilar – RS	Pessoas da comunidade e visitantes de outros municípios	300
Encerramento do projeto <i>Juntos na diversidade</i>	09/12/2017	Casa do Gaúcho Caxias do Sul – RS	Autoridades e participantes do projeto	300 Estimado
Palestra de motivação, contexto histórico e geográfico da origem do canto Prof.ª Rosmari Rigatti	12/10/2017	E.E.E.F. Carlos Fetter	Coristas e responsáveis	30

*Nestes itens e durante o período indicado, foi trabalhado o projeto *Juntos na diversidade*, bem como outros projetos de interesse do Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha.

Atividades do Projeto desenvolvidas em 2018:

O quê?	Data	Em que lugar?	Para que público?	N. de pessoas presentes
* Aulas de técnica e preparação vocal	De setembro a outubro - segundas-feiras	DM Escola de Música Farroupilha – RS	Prof.ª Débora Marcon, coristas e acompanhantes	26
* Aulas de cantorial, expressão corporal e coreografia	De setembro a outubro - quintas-feiras	E.E.E.F. Carlos Fetter Farroupilha – RS	Diretoria e Associados do Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha, regente Celso Fortes, coreógrafa Giane Teixeira e coristas do Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha	45
XXII Semana da Cultura Italiana	13/6/2018	Seminário Nossa Senhora de Caravaggio, Farroupilha – RS	Autoridades públicas, da organização do evento, artistas e público participante	250
Festival de Coros	18/8/2018	Capela do Hotel Mosteiro São José Garibaldi – RS	Pessoas da comunidade e visitantes de outros municípios	300
VIII Festival de Coros Em Canto	20/10/2018	Clube do Comércio Farroupilha	Coros de Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Tupandi e público presente	500
Expo Farroupilha	25/11/2018	Palco principal da Expo Farroupilha Show de Encerramento do Evento	Autoridades da Expo Farroupilha e público presente	300

*Nestes itens e durante o período indicado, foi trabalhado o projeto *Juntos na diversidade*, bem como outros projetos de interesse do Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha.

Para o Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha e o Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha foi extremamente gratificante ter participado das três edições do projeto *Juntos na diversidade*, com oportunidades para resgatar e valorizar a cultura dos nossos imigrantes italianos. Foram trabalhadas, de acordo com o objetivo do projeto, cantos do repertório italiano e da Língua *Talian*. Oficinas do dialeto foram também oferecidas, para que os coristas tivessem maior contato com a letra e seu significado, e pudessem entender e interpretar o contexto com que foram escritas e sua mensagem.

Com o desenvolvimento da tecnologia e a globalização, crianças e adolescentes passaram a ter rápido e direto acesso a diversas culturas do mundo. Tal fato oferece uma amplitude de conhecimento e aprendizado, importantíssima para o desenvolvimento de bons cidadãos. Entretanto, é necessário que também reforcemos os vínculos das nossas crianças com

seu passado, valorizando a importância de sua história para o presente das nossas cidades e sociedade. Desta forma, o projeto *Juntos na diversidade* possibilitou o contato das crianças do Coro com aspectos da cultura de imigração italiana e da Língua *Talian*, que, de outra forma, não seria possível. Junto à incorporação das músicas desenvolvidas ao repertório de trabalho do Coro Infantojuvenil Canarinhos de Farroupilha, o contato e a valorização da nossa cultura foram os principais legados deixados pelo projeto.



Apresentação no evento cultural de encerramento, em 2016, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação no evento de lançamento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2017, na CIC, Caxias do Sul

Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação no Festival de Coros em Canto, em 2017

Fonte: Instituto Cultural dos Pequenos Cantores de Farroupilha



Apresentação de encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2017, no Auditório da CIC-Caxias do Sul
Foto: Aldo Toniazzo



Entrega do troféu de participação no projeto *Juntos na diversidade* para o grupo, em 2018
Foto: Daiana Cristani

Oficinas de artesanato e de cultura indígena

Orilde Ribeiro

Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Nivo

Breve histórico da Escola Nivo

A Escola Nivo, da comunidade indígena *Pã Nónh Mág* de Farroupilha, foi criada em 2007. Deu-se início ao funcionamento das atividades em uma sala de aula cedida pelo Colégio São Tiago, de Farroupilha. Por não ter um ambiente escolar adequado, dentro da comunidade indígena, quando iniciou o encaminhamento das atividades escolares, a coordenadoria de Educação decidiu que os alunos indígenas seriam atendidos nas dependências desse colégio, mas por um professor indígena da comunidade. Contudo, por lei, as escolas indígenas têm direito de ter atendimento diferenciado. As lideranças locais não aceitaram a proposta, e ficou aprovado que a sala de aula ficaria dentro da comunidade. A estrutura da sala de aula foi cedida pelo Colégio São Tiago.

Na época, as famílias moravam em barracas de lonas. Como não tinha um espaço para o professor desenvolver as atividades escolares com os alunos, foi construída uma barraca provisória como sala de aula. Com o passar dos anos, a comunidade indígena kaingang recebeu quinze casas de madeira, e uma dessas casas foi destinada para funcionar como escola. A escola atendia alunos do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, com ensino multisseriado, e um ensino diferenciado, trabalhando a cultura local.

No ano de 2019, saiu o credenciamento da Escola Nivo, sendo reconhecida como uma escola estadual. Para a comunidade indígena do povo da etnia kaingang, foi uma grande conquista, pois foram anos de lutas para que a escola fosse reconhecida.

Projeto Juntos na diversidade

No ano de 2016, a Escola Nivo e seu grupo foram convidados para participar da primeira edição do projeto *Juntos na diversidade*. O grupo apresentou cantos na Língua Kaingang. Os participantes usavam roupas típicas, chocalhos nas mãos e, no palco de apresentações, como decoração, havia artesanatos da cultura kaingang.

No ano de 2017, na segunda edição do projeto, o grupo apresentou uma dança. Os participantes do sexo feminino usavam roupas típicas, cocar, adornos, pintura corporal com grafismo kaingang e, no rosto, suas marcas tribais do *kamé* e *kairu*. Os participantes do sexo masculino usavam calção, cocar, lanças, adornos, pintura corporal e suas marcas tribais do *kamé* e *kairu*. A dança expressa a resistência e a bravura de um povo.

No ano de 2018, na terceira edição do projeto, a Escola Nivo apresentou, com os alunos, músicas na Língua Kaingang, também traduzidas para o Português. Na letra, a música se referia às estrelas, a pássaros, ao mar, às pessoas e à natureza. Por meio da música, foi passado para as pessoas que os índios, no passado, dependiam da natureza e de tudo que existia nela, para sobreviver. Com o passar do tempo, isso foi roubado dos índios, sua forma de sobreviver, e tiveram que se adequar com uma nova vida que a sociedade branca trouxe até eles. Na apresentação das músicas, os integrantes do grupo usavam roupas normais, iguais às do branco: camiseta com o seu nome kaingang atrás, e pintura da sua marca tribal no rosto.



Pintura corporal na aldeia indígena de Farroupilha, 2016

Foto: Anthony Beux Tessari.

As ações desenvolvidas pela Escola Nivo, nesses três anos de projetos, tiveram como responsável pelo grupo a Profa. Orilde Ribeiro, que leciona na escola com a ajuda de Silvana K. Antonio. Os integrantes do grupo são 25 pessoas, entre crianças e jovens, com idade entre 4 anos a 18 anos; crianças que estudam na Escola Nivo e jovens que estudam fora e moram na comunidade indígena *Pã Nónh Mág*, da cidade de Farroupilha.

O grupo da Escola Nivo apresentou atividades para alunos universitários, alunos de escolas municipais e estaduais fora da comunidade, e para pessoas que visitassem a comunidade e tivessem interesse em conhecer a cultura kaingang, atingindo um público estimado de quatrocentas pessoas. Por meio do projeto *Juntos na diversidade*, a Escola Nivo e seu grupo teve a oportunidade de demonstrar um pouco da cultura kaingang, e conhecer outras culturas, adquirindo novos conhecimentos de culturas que não fazem parte do seu cotidiano. Foi muito bom ter participado do projeto *Juntos na diversidade*. Esperamos que aconteçam mais oportunidades para que os grupos participantes do projeto possam mostrar suas heranças culturais, vindas dos seus antepassados.



Apresentação no encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2016, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação no encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2017
Foto: Aldo Toniazzo.



Escola Nivo, em 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação do grupo da Escola Nivo na sua comunidade, em Farroupilha, em 2018
Foto: Aldo Toniazzo.



Coral Pequenos Cantores, cantando nossas origens

EMEIEF Pequenos Brilhantes

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pequenos Brilhantes surgiu a partir da necessidade de ter, na comunidade, um espaço para o aprendizado das crianças. Então, um grupo de pais se reuniu e começou a se mobilizar procurando esse espaço e meios para que isso fosse possível. Em 1994, em acordo com a Prefeitura Municipal e a Paróquia da Vila Segredo, a Escola de Educação Infantil passou a funcionar no Centro Comunitário de Vila Segredo, que já era utilizado para biblioteca, catequese, salas de reuniões, posto do correio e até para velórios. A primeira turma tinha nove alunos, entre 5 e 6 anos de idade.

No ano de 1998, as atividades foram interrompidas por falta de alunos, e retomadas no ano seguinte.

No ano de 2001, a escola passou a ser regulamentada pelo Decreto Municipal n. 457, de 11 de dezembro e pelo Parecer n. 838/2002, do Conselho Estadual de Educação, passando a ser denominada Escola Municipal de Educação Infantil Pequenos Brilhantes. O nome foi escolhido por votação pelos pais e alunos, no ano de 1999. Para a escolha, foram elencados cinco nomes e, na época, havia uma novela de televisão com o nome de Escola de Pequenos Brilhantes, o que influenciou a escolha.

Em 2009, através do Decreto n. 857, de 23 de julho de 2009, criou-se a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pequenos Brilhantes, com o objetivo de nuclear as escolas municipais que funcionavam em diversas capelas do distrito de Vila Segredo, neste período a escola passou a atender também alunos do 1º ao 4º anos.

A educação implica sempre uma visão de mundo, na relação da sociedade com os indivíduos, pois educar no trabalho, na participação, na criatividade, na autogestão, na esperança é educar para a vida. Nossa missão é proporcionar um ensino com qualidade, na construção de uma

sociedade justa, igualitária, que vivencie os valores e conhecimentos socialmente úteis, almejando o desenvolvimento integral do ser humano como sujeito ativo no contexto social, que conheça seus direitos e cumpra seus deveres.

A Escola tem por finalidade assumir o processo educativo; favorecer o desenvolvimento integral do educando; promover o senso crítico sobre a realidade social do aluno, considerando as possibilidades de aprendizagem que se apresentam, nas diferentes faixas etárias.

No ano de 2011, com o aumento no número de alunos e séries houve a necessidade de criar o cargo de diretor da escola.

No ano de 2020, em acordo entre o Município de Ipê e a 23ª CRE, a Escola Pequenos Brilhantes passou a funcionar em prédio cedido pelo estado, junto à Escola Estadual São João Batista de La Salle.

Hoje, a Escola Pequenos Brilhantes atende 62 alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

A comunidade onde a escola está inserida é formada em sua maioria por pequenos agricultores, tendo destaque a agricultura familiar, a fruticultura, a avicultura, a suinocultura, a agricultura ecológica e pequenas indústrias. No centro do distrito, encontra-se, também, uma agência bancária, posto de correio, dois mercados, uma rodoviária, uma loja, uma agropecuária, três salões de beleza, duas borracharias, câmara fria, um restaurante, telefone, internet, praça com igreja construída em pedra, parque infantil, academia ao ar livre, campo de futebol, um salão paroquial, com quadra de futebol de salão, cancha de bocha, poço artesiano para fornecimento de água, e as ruas pavimentadas em toda a área urbana, consta também com a sede de subprefeitura.

A população tem como lazer: festas paroquiais, jantares dançantes, jogos de futebol de campo, salão, voleibol, bochas, inclusive de baralho. Contando também com camping, grutas, quadro de laço, associações e entidades organizadas.

A maioria das famílias é composta por descendentes de italianos, e o dialeto italiano é muito falado entre as famílias. Isso motivou nossa Escola a participar do projeto *Juntos na diversidade*, nos anos de 2017 e 2018, visando o Incentivo à Preservação da Diversidade Linguística e Cultural da região, projeto que teve o patrocínio do Banrisul, apoio do governo do Rio Grande do Sul e a execução da UCS.

Em 2017, o título do nosso projeto foi *Valorizando nossas origens* através de canto-corral italiano, sendo que, no decorrer do ano letivo,

os alunos tiveram aulas semanais de canto-coral com a Profa. Alvania Zanotto e com o Prof. Miguel Waldemir da Silva como forma de estudar, reconhecer e valorizar as origens italianas. Neste período, participaram das atividades 22 alunos entre 6 a 10 anos de idade.

Divulgação e participação do público

O quê?	Data	Em que lugar?	Para que público?	N. de pessoas presentes
7ª Festa das Sementes Crioulas	19/8/2017	Salão Paroquial da Vila Segredo	Pessoas de todo Brasil	Em torno de trezentas pessoas
Coral italiano cantando suas origens	2/10/17 5/10/17 25/10/17 6/11/17	Cantina e Igreja Matriz de Vila Segredo	Turistas da 3º idade de Caxias do Sul, projeto Conviver	60 pessoas

Para desenvolver as aulas de canto italiano, foram utilizadas as técnicas de audição, assistir vídeos e leitura das letras das músicas e a tradução das palavras que os alunos não entendiam, treino das músicas, repetição de palavras e a ajuda da família que preserva e utiliza o dialeto italiano em seu dia a dia. A comunidade participou das apresentações do coral (pais, avós, 3ª idade, grupo de turistas e comunidade em geral) que apoiam e praticam, no dia a dia, com a família. Todo o trabalho foi documentado e registrado através de fotos e vídeos.

Houve uma grande integração, pois através deste projeto a Escola realizou visitas a locais para um conhecimento maior da cultura e da história, tivemos a troca de experiências com turistas de Caxias do Sul que assistiram ao coral, prestigiando-o, além da Festa das Sementes Crioulas que recebeu a visita de pessoas de vários estados brasileiros.

No ano de 2018, participaram 50 alunos entre 4 a 10 anos de idade, tendo como responsáveis as professoras: Adriane Magro Xavier e Alvania Zanotto.

Divulgação e participação do público

O quê?	Data	Em que lugar?	Para que público?	N. de pessoas presentes
Cantando nossas origens para os avós	17/10/2018	Salão Paroquial de Vila Segredo	Avós do Grupo da 3ª idade de Vila Segredo	Em torno de trinta pessoas
Pré-lançamento do Circuito integrado de turismo da macrosserra gaúcha	21/11/2018	Cantina Zanotto, Vila Segredo	Pessoas e autoridades da região	Em torno de cinquenta pessoas
Canto de Natal italiano	1º/12/2018	Igreja Matriz de Vila Segredo	Comunidade de Vila Segredo	Em torno de cem pessoas
Formatura e encerramento letivo	14/12/2018	Salão Paroquial de Vila Segredo	Comunidade em geral	Em torno de duzentas pessoas

Para auxiliar no desenvolvimento das aulas, foram utilizados recursos audiovisuais, leitura das letras das músicas, repetição das palavras e a tradução das palavras para a identificação das mesmas pelos alunos. As famílias também auxiliaram preservando e utilizando o dialeto italiano em seu dia a dia.

A avaliação que tivemos do projeto foi muito positiva, pois possibilitou o conhecimento, o resgate e a valorização da cultura de imigração italiana. Oportunizou também grande integração, pois a Escola realizou apresentações para a comunidade local e da região, como forma de divulgar nossa cultura linguística. A partir desse projeto, criou-se o coral da escola, que tem como nome *Coral Pequenos Cantores*, sob a orientação da Profa. Alvania Zanotto.



Alunos e professora Alvania Zanotto, orientadora do coral Pequenos Cantores.
Fonte: EMEIEF Pequenos Brilhantes.



Apresentação para o grupo da Terceira idade “Alegria de Viver”, de Vila Segredo – Ipê, em 2018

Fonte: EMEIEF Pequenos Brilhantes.



Apresentação na Cantina Zanotto, em Vila Segredo – Ipê, no pré-lançamento do Circuito Integrado de Turismo da Macrosera gaúcha

Fonte: EMEIEF Pequenos Brilhantes.



Apresentação em 2018

Fonte: EMEIEF Pequenos Brilhantes.



Apresentação em frente à Igreja Matriz de Vila Segredo – Ipê, para grupos da terceira idade da região

Fonte: EMEIEF Pequenos Brilhantes



Apresentação de Natal para a comunidade de Vila Segredo – Ipê, na Igreja Matriz, em 2018

Foto: Anthony Beux Tessari.

A Braspol no projeto *Juntos na diversidade*

André Hamerski

Braspol – Representação Central da Comunidade
Brasileiro-Polonesa do Brasil – Núcleo de Nova Prata

Levas de imigrantes poloneses ao Rio Grande do Sul iniciaram em 1875 e se assentaram como agricultores na atual Linha Azevedo de Castro, hoje Município de Carlos Barbosa. A imigração ao RS começou pela Serra gaúcha, mas, já no período da assim chamada “febre brasileira” imigratória ao Brasil, nos anos 1890 e 1891, existem dados indicadores da presença do imigrante polonês em Baixa Grande-Riozinho (então Santo Antônio da Patrulha), Dom Feliciano, Silveira Martins, Ijuí, além de Caxias do Sul, São Marcos, Nova Roma do Sul, Santa Tereza, Bento Gonçalves, Cotiporã, Veranópolis, Nova Prata, Vista Alegre do Prata e Guaporé.

A Braspol, Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil, com sede em Curitiba, está com Núcleos na Serra gaúcha, fundados nas cidades de Caxias do Sul, Nova Roma do Sul, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Santa Tereza, Cotiporã, Veranópolis, Dois Lajeados, Vespasiano Corrêa, Vista Alegre do Prata, Nova Bassano e Nova Prata. Nesses núcleos, os descendentes de poloneses, maciçamente rodeados por descendentes de italianos, têm o desafio de atuar em favor da manutenção do sentimento de descendência polonesa e, o que é mais difícil, da língua materna, a polonesa. Alguns Núcleos da Braspol prosperam, outros estão em estado latente.

JUNTOS NA DIVERSIDADE – Incentivo à preservação da diversidade linguístico-cultural na região da Serra gaúcha, lançado em 2016 pela UCS, foi a “luva” para que núcleos da Braspol, na Serra gaúcha despertassem para “embarcar” nessa oportunidade.

Ano de 2016

Cotiporã

Os descendentes de poloneses agremiados no Núcleo da Braspol em Cotiporã entraram no programa, através de uma sequência de atividades denominada *Canto e reza em polonês*, com onze adultos, sendo uma adolescente. Suas atividades consistiram em oficinas de pronúncia dos fonemas da Língua Polonesa, leituras em grupo e individualmente de textos de canções polonesas, vocalização de canções, tradução para o Português do sentido dessas canções, aprendizagem de rezas em Polonês. As oficinas, coordenadas por Vanda Stolarski Hamerski foram auxiliadas pela aprendiz Rosane Romanato Belizki. Fátima Belizki, também aprendiz, conduziu as oficinas de rezas. As canções trabalhadas foram *Opoczno, Kukułeczka, Cyganeczka, Hej z góry, Jak długo w sercach naszych, Na Wawel, Czerwone Jabłuszko, Gwiazdo Śliczna, Czarna Madonna, Barka, Zdrowaś Maryja e Kiedy Ranne*, e as rezas *Ojczy Nasz e Zdrowaś Maryjo*, no período de maio a novembro de 2016, culminando com a apresentação final no UCS Teatro.

Atualmente, os descendentes de poloneses residentes em Cotiporã são poucos, mas foram os imigrantes poloneses os audaciosos a desbravar grande parte das encostas do rio das Antas e as fizeram produtivas. Até hoje, temos a Comunidade de São Casemiro, composta por pessoas descendentes em 4ª, 5ª e 6ª gerações de imigrantes poloneses, que não migraram dali para outras paragens. Pessoas de 4ª geração ainda falam o polonês materno. A comunidade possui um patrimônio material que é a capela, de edificação recente, fruto de indenização pela invasão das águas da represa para a hidrelétrica *14 de Julho*, que está em estilo arquitetônico originário das montanhas na Polônia. Outro patrimônio material são as históricas cruzes recolhidas dos jazigos de imigrantes falecidos, sepultados no antigo cemitério, hoje inundado pelas águas da represa. Bem trabalhados esses dois patrimônios poderão trazer atrativo turístico, erudito e paisagístico.

Veranópolis

Os descendentes de poloneses agremiados no Núcleo da Braspol em Veranópolis entraram no programa através de uma sequência de atividades denominada *Manter vivas as nossas raízes*, com 15 adultos. Suas atividades consistiram em oficinas de pronúncia dos fonemas da Língua Polonesa, leituras em grupo e individualmente de textos de cânticos e

canções polonesas, vocalização dos cânticos e canções e tradução para o Português, aprendizagem de rezas em Polonês, coordenadas por Vanda Stolarski Hamerski, ajudada pelas aprendizes Ana Maria Reschke Fiorentin e Ana Regina Dalla Coletta, tendo como presidente do Núcleo Fabiano Kaczalla.

Os cânticos e canções escolhidos para as atividades foram *Czarna Madonna, Barka, Ojciec z Niebios, Zdrowaś Maryja, Gwiazdo Śliczna, Pobłogosław Jezu Drogi, Abba Ojczy, Święta Łucyja, To Ty (La Paloma), Gdzie Strumik Płynie z Wolna, Wojenko Wojenko e Hej z Góry*. Foram trabalhadas as rezas *W Imię Ojca...*, *Modlitwa Pańska (Ojczy Nasz)*, *Zdrowaś Maryjo* e *Chwała Ojcu...*

A Diretoria do Núcleo da Braspol local divulgou à comunidade o trabalho, na esperança de adesão de mais pessoas interessadas na aprendizagem.

Foi mostrado em caráter cênico o aprendido, bem como, na oportunidade, participado de celebração religiosa através dos cânticos sacros. Em outubro, os integrantes das oficinas mostraram nas festividades dos 120 anos de fundação da Sociedade Cultural “Águia Branca”, em Rio Grande, parte do produzido pelo canto vocal. No dia 10 de dezembro de 2016, participou com cânticos sacros e canções na inauguração do Monumento ao Papa São João Paulo II, em Nova Roma do Sul, em caráter de apoio e integração com a Braspol daquela cidade.

As oficinas culminaram com apresentação com as outras etnias, na sede da Universidade de Caxias do Sul. Após o encerramento do projeto, ainda em 12 de dezembro de 2016, em Nova Prata, o grupo apresentou-se com algumas canções na partilha do *opłatek* (evento Natal “Kalino”), celebração promovida pelo Núcleo da Braspol de Nova Prata.

Nova Prata

Por sua vez, os integrantes do Núcleo da Braspol de Nova Prata elegeram, para a sua participação no projeto, a atividade sob o título *Falar em polonês eu quero*.

Três crianças, 22 adolescentes e nove adultos abraçaram a atividade que consistiu de ensaios de danças folclóricas polonesas, nas quartas-feiras e nos sábados. Como quase todas as danças folclóricas são embelezadas com canções, procedeu-se ao exercício da pronúncia e cantoria das canções das danças *Polka Trablanka, Kraków Region, Żywiec, Gaik e Marsz Marsz Polonia*. Integrados com a comunidade em geral, foi promovido ao

público um *ognisko*, que é uma atividade coletiva em que o participante, ele mesmo, assa a linguiça e a degusta com pãozinho, assistindo a danças e cantorias folclóricas. O *ognisko* é uma herança principalmente do escotismo polonês e é muito apreciado em muitas esferas da vida dos poloneses, até hoje.

As oficinas culminaram com apresentação integrada com outras etnias participantes do projeto, na sede da Universidade de Caxias do Sul.

Ano de 2017

Demonstrado o resultado das iniciativas, a UCS propôs e o Banrisul e governo do estado apoiaram nova edição do projeto para o ano de 2017.

Cotiporã

A comunidade polônica¹ de Cotiporã aderiu e se propôs a trabalhar com a atividade intitulada *Cantos e apresentação do Natal polonês*.

Com a participação de um adolescente e de oito adultos lá foram o cotiporanenses de origem polonesa, uma vez na semana, na residência do casal João André Pitol e Vera Lúcia Sikorski Pitol ensaiar a pronúncia das canções natalinas polonesas, chamadas *kolędy*.

É sabido que, hoje, as comunidades de densidade populacional descendente de imigrantes poloneses estão com a língua materna, a polonesa, no olvido e que para obter uma cena com pessoas falantes da Língua Polonesa, ensaios e mais ensaios de pronúncia do Polonês são necessários. E assim foi feito na residência do referido casal. Embora se tenha progredido na aprendizagem, não se logrou soma de mais pessoas interessadas. O mundo contemporâneo exaure o tempo das pessoas, oferecendo outros atrativos e outros “compromissos”, e as fileiras de pessoas para o resgate e a manutenção dos valores originais trazidos, antes cultivados pelos imigrantes, vão esmorecendo.

Nos ensaios era frequente o comentário de que pelo menos a memória da comunidade deve ser preservada. E, um dos recursos disponíveis na Comunidade de São Casemiro são as cruces das sepulturas do antigo cemitério, hoje alagado pela represa da hidrelétrica *14 de Julho*, no rio das Antas. Um memorial à imigração polonesa local com essas cruces poderá ajudar no fomento do turismo cultural, argumentava-se.

¹ Polônico(a): descendente de poloneses.

Com a presença de representantes da Secretaria de Turismo e do vice-prefeito do Município de Cotiporã, a equipe voluntária no projeto, no dia 3 de outubro, demonstrou ao Poder Público e à comunidade como conduz as oficinas. Essa apresentação teve lugar na comunidade de São Casemiro, hoje com instalações, igreja, salão comunitário e cemitério em posição mais acima do nível da represa das águas da hidrelétrica. O encontro dava a entender que o Poder Público se voltaria para a comunidade, via investimentos, o que de fato, em parte, já aconteceu através da construção de um interessante pórtico, Pórtico de São Casemiro. Esse pórtico, com características arquitetônicas da região de Zakopane, na Polônia, está posicionado à margem da rodovia que liga Bento Gonçalves a Cotiporã, na derivação da mesma à direita, em direção à comunidade.

A sobrevivência da herança material e imaterial está nas mãos da comunidade, do Poder Público e de pessoas movidas por ideais elevados, incomuns no cotidiano popular. A língua materna ali, só por milagre sobreviverá. Para a língua materna sobreviver, é necessário sentimento, paixão e abstenção do pós-modernismo que nos assola.

Veranópolis

Polônicos de Veranópolis, também via Núcleo da Braspol local, se mobilizaram para participar da segunda edição do projeto. Onze pessoas adultas e uma menina, em regime de uma vez por semana no início da noite, abraçaram a atividade “Lembrar para não desaparecer”. Prepararam a encenação popular polonesa da *Święconka*, a Bênção dos Alimentos, na vigília da Páscoa, costume trazido pelos imigrantes poloneses aos pagos do Rio Grande do Sul. Consiste esse ritual na preparação do cestinho de alimentos básicos para a comemoração da Páscoa, tais como, com a respectiva simbologia: pão ou broa, Cristo, pão da vida; ovos pascais, início da vida, de nascimento ou de ressurreição; sal, persistência, imortalidade, proteção da vida humana; salame, presunto, carne, bem-estar, fartura; queijo, amizade entre o homem e os animais domésticos; bolo pascal (normalmente assado em casa), perfeição, a sabedoria; cordeirinho, Cordeiro de Deus, a oferta; água, Espírito Santo, renascimento do homem; raiz forte, vitória da amarga paixão de Cristo. No ritual completo, o conteúdo desse cestinho é bento pelo padre da comunidade. Ao lado do cestinho pascal os veranopolitanos polônicos cantaram na língua materna polonesa *Wstał Pan Chrystus* (Cristo Ressuscitou).

Para estimular a percepção do patrimônio imaterial gerado pela imigração polonesa no Município, com o Poder Público Municipal, na Casa da Cultura, houve uma exposição *A to Polska właśnie* (A Polônia é isso aí) com momento artístico na abertura. Foram apresentadas as canções ensaiadas com a ajuda do jovem músico Marcelo Zganzerla.

Bento Gonçalves

Nesta segunda edição, aderiu ao projeto também um grupo de polônicos organizados em torno do Núcleo da Braspol de Bento Gonçalves, coordenado pelo presidente Nelson Szelbracikowski, com a pronúncia e vocalização em polonês das canções *Wszyscy Polacy to Jedna Rodzina* e *Tam od Odry, Tam od Warty*, que juntos com outros grupos se apresentaram no evento cultural de encerramento do projeto, organizado pela UCS, em Caxias do Sul.

Nova Prata

Os polônicos de Nova Prata aderiram com 29 crianças e adolescentes e com sete adultos na atividade chamada *Polonês, a língua da minha mãe*. A atividade assim denominada pelos próprios participantes consistiu em aprender a saudar-se e a se apresentar a outra pessoa, bem como, ensaiar a canção *Przybyli Ułani* em sua língua materna, o Polonês.

Os adolescentes e as crianças também se valiam da modalidade extraoficina de e-learning, disponível na internet.

Em Nova Prata estamos diante de uma comunidade polônica inerte, mas sonha-se que a expressão “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” traga resultado na preservação do imaterial polonês, trazido ao município pelas levas colonizadoras de imigrantes poloneses no século XIX. Apesar dessa constatação, já é possível ouvir comentários na comunidade de que é tempo de construir-se a árvore genealógica das famílias, de levantar mais dados sobre a história da imigração e até jovens se indagando se não seria possível estudar na Polônia.

No dia 20 de outubro, no salão da Comunidade do Gramadinho, na presença de representantes da Prefeitura Municipal e comunidade em geral, foi realizada uma simulação de oficina de Língua Polonesa, cantos e danças.

A canção *Wszyscy Polacy to Jedna Rodzina* (Todos os poloneses são uma família) foi pelos quatro grupos polônicos cantada no encerramento do projeto, na sede da UCS.

Ano de 2018

Felizmente, a reedição do projeto aconteceu também para o ano de 2018.

No empirismo das duas edições anteriores, a coordenadora Vanda Stolarski Hamerski visualizou que, entre a população polônica da Serra gaúcha o conhecimento da história da imigração necessita de reforço. A nova edição do projeto *Juntos na diversidade* partiu com a proposta de continuar com atividade de oficinas de polonês, porém com teatralização na Língua Polonesa de alguns elementos do processo migratório de poloneses ao Rio Grande do Sul.

Partiu-se para juntar os 12 participantes do Núcleo da Braspol de Veranópolis com os 18 do Núcleo da Braspol de Nova Prata, resultando um grupo aprendiz de 30 pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos, quase todos experientes com as edições anteriores do projeto.

A atividade foi denominada *Um passeio pela história da imigração polonesa no Rio Grande do Sul*, envolvendo pronúncia e teatralização de textos em polonês, vocalização de canções polonesas *Pod Żaglami Zawiszy*, *Jeszcze Jeden Mazur*, *Kaczeńce*, *Śpij Kolego w Ciemnym Grobie* e *Góralu Czy Ci nie Żal?*, tudo com tradução simultânea para o Português, projetada na tela para o espectador acompanhar.

Colheu-se dessa iniciativa um resultado muito gratificante, pois os jovens começaram a gostar do Polonês, fazendo-o de forma teatral. As oficinas aconteciam conjugadas, ora em Nova Prata, ora em Veranópolis.

No dia 16 de novembro, no salão comunitário de Gramadinho, com uma plateia de 104 convidados provenientes de Veranópolis, Nova Roma do Sul, Nova Prata e de Vila Maria, a encenação foi feita em improvisado palco, e honrada pela avaliação presencial do Prof. Anthony Beux Tessari, da UCS.

O desenrolar da “peça teatral”, se é que podemos chamar de peça teatral, teve seu efeito de reflexão no espectador sobre a história do imigrante polonês, recolhida através de opiniões anônimas escritas, tão logo fechada a cortina fictícia do palco, improvisado em tosco salão comunitário, comum na Serra gaúcha. Fica aí uma sugestão para ampliação da “peça teatral” com

aperfeiçoamentos no texto, na técnica de apresentação e dinamização dos recursos audiovisuais da multimídia disponível nos dias de hoje. Poderá servir a amadores, quicá profissionais, da história, da língua materna e da educação. Poderá atender à curiosidade do coletivo, necessariamente em municípios onde a densidade populacional de descendentes de poloneses é expressiva, bem como, em outros municípios interessados no RS. Indiretamente, estamos diante de um produto que, depois de “lapidado”, poderá percorrer o RS ainda mais, se o estado sensibilizado estiver propenso ao patrocínio de tais iniciativas.

Já no dia 24 de novembro, nas dependências da tradicional Sociedade Alfredo-Chavense foi a vez da cidade de Veranópolis avaliar a “peça teatral”, com as ilustres presenças de representantes do governo municipal, do Prof. Anthony Beux Tessari, e do Pe. Décio Podenski, então pároco de Antônio Prado.



Apresentação no encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2017, no Auditório da CIC-Caxias do Sul
Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação na comunidade de Gramadinho, em Nova Prata, 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação na comunidade de Gramadinho, em Nova Prata, 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Div
Pro prese
linguis

UNIVERSITATEA CLUJ
UNIVERSITY OF CLUJ
UNIVERSITY OF CLUJ

paradores na diversidade

Programa de incentivo à
preservação da diversidade
étnica e cultural na região
da Serra Gaúcha.



Apresentação no encerramento do projeto *Juntos na diversidade*, em 2016, no UCS Teatro
Foto: Aldo Toniazzo.



Apresentação na Sociedade Alfredo-Chavense, em Veranópolis, 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.



Apresentação na Sociedade Alfredo-Chavense, em Veranópolis, 2018
Foto: Anthony Beux Tessari.





A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 100 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1000 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



Bem-vindo
Willkommen
Witamy
Kamū Hà Han Nô
Benvenuto
Willkommen
Witam
Kamū Hà H
Ben
Bem
Wit
U

“Este é um livro escrito por muitas mãos. Aqui são apresentados os resultados do envolvimento de professores, produtores culturais e entidades culturais e educacionais de municípios da Serra gaúcha, em prol da diversidade linguística e cultural, no âmbito do projeto *Juntos na diversidade*, executado pelo Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

[...] este livro propõe uma importante ação de registro, de reflexão, de discussão e de difusão de práticas de preservação do patrimônio linguístico-regional. Contra o empobrecimento que a perda das línguas representa, este trabalho pode servir para auxiliar na construção de uma sociedade mais rica, no sentido do convívio entre os sujeitos e de respeito às diferenças que formam a nossa diversidade cultural.”



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



ISBN 978-65-5807-081-8



UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

INSTITUTO MEMÓRIA
HISTÓRICA E CULTURAL

